



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
(UFPI)
Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste
(TROPEN)
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(PRODEMA)
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(MDMA)

**CONHECIMENTO BOTANICO TRADICIONAL EM COMUNIDADES
RURAS DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE**

FRANCISCA CARLA SILVA DE OLIVEIRA

TERESINA

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
(UFPI)
Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste
(TROPEN)
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(PRODEMA)
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(MDMA)**

FRANCISCA CARLA SILVA DE OLIVEIRA

**CONHECIMENTO BOTANICO TRADICIONAL EM COMUNIDADES
RURAS DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN) como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de Concentração: Desenvolvimento do Trópico Ecotonal do Nordeste. Linha de Pesquisa: Biodiversidade e Utilização Sustentável dos Recursos Naturais.

Orientadora: Dra. Roseli Farias Melo de Barros

TERESINA
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

O48c Oliveira, Francisca Carla Silva de.

Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semi-árido piauiense [manuscrito] / Francisca Carla Silva de Oliveira. – 2009.

134 f.

Cópia de computador (printout).

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), 2008.

FRANCISCA CARLA SILVA DE OLIVEIRA

**CONHECIMENTO BOTÂNICO TRADICIONAL EM COMUNIDADES
RURAS DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE**

Dissertação aprovada pelo Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN) como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de Concentração: Desenvolvimento de Trópico Ecotonal do Nordeste. Linha de Pesquisa: Biodiversidade e Utilização Sustentável dos Recursos Naturais.

Aprovada em 05 de dezembro de 2008

Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros
Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN)

Profa. Dra. Maria Bernadete Costa e Silva
Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (Herbário IPA)

Profa. Dra. Maria do Socorro Lira Monteiro
Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN)

A meus pais, Deijanira Vilas-Boas e Francisco Carlos Oliveira e ao
meu esposo, Luciano Santana.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus que permitiu a realização desse trabalho e a concretização de um grande sonho.

À Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEDUC) e Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), pela concessão de dispensa das atividades escolares.

Ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) e à Universidade Federal do Piauí, pelos conhecimentos e formação científica.

À Coordenação do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí, nas pessoas dos professores José Luís Lopes de Araújo e Maria do Socorro Lira Monteiro, pelo direcionamento das atividades acadêmicas.

À professora Dra. Roseli Farias Melo de Barros, minha mãe científica, pela dedicação, carinho, humildade, compreensão, paciência, enfim, pelos inúmeros momentos que me engrandeceram enquanto profissional e, acima de tudo, como pessoa.

Aos professores do curso de Mestrado, turma 2007/2009, pelos ensinamentos e amizade partilhada.

Ao professor Dr. José Machado de Moita Neto, pela solicitude e colaboração nas análises estatísticas dos dados.

Aos taxonomistas e curadores de herbários das diversas instituições de ensino e pesquisa, pela gentileza na identificação do material botânico, em especial, à Dra. Maria Bernadete Costa e Silva, pela presteza e solicitude.

Ao Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), pela ajuda que viabilizou o presente trabalho, na pessoas do Sr. Mário Marques e, de forma especial, ao Geraleno Barros pela prontidão, ajuda e amizade.

Aos Funcionários do Núcleo e Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste (TROPEN), Maridete Alcobaça, João Batista Araújo e José de Ribamar Andrade, pela amizade.

Aos amigos da Escola Municipal Noé Fortes, em especial à direção, nas pessoas da Ivonete Carvalho e Antônia Bezerra, pelo incentivo e compreensão em minhas ausências.

Aos estagiários do Herbário Graziela Barroso (TEPB), pela colaboração, e de forma especial ao Jucelino Nunes Pereira e Laíce Fernanda Gomes de Lima pela ajuda, amizade e carinho.

Aos colegas da turma de mestrado pelos muitos momentos de alegria e ajuda, fundamentais para a concretização desse trabalho.

Aos grandes amigos Fábio José Vieira, Lúcia Gomes Pereira dos Santos, Genilson Alves e Luciana Oliveira, pelos momentos de descontração e carinho.

À minha mãe-irmã Ellen Silva de Oliveira Lima e ao pai-cunhado Jurandir Pereira Lima, pela inesquecível acolhida ao longo de toda minha formação profissional, pelo carinho e ensinamentos.

Aos meus amados pais, Deijanira Vilas-Boas e Francisco Carlos Oliveira Filho, que mesmo distantes, fizeram-se presentes, incentivando e apoiando-me.

À minha irmã Anatólia DeJane Silva de Oliveira, pelo exemplo de profissional, de mulher, de mãe e, acima de tudo, pela grande lição de superação.

À minha irmã Hitana Silva de Oliveira, aos sobrinhos, João Carlos Oliveira Matos, Jurandir Pereira Lima Júnior, Arthur Oliveira Lima e Vinícius Oliveira Garcia Caza e cunhados pelos nobres momentos de descontração e carinho.

Ao meu esposo Luciano Santana, que se dedicou totalmente a ajudar-me em todos os momentos e de todas as formas possíveis, incentivando-me, colaborando, compreendendo, enfim, meu muito obrigada e gratidão eterna.

Aos pais que a vida me deu de presente, João Antônio Santana e Valmira Sousa Santana, pelo apoio irrestrito e carinho incondicional.

À Yolanda Amorim e Francisco Amorim de Araújo, pessoas por quem tenho grande admiração e carinho.

Aos amigos Alan Roque, Katharina Lopes, Lígia Aguiar e Yarla Queiroz, pelos momentos de partilha de saber, colaboração e, acima de tudo, amizade.

Aos moradores das comunidades rurais, em especial ao Jacinto Pereira dos Santos e Irene Santos, pelas valiosas informações.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO

O semiárido inserido na região Nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais, apresenta como tipo vegetacional predominante a Caatinga, que mostra uma grande variação fisionômica e florística, relacionada a heterogeneidade do clima, solo e relevo. Objetivou-se conhecer a composição florística e as espécies vegetais utilizadas tradicionalmente pelos moradores de vinte e uma comunidades rurais do município de Oeiras (07°00'54'' S e 42°08'06'' W), Piauí, situadas em uma área de transição vegetacional Caatinga/Cerrado, com predomínio de Caatinga. As coletas botânicas seguiram metodologia usual e os exemplares identificados foram incorporados ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com moradores indicados por líderes comunitários locais como de notório saber, com a aplicação de formulários padronizados, constando dados gerais dos entrevistados e informações sobre as espécies vegetais úteis, que foram classificadas em treze categorias de uso. Dados quantitativos foram apanhados através dos cálculos do Valor de Uso ($VU = \sum U / n$), Importância Relativa ($IR = NSC + NP$) e Fator de Consenso dos Informantes ($FCI = \frac{nar - na}{nar - 1}$). Identificou-se 378 espécies, distribuídas em 78 famílias e 236 gêneros. Destas, 343 foram indicadas como úteis. Leguminosae foi melhor representadas (62 espécies), seguida por Euphorbiaceae (22) e Malvaceae e Solanaceae (12). As categorias de uso de maior destaque foram a medicinal e forrageira com 191 e 107 espécies, respectivamente. *Magonia pubescens* A. St. - Hil. (tingüi) se apresentou como a espécie mais versátil, referida em oito categorias de uso, seguida por *Byrsonima correaifolia* A. Juss., *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore, *Dimorphandra gardneriana* Tul., *Luetzelburgia auriculata* (Allem.) Ducke, *Mimosa caesalpinifolia* Benth., *Myracrodruon urundeuva* Allem. e *Ziziphus joazeiro* Mart., referidas em sete. *M. pubescens* e *Z. joazeiro* obtiveram o maior valor de uso nas comunidades estudadas ($VU = 3,5$). Quanto ao uso terapêutico, um maior número de espécies foram indicadas no combate à gripe (39), seguido por diarreia (31), febre (13), dor no corpo e diabetes (10). Os moradores locais demonstraram ter um grande conhecimento acerca da vegetação, aprendido com os antepassados, utilizando-a para diversas finalidades e adotando medidas apropriadas de manejo e conservação, especialmente das espécies vegetais úteis.

Palavras-chave: Caatinga, etnobotânica, comunidades rurais, Oeiras/PI

ABSTRACT

The semi-arid area of Brazil, which spreads from the northeast region to the north of Minas Gerais state, is predominantly covered by Caatinga-type forest. Its physiognomy and flora vary widely, because of the heterogeneity of the climate, soil and terrain. The objective was to ascertain the floristic composition and plant species traditionally used by the residents of 21 rural communities in the municipality of Oeiras (07°00'54" S and 42°08'06" W), Piauí. The local vegetation is defined as Caatinga/Savannah transition area, with a predominance of Caatinga. The botanical collections were carried out in line with the usual methodology and the identified specimens were added to the archives of the Graziela Barroso Herbarium (TEPB), of the Federal University of Piauí (UFPI). Semi-structured interviews using standardized forms were conducted with residents who were recommended by local community leaders for their notorious knowledge. The questions consisted of the general data of the interviewee and information on the useful plant species. The plant species were classified into 13 categories of use. Quantitative data were used for calculations of the Use Value ($UV = \sum U / n$), Relative Importance ($RI = NSC + NP$) and Informant Consensus Factor ($ICF = nar - na / nar - 1$). The study identified 378 species, belonging to 78 families and 235 genera. Of these, 353 were listed as useful. Leguminosae were best represented (62 species), followed by Euphorbiaceae (22) and Malvaceae and Solanaceae (12). The most prominent categories of use were the medicinal and fodder species, with 191 and 107 species, respectively. *Magonia pubescens* A. St. - Hil. (tingüi) was the most versatile specie, and was mentioned in eight categories of use; it was followed by *Byrsonima correifolia* A. Juss., *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore, *Dimorphandra gardneriana* Tul., *Luetzelburgia auriculata* (Allem.) Ducke, *Mimosa caesalpiniiifolia* Benth., *Myracrodruon urundeuva* Allem. and *Ziziphus joazeiro* Mart., all of which were mentioned in seven categories. *M. pubescens* and *Z. joazeiro* had the greatest use value ($UV = 3.5$) in the studied communities. In the therapeutic use category, fighting influenza had the highest number of species recommended (39), followed by diarrhea (31), fever (13), pain in the body and diabetes (10). The local residents proved to have a great knowledge about the vegetation, which was learnt from their ancestors. They use the vegetation for various purposes and adopt appropriate measures for its management and conservation, especially of the useful plant species.

Key-word: Caatinga, ethnobotany, rural communities, Oeiras/PI

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1. Localização da Macrorregião do Semiárido Piauiense	14
2. Mapa de localização do município de Oeiras, Piauí, Brasil, destacando as áreas de coleta de material botânico	25

Artigo 1

Etnobotânica e Diversidade de Recursos Vegetais Úteis em Comunidades Rurais do Semiárido Piauiense

1. Mapa de localização do município de Oeiras, Piauí, Brasil, destacando as áreas de coleta de material botânico	46
2. Número de espécies nas famílias botânicas mais bem representadas nas comunidades rurais do semiárido piauiense	49
3. Número de espécies botânicas indicadas por categorias de uso nas comunidades rurais do semiárido piauiense	59
4. Distribuição em classes de valor de uso das espécies úteis nas comunidades rurais do semiárido piauiense	69

Artigo 2

Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Rurais do Semiárido Piauiense

1. Mapa do município de Oeiras, Piauí, Brasil, destacando as áreas de coleta de material botânico	82
2. Partes de plantas empregadas (%) para fins medicinais pelos moradores de comunidades rurais de Oeiras, Piauí, Brasil	95

3. Formas de preparo das espécies usadas como medicinais nas comunidades rurais do semiárido piauiense	97
--	----

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Etnobotânica e Diversidade de Recursos Vegetais Úteis em Comunidades Rurais do Semiárido Piauiense

	Página
1. Etnoespécies utilizadas por camponeses residentes em comunidades rurais do município de Oeiras, Piauí, Brasil	50

Artigo 2

Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Rurais do Semiárido Piauiense

	Página
1. Etnoespécies utilizadas como medicinais em comunidades rurais de Oeiras/PI	85
2. Fator de Consenso dos Informantes sobre as plantas utilizadas como medicinais em comunidades rurais do semiárido piauiense	99

SUMARIO

	Página
1.INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
2.1 Estudos florísticos no Piauí	16
2.1.2 Caatinga	16
2.1.3 Cerrado	17
2.2 Estudos Etnobotânicos no Piauí	19
3. METODOLOGIA	24
3.1 Descrição da área	24
3.2 Levantamento florístico, etnobotânico e sócio-econômico	26
4. HISTÓRICO CULTURAL E SÓCIO-ECONÔMICO	28
4.1 Histórico	28
4.2 Levantamento cultural e sócio-econômico	28
5. REFERÊNCIAS	32
6. MANUSCRITOS	38
6.1 Etnobotânica e Diversidade de Recursos Vegetais Úteis em Comunidades Rurais do Semiárido Piauiense	39
Resumo	41
Abstract	42
Introdução	43
Material e métodos	44
Resultados e Discussão	48
Conclusões	70
Agradecimentos	71
Referências	71

6.2 Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Rurais do Semiárido Piauiense	77
Resumo	78
Abstract	79
Introdução	80
Material e métodos	81
Resultados e Discussão	84
Agradecimentos	100
Referências	101
7. CONCLUSÕES	106
8. APÊNDICES	108
Espécies úteis do semiárido piauiense	109
Aspectos sócio-econômicos e culturais	111
Especialistas que identificaram ou confirmaram o material botânico	112
Nomeclatura da Organização Mundial da Saúde	115
Questionário para levantamento etnobotânico	116
9. ANEXOS	122
Normas para publicação no Journal of Ethnopharmacology	123
Normas para publicação na Revista Brasileira de Plantas Medicinais	132

1 INTRODUÇÃO

O semiárido está situado na região Nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais, compreendendo uma área de 900.000 km², coincidindo com a região onde predomina o bioma Caatinga. A vegetação apresenta uma grande variação fisionômica e florística, relacionada a grande heterogeneidade do clima, solo e relevo, as quais apresentam características xerofíticas (AB'SABER, 1974; FERRI, 1980; SAMPAIO, 2003; TABARELLI e SILVA, 2003).

O Piauí apresenta extensão territorial de 252.378 km², localizando-se em uma área de tensão ecológica, sendo influenciado diretamente pela Floresta Amazônica, Cerrados do Planalto Central e Caatinga, com cerca de 37% da sua área sob o domínio semiárido. Por situar-se sobre a Bacia Sedimentar do Meio Norte, a vegetação caducifólia que aí ocorre, exibe características peculiares, tanto pelo tipo de relevo, quanto pela forma de ocupação, e ainda, por apresentar contatos de grande extensão com outras formações vegetais (MENDES, 2003).

A Caatinga, predominante nesse domínio, é bastante significativa para o Estado, em extensão e importância, perfazendo cerca de 28,4 % da vegetação do território, envolvendo 63 municípios. O Cerrado, ocupa uma área de 47,3% do território, destes, 33% correspondem ao cerrado *sensu stricto* e 14% do cerrado de transição (RIZZINI, 1979; OLIVEIRA, 1997; MENDES, 2003).

No sudoeste do Estado (Figura 1), há um ecótono complexo onde a vegetação de caatinga e cerrado se encontram, com a ocorrência de comunidades variadas, dando origem a fitofisionomias bem diferenciadas, principalmente no que se refere à composição de espécies, abundância e porte dos indivíduos (LIMA, 1978; EMPERAIRE, 1989).

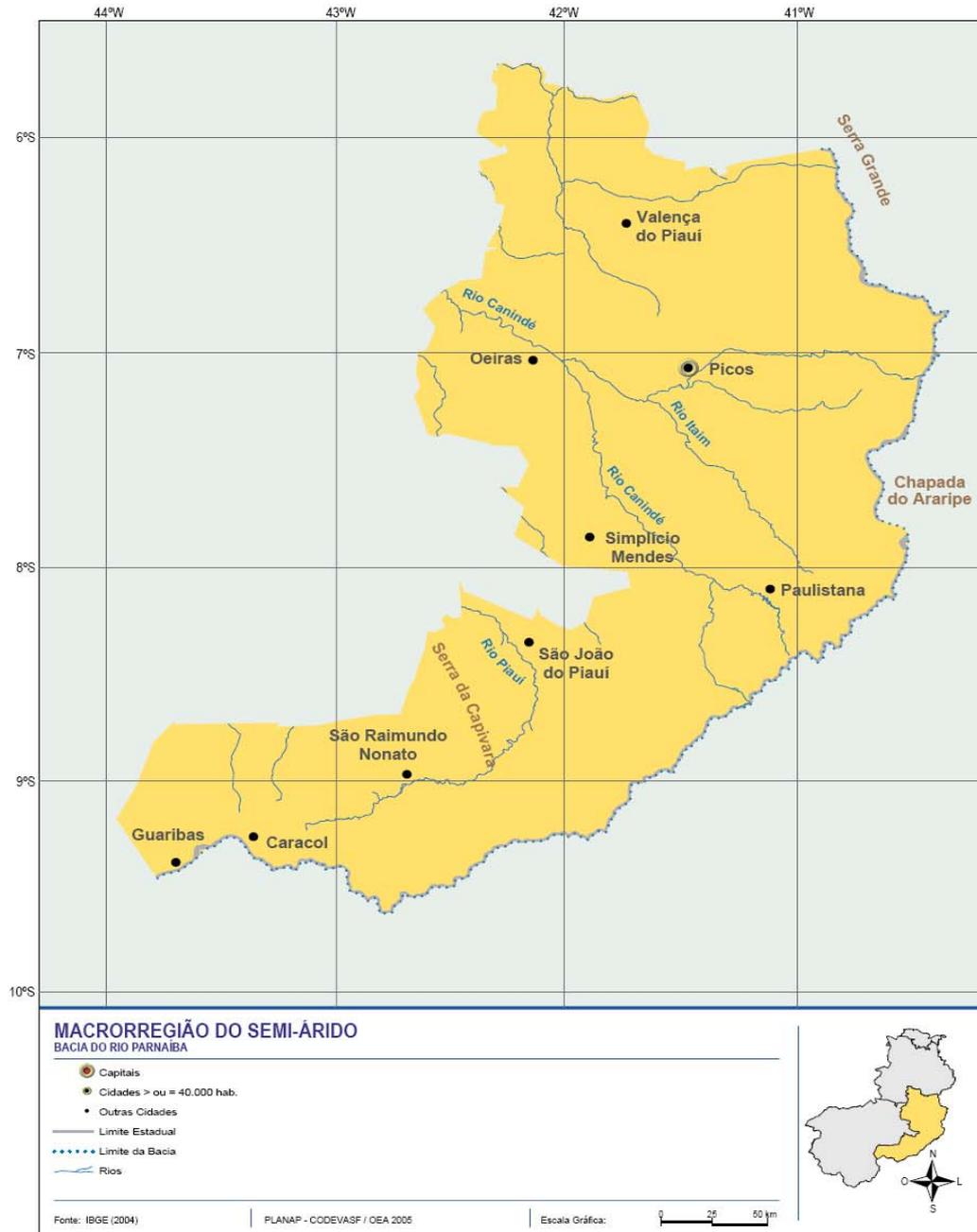


Figura 1 - Localização da Macrorregião do Semiárido Piauiense
Fonte: Brasil (2006)

Tanto o Cerrado como a Caatinga e suas áreas de transição detêm grande beleza e importância, especialmente para as populações locais que utilizam os bens naturais como meio para a satisfação de suas necessidades e, muitas vezes, como fonte primária de renda. Nesse sentido, a etnobotânica emerge como uma ciência que permite a compreensão do modo de vida, códigos e costumes que permeiam as relações entre o homem e a natureza, e, ainda, aborda os aspectos ecológicos como a biodiversidade,

manejo e valor da flora, como forma de fornecer dados que subsidiem estratégias de desenvolvimento sustentável (ALBUQUERQUE, 2000).

Desta forma, o presente trabalho teve por objetivo o estudo florístico, etnobotânico e socioeconômico de populações rurais do município de Oeiras, Piauí, buscando conhecer a diversidade da flora local e suas potencialidades de uso, visando contribuir para a preservação e conservação dos mesmos. Está estruturado em quatro partes: a primeira, constitui-se de informações gerais organizadas em tópicos de introdução, revisão bibliográfica, metodologia, histórico cultural e sócio-econômico e referências. A segunda, estrutura-se em forma de artigos científicos a serem submetidos a periódicos especializados, cuja organização está baseada nas normas específicas destes. O primeiro artigo é intitulado “Etnobotânica e diversidade de recursos vegetais úteis em comunidades rurais do semi-árido piauiense” e o segundo “Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais do semi-árido piauiense” e, por fim, conclusão.

Os dados levantados nesse estudo, servirão de base para a pesquisa e implementação de medidas que visem à conservação dos recursos vegetais do semiárido e a utilização sustentável destes recursos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Estudos florísticos no Piauí

2.1.2 Caatinga

Emperaire (1989) levantou a flora e a fisionomia da caatinga do sudeste piauiense, em áreas estratificadas aleatoriamente, na Bacia Sedimentar Meio-Norte e na depressão periférica do São Francisco. Verificou que existem cinco tipos florísticos-fisionômicos diferentes, dentre eles a caatinga arbustiva densa. Considerou a diversidade da flora xerófila do Piauí elevada, com o registro de 615 espécies, distribuídas em 98 famílias botânicas, onde Euphorbiaceae e Leguminosae figuraram como as mais representativas em número de espécies.

Jenrich (1989) realizou o levantamento da vegetação nativa arbórea e arbustiva nos altiplanos da Chapada Grande, onde foram implantadas as fazendas piloto, e na Chapada Tabuleirão no município de Amarante, com o estabelecimento de um sistema comunitário de criação de gado. Visitou ainda, outras áreas vizinhas, onde verificou que as condições da vegetação nativa eram semelhantes e que os resultados obtidos podiam ser considerados válidos para as grandes áreas do Piauí Central. Constatou o predomínio de uma vegetação arbórea, onde foram amostradas 40 espécies, com as respectivas características, ocorrência e empregos, distribuídos em 12 famílias botânicas. As famílias mais representativas em número de espécies foram Leguminosae e Vochysiaceae com 18 e 3 espécies, respectivamente.

Lemos (2001) analisou a composição florística do Parque Nacional da Serra da Capivara, registrando a ocorrência de 210 espécies, distribuídas em 149 gêneros e 62 famílias. Leguminosae (64 espécies), Bignoniaceae (13), Euphorbiaceae e Myrtaceae (10) apresentaram uma maior riqueza, perfazendo 46% das espécies amostradas. Constatou que na região semi-árida há semelhança florística entre a área de estudo com outras áreas de caatinga do semiárido nordestino instaladas em terrenos sedimentares ou sobre o embasamento cristalino como um todo, com exceção de um pequeno grupo de espécies.

Lemos e Rodal (2002) procederam a um estudo fitossociológico no componente lenhoso de um trecho da vegetação de caatinga no Parque Nacional Serra da Capivara, concluindo que a caatinga do cristalino apresenta um padrão diferenciado do encontrado no carrasco e na caatinga das chapadas sedimentares.

Mendes (2003) analisou a composição florística e fitossociológica em um fragmento de caatinga arbórea no município de São João do Piauí, verificando a ocorrência de vegetação caducifolia espinhosa e não espinhosa típica de ambientes sedimentares.

Chaves (2005) examinou as potencialidades econômicas da vegetação do carrasco do município de Cocal, constatando a ocorrência de 250 espécies, distribuídas em 59 famílias e 160 gêneros. As famílias com maior riqueza foram Leguminosae (44 espécies), Euphorbiaceae (23), Bignoniaceae (22) e Asteraceae (14), juntas totalizaram 41,20% do total. 60 espécies foram indicadas como úteis, sendo distribuídas nas categorias de uso medicinal, alimentícia, forrageira, madeireira, melífera e produção de energia. Destas, as de maior destaque foram medicinal (35 espécies) e alimentícia (27).

Chaves e Barros (2006a) analisaram a flora apícola do carrasco no município de Cocal, identificando 29 espécies melíferas, distribuídas em 15 famílias e 23 gêneros. *Campomanesia aromatica* (Aubl.) Griseb., *Croton sonderianus* Müll. Arg., *Hyptis suaveolens* (L.) Poit., *Pterocarpus villosus* Mart., *Tabebuia impetiginosa* (Mart.) Standl., *T. serratifolia* (Vahl) G. Nicholson, *Croton campestris* A.St.-Hil. e *Hyptis atrorubens* Poit., foram referenciadas como as mais visitadas por abelhas. Constatou-se que o Município apresenta condições favoráveis para a produção apícola do Estado, uma vez que permite fixar colméias definitivas, dispensando as técnicas empregadas em colméias migratórias, facilitando o manejo e reduzindo o custo do produto final.

2.1.3 Cerrado

Castro (1984) estudou a flora lenhosa da Estação Ecológica de Uruçuí-Una, município de Baixa Grande do Ribeiro, listando 128 espécies e apresentando um mapeamento para a vegetação do cerrado *sensu lato*.

Castro (1994) procedeu à comparação florística-geográfica nos cerrados brasileiros e fitossociológica entre os estados do Piauí e São Paulo. A comparação florística qualitativa foi realizada em 78 áreas, onde foram utilizadas 145 listas de espécies, com dados de campo levantados até 1992 no Brasil, sendo estimada a

ocorrência de cerca de 1.753 espécies da flora lenhosa magnoliófito para o Cerrado, distribuídas em 366 a 386 gêneros, 88 a 89 famílias. Segundo o referido autor, a flora do cerrado contém cerca de 5.000 a 7.000 espécies.

Castro, Martins e Fernandes (1998) realizaram estudos em municípios piauienses, detentores de vegetação de cerrado, concluíram que a composição florística dos cerrados piauienses apresenta peculiaridades típicas.

Barros (2002) realizou estudos com a tribo Vernonieae (Asteraceae), em áreas de conservação de cerrado do Estado, listando a ocorrência de 25 espécies, destas, cinco sendo novas citações para a ciência, entre elas *Elephantopus piauiensis* R. Barros e Semir (BARROS e SEMIR, 2003).

Mesquita (2003) estudou a composição florística e estrutural da vegetação da Baixa da Conrada, Parque Nacional de Sete Cidades, onde a família Leguminosae foi a mais representativa, perfazendo 30,4% do total de espécies amostradas.

Farias (2003) procedeu ao estudo fitossociológico no Complexo de Campo Maior, município de Campo Maior, onde foram amostradas 141 espécies em levantamento qualitativo e 68 na amostragem quantitativa, constatando a ocorrência de espécies típicas do cerrado, carrasco e caatinga.

Oliveira (2004) pesquisou a vegetação do Parque Nacional de Sete Cidades, registrando a ocorrência de 2.516 espécimes, distribuídos em 36 famílias e 139 espécies, onde Leguminosae, Bignoniaceae, Poaceae, Asteraceae e Rubiaceae perfizeram 51,3% do total de espécies amostradas.

Farias e Castro (2004) procederam ao estudo fitossociológico de trechos da vegetação do Complexo de Campo Maior. Alocaram 100 pontos nas localidades Alto do Comandante e Baixão da Cobra, amostrando 28 famílias, contendo 54 gêneros e 68 espécies, constatando mudanças fisionômicas na composição e arranjo das espécies, passando de campo, a vários tipos fisionômicos de cerrado, caatinga, carrasco e mata semidecídua.

Albino (2005), realizou análise florística e estrutural de uma área de cerrado rupestre, no entorno de uma área de mineração, nos municípios de Castelo e Juazeiro do Piauí. Foram identificadas 106 espécies distribuídas em 39 famílias e 82 gêneros no levantamento florístico. Já no fitossociológico, foram amostrados 829 indivíduos, distribuídos em 14 famílias e 22 espécies. As famílias mais ricas foram Vochysiaceae com 13,63% do total das espécies amostradas, seguida de Apocynaceae, Caesalpiniaceae, Combretaceae e Malpighiaceae com 9,09%, cada.

Barros (2005) investigou a compartimentalização geoambiental do Complexo Campo Maior, concluindo que a degradação da área é resultado de um somatório de fatores, sendo os mais significativos deles os desmatamentos e o uso irracional.

No município de Castelo do Piauí, Costa (2005) procedeu ao levantamento quali-quantitativo da flora e qualitativo da melissofauna associada, amostrando 70 espécies botânicas, pertencentes a 54 gêneros e 26 famílias e, ainda, 42 espécies de abelhas. Verificou as abelhas visitando flores de 43 espécies vegetais, pertencentes a 36 gêneros, distribuídos em 19 famílias, sendo Leguminosae a de maior destaque, seguida por Rubiaceae, Lamiaceae, Polygalaceae, Malvaceae e Vochysiaceae.

Albino e Castro (2007) realizaram levantamento florístico e fitossociológico da vegetação de cerrado rupestre de baixa altitude, também amostrando 829 indivíduos no levantamento fitossociológico e 106 no florístico em Castelo do Piauí, distribuídas em 82 gêneros e 39 famílias. Vochysiaceae (13,6%), Apocynaceae, Combretaceae e Malpighiaceae (9,09%) apresentaram uma maior riqueza de espécies.

Costa e Castro (2007) analisaram a flora e melissofauna associada em Castelo do Piauí, destacando a ocorrência de 173 espécies, distribuídas em 117 gêneros e 50 famílias, onde Leguminosae (34 espécies), Rubiaceae (10), Lamiaceae, Euphorbiaceae (8), Combretaceae e Asteraceae (6) revelaram uma maior representatividade.

2.2 Estudos Etnobotânicos no Piauí

No Piauí, foram desenvolvidas algumas pesquisas com abordagem exclusivamente etnobotânica.

Oliveira (1990) efetuou o levantamento das plantas forrageiras nos municípios de Jaicós, Valença do Piauí e Oeiras, identificando 98 espécies, distribuídas em 63 gêneros e 25 famílias botânicas, evidenciando Leguminosae (39 espécies) e Poaceae (24) como as mais relevantes.

Abreu (1996) pesquisou os raizeiros de Teresina, registrando 60 espécies usadas na medicina popular, distribuídas em 28 famílias botânicas, indicadas para a cura de inflamações, dores em geral, moleira baixa, entre outros. As formas de preparo mais comuns foram chás e garrafadas.

Nascimento (1996) analisou as plantas com potencial forrageiro, empregadas também como madeiras ou na medicina popular, em sete municípios que integram a Bacia do Parnaíba.

Abreu (2000) analisou o uso e a diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola Mimbó em Amarante, listando 73 espécies vegetais úteis, distribuídas em 22 famílias, e nas categorias construção, medicinal, tecnologia, alimento, forrageira, tóxica e místico-religiosa. Constatou que há um considerável nível de conhecimento sobre os usos das espécies vegetais pelos quilombolas.

Campos (2004) em levantamento de plantas medicinais cultivadas em nove hortas comunitárias, registraram a ocorrência de 27 espécies, com destaque para babosa (*Aloe vera* L.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) e erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.).

Gonçalves (2004) procedeu ao levantamento das plantas usadas como medicinais em hortas da zona norte de Teresina, amostrando 59 espécies. Os distúrbios dos sistemas respiratório, digestório e dores em geral, foram os que obtiveram um maior número de menções.

Franco (2005) em levantamento quali-quantitativo no Quilombo Olho D'água dos Pires, município de Esperantina, evidenciou a ocorrência de 177 etnoespécies, distribuídas em 58 famílias botânicas e 131 gêneros, onde Leguminosae (17 espécies) figurou como a família mais representativa, seguida pela Combretaceae (5), Anacardiaceae e Apocynaceae (4). As espécies foram classificadas em 12 categorias de uso, onde medicinal (34,7%), alimentícia (27,3%), desdobramento em madeira (11,6%) e forrageira (10,2%) obtiveram maior destaque. Verificou que os recursos vegetais são importantes para os quilombolas e que estes detêm grande conhecimento acerca do ambiente onde vivem.

Chaves, Barros e Sérgio Júnior (2006b) avaliaram as potencialidades da vegetação do carrasco, município de Cocal e identificaram 60 etnoespécies, distribuídas em 25 famílias e 50 gêneros. Destacaram-se Leguminosae (17 espécies), Rubiaceae (4), Anacardiaceae, Apocynaceae, Euphorbiaceae e Myrtaceae (3). As espécies foram classificadas nas categorias medicinal, madeireira, alimentícia, produção de energia, melífera e forrageira.

Costa (2005) em levantamento florístico no município de Castelo do Piauí, destacou a flora melífera da região, amostrando 173 espécies com potencial melitófilo, compreendendo ervas, hemiparasitas, cipós, subarbustos, arbustos e árvores. Constatou que a região possui condições favoráveis à prática apícola, constituindo-se uma alternativa viável para incrementar e/ou promover a geração de renda.

Franco e Barros (2006) investigaram o uso e a diversidade de plantas medicinais utilizadas pelos quilombolas de Olho D'água dos Pires em Esperantina, constatando o uso de 82 etnoespécies, distribuídas em 69 gêneros e 41 famílias. Leguminosae (14 espécies), Euphorbiaceae (7) e Rutaceae (6) foram mais bem representadas. O maior número de indicações foi para sintomas e sinais relativos ao sistema respiratório (26,7%), seguido pelas doenças relativas ao sistema intestinal, como diarreia e helmintíases (14,8%).

Torquato (2006) em pesquisa na Comunidade Quilombola Olho D'água dos Pires registrou a ocorrência de 93 espécies com potencial melitófilo, distribuídas em 74 gêneros e 34 famílias botânicas. Leguminosae (21 espécies), Asteraceae (10), Euphorbiaceae (6), Lamiaceae (5), Apocynaceae, Arecaceae, Bignoniaceae, Malvaceae e Solanaceae (3), foram as mais representativas. Identificou 31 espécies, 18 gêneros, nove tribos e cinco famílias de abelhas representadas por: Apidae (17 espécies), Anthophoridae e Megachilidae (4), Andrenidae e Halictidae (3). Constatou que a variedade de plantas garante recursos florais às abelhas durante todo o ano.

Franco, Barros e Araújo (2007), ao pesquisarem o uso e diversidade das plantas utilizadas pelos quilombolas de Olho D'água dos Pires em Esperantina/PI, catalogaram 177 etnoespécies, pertencentes a 71 gêneros e 39 famílias, onde se destacaram Leguminosae (14 espécies), Euphorbiaceae, Myrtaceae (5) e Arecaceae (4). As espécies foram classificadas em 12 categorias de uso, tendo a medicinal (31,3%), madeireira (19,5%), alimentícia (17,2%) e forrageiras (13,3%) se destacado.

Santos, Barros e Araújo (2007), ao estudarem a diversidade de plantas medicinais e forrageiras no município de Monsenhor Gil, evidenciaram a ocorrência de 70 espécies indicadas para estas categorias, distribuídas em 32 famílias, com destaque para Leguminosae (18), Myrtaceae (6), Arecaceae (5), Bignoniaceae (4), Combretaceae, Malpighiaceae e Verbenaceae (3).

Sousa (2007) procedeu ao levantamento da flora melitófila e himenofauna associada do Parque Ambiental Paquetá, município de Batalha, identificando 35 espécies vegetais, distribuídas em 19 famílias, onde Leguminosae foi a mais representativa em número de espécies.

Soares (2007) listou 40 espécies vegetais da flora melitófila e a melissofauna associada, ocorrentes em áreas de cerrado na Comunidade Pau-de-leite, município de Floriano.

Vieira (2008) em pesquisa desenvolvida na comunidade quilombola dos Macacos, município de São Miguel do Tapuio, constatou a ocorrência de 225 etnoespécies, distribuídas em 13 categorias de uso, das quais a medicinal (74), forrageira (62) e alimentícia (58) foram as mais representativas. *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba) mostrou-se bastante versátil, recebendo citações em seis categorias de uso.

Santos (2008) analisou a diversidade florística de vegetais úteis no município de Monsenhor Gil, onde registrou 211 espécies, distribuídas em 42 famílias botânicas e 83 gêneros. Destas, 112 foram indicadas como úteis, distribuídas em sete categorias de uso, sendo a forrageira e melífera as de maior destaque, com a indicação de 76 e 55 espécies, respectivamente. As famílias mais representativas em número de espécies foram a Leguminosae (34), Asteraceae (17), Poaceae (11), Myrtaceae e Cyperaceae (9).

Santos, Barros e Araújo (2008), em levantamento etnobotânico e de diversidade dos recursos vegetais úteis no município de Monsenhor Gil, amostraram 112 espécies, distribuídas em 83 gêneros e 42 famílias. Leguminosae se destacou com vinte espécies, dentre elas estão *Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul., *Cenostigma macrophyllum* Tul., *Dimorphandra gardneriana* Tul. e *Hymenaea stignocarpa* Mart. ex Hayne, seguida das famílias Poaceae (10), Myrtaceae e Cyperaceae (8). As categorias de uso que obtiveram o maior número de indicações foram a forrageira (76 espécies) e melífera (55). Constataram que o saber tradicional vem sendo repassado das pessoas mais idosas a outras de mesma idade ou mais jovens, através da transmissão oral.

Chaves e Barros (no prelo) identificaram no município de Cocal, 60 etnoespécies, distribuídas em 25 famílias e 50 gêneros. As famílias com maior número de citações foram Leguminosae (17), seguida por Rubiaceae (4), Anacardiaceae, Apocynaceae, Euphorbiaceae e Myrtaceae (3), incluídas nas categorias medicinal (35 espécies), madeireira (28), alimentícia (27), produção de energia (24), melífera (23), e forrageira (14). *Croton blanchetianus* Müll. Arg., *Mimosa caesapiniaefolia* Benth. e *Rollinia leptopetala* (R.E.Fr.), obtiveram maior Valor de Uso. Verificaram que a vegetação local possui potencial econômico e que a população tem conhecimento da utilidade de muitas das espécies em várias categorias de uso e das finalidades para as quais podem ser empregadas.

Vieira, Barros e Santos (no prelo) em pesquisa na Comunidade Quilombola dos Macacos em São Miguel do Tapuio, verificou que os quilombolas adotam um sistema de agricultura tradicional de corte e queima, onde se utiliza uma mesma área para

cultivo por três ou quatro anos seguindo-se um período de descanso. Os quintais possuem grande importância cultural, sendo também utilizados para produção de alimentos. Dentre as formas de utilização dos recursos vegetais, destacam-se as categorias medicinal (74 espécies), forrageira (62), alimentar (58), melífera (47) e madeireira (45). Verificou-se que a população local possui uma boa consciência ambiental quanto ao uso dos bens naturais pois, espécies tidas como recursos madeiros e medicinais recebem atenção especial, sendo limitada sua extração, visando a manutenção e conservação.

3 METODOLOGIA

3.1 Descrição da área

A pesquisa foi realizada em vinte e uma localidades da zona rural do município de Oeiras (07°00'54'' S e 42°08'06'' W): Araçá, Brionia, Buriti do Rei, Canto do Buriti, Carolina, Cepisa, Chapada das Pannels, Contentamento, Exu, Fazenda Extrema, Fazenda Frade, Ingazeiras, Ipueiras, Malhada da Onça, Onça, Sete Galhos, Soares, Sossêgo, Várzea da Cruz, Vereda Grande e Vila Cannaã. O município está localizado na mesorregião do sudeste piauiense e microrregião de Picos, compreendendo uma área irregular de 2.719,53 km², que corresponde a 19,07 % do território do Estado, distando 315 km da capital Teresina (Figura 2), tendo como limites ao norte os municípios de Barra d'Alcântara, Tanque do Piauí, Novo Oriente do Piauí e Santa Rosa do Piauí; ao sul, limita-se com São Francisco do Piauí, Colônia do Piauí e Wall Ferraz; a leste com São João da Varjorta, Santa Cruz do Piauí, Inhumas e Ipiranga do Piauí e, à oeste com Santa Rosa do Piauí, São Francisco do Piauí e Cajazeiras do Piauí (IBGE, 2007).

A população total do município, segundo o Censo do IBGE (2007), é de 33.910 habitantes e uma densidade demográfica de 12,39 hab/km², onde 42,11% destes, residem na zona rural. Com relação à educação, 69,30% da população acima de 10 anos de idade é alfabetizada (CEPRO, 2000).

A vegetação é caracterizada como de transição cerrado/caatinga, com predominância da caatinga arbustivo-arbórea. O clima é tropical semiárido quente, com duração do período seco de sete a oito meses. A sede do município fica a uma altitude de 166 m acima do nível do mar, com temperatura variando entre 18°C a 40°C. Os principais cursos d'água que drenam o município são os rios Canindé, Corrente, Itaim e Croatá, além do ribeirão das Tranqueiras e das lagoas da Feitoria e Tapera. Há predomínio dos solos com Horizonte B latossólico, solos pouco desenvolvidos e solos Hidromórficos. A sede do município dispõe de abastecimento de água, energia elétrica distribuída pela Companhia Energética do Piauí S/A - CEPISA, terminais telefônicos

atendidos pela Telemar, agência de correios e telégrafos e escola de ensino fundamental (CEPRO, 2002).

A agricultura praticada no município é baseada na produção sazonal de arroz, batata doce, cana de açúcar, feijão, mandioca, milho e banana. A atividade extrativista consiste na obtenção de lenha e madeira em tora. Oeiras destaca-se pelo seu patrimônio histórico e pelas seculares tradições culturais e religiosas (CEPRO, 2000).

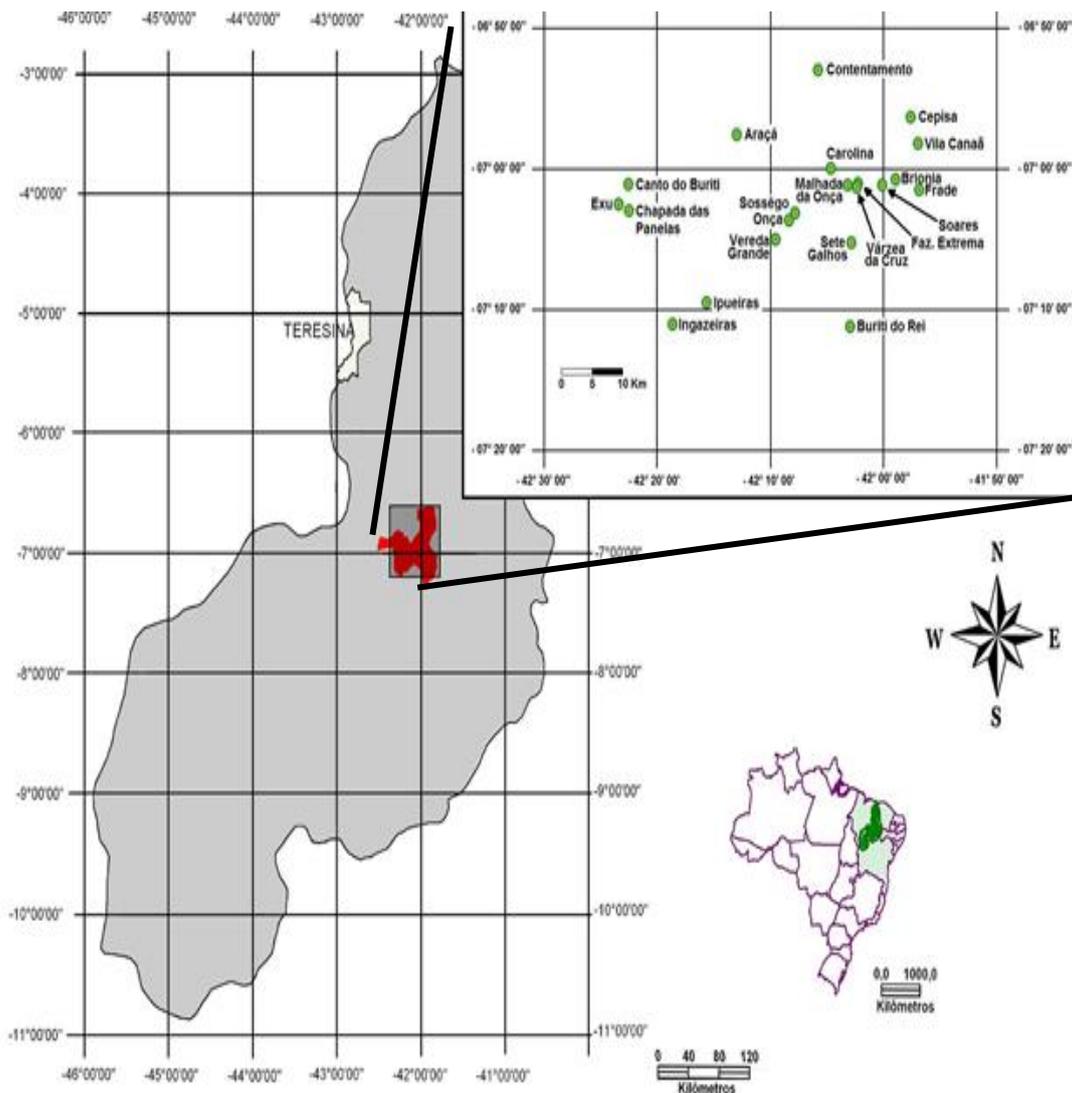


Figura 2 – Mapa de localização do município de Oeiras, Piauí, Brasil, destacando as áreas de coleta de material botânico.

Fonte: Adaptado por Alexandre Nojosa

3.2 Levantamento florístico, etnobotânico e sócio-econômico

Os dados sobre as espécies e os aspectos socioeconômicos, culturais e etnobotânicos foram obtidos entre os meses de janeiro de 2007 a maio de 2008, mediante entrevistas semi-estruturadas, preconizadas por Albuquerque e Lucena (2004), com a aplicação de formulários padronizados, com perguntas abertas e fechadas, a 20 moradores da região, com idade superior a 40 anos, que residiam no local a mais de 20 anos, indicados por líderes da comunidade como pessoas de reconhecido saber acerca da flora local. Todos foram considerados informantes chaves, sendo que dez acompanharam as excursões de coleta.

Nas entrevistas foram registrados dados gerais (nome, idade, profissão, renda, estado civil, tempo de residência no local, saneamento e moradia) e informações relacionadas às plantas úteis (usos, preparos, partes utilizadas e nomes vernaculares). Os espécimes foram alocados em categorias de uso (alimentação, artesanal, forrageira, higiene/limpeza, madeireira, medicinal, melífera, tóxica, ornamental, produção de energia, utensílios, mágico-religiosa e veterinária), baseados na metodologia proposta por Lima et al. (2000).

A coleta e herborização do material botânico seguiu o procedimento de campo sugerido por Mori et al. (1989), com coletas quinzenais no período chuvoso e mensais durante o período seco. Todo o material foi incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. A identificação das espécies foi feita com base em bibliografia especializada, comparações com exsicatas identificadas do TEPB e enviadas para confirmação e/ou determinação por especialistas. O sistema de classificação adotado foi o de Cronquist (1981), exceto Leguminosae que obedeceu a Judd et al (1999). As abreviaturas dos nomes das espécies e autores estão de acordo com Brummitt e Powell (1992) e com o site IPNI (www.ipni.org).

Para cada uma das espécies citadas foi calculado o Valor de Uso a partir da fórmula $VU = \sum U / n$, adaptada de Phillips & Gentry (1993 a, b) e Phillips et al. (1994), modificada por Rossato et al. (1999). O Valor de Uso (VU) refere-se à razão entre o somatório do número de citações (ou usos) da etnoespécie ($\sum U$) pelo número total de informantes para as plantas referidas (n). As espécies foram distribuídas em cinco classes: a primeira variando de 0,05 a 0,50; a segunda de 0,51 a 1,00; a terceira de 1,01 a 1,50; a quarta de 1,51 a 2,00; a quinta 2,01 a 2,50; a sexta variando de 2,51 a 3,50.

Para as espécies medicinais foi calculada a Importância Relativa (IR), através da fórmula $IR = NSC + NP$, de cada uma delas com base na proposta de Bennett e Prance

(2000), onde o valor máximo do IR obtido por cada espécie será 2. Onde NSC é igual ao número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) dividido pelo número de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV).

$$NSC = \frac{NSCE}{NSCEV}$$

NP é a relação entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

$$NP = \frac{NPE}{NPEV}$$

As doenças foram agrupadas em 17 categorias, com base na Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000): transtornos do sistema respiratório, circulatório, nervoso, digestivo, geniturinário e sistema sensorial (visão); doenças dos sistemas osteomuscular e subcutâneo, da pele, parasitárias, das glândulas endócrinas e do metabolismo; inflamações e dores em geral e mordida de cobra.

Ainda para as plantas medicinais, para cada categoria de uso, calculou-se o Fator de Consenso dos Informantes (FCI), através da metodologia proposta por Trotter e Logan (1986), com algumas adaptações. O valor máximo do FCI é 1, quando ocorre um consenso completo entre os informantes de uma determinada espécies para uma doença específica.

$$FCI = \frac{\text{nar} - \text{na}}{\text{nar} - 1}$$

Onde, nar = somatório de usos registrados por cada informante para uma categoria; na = número de espécies indicadas na categoria.

4 HISTÓRICO CULTURAL E SÓCIO-ECONÔMICO

4.1 Histórico

Há duas correntes que justificam a criação de Oeiras: a primeira, afirma que o povoado teria surgido em um arraial de índios domésticos, fundado por Julião Afonso Serra, por volta do ano 1676, com a finalidade de proteger suas fazendas e lavouras, que eram constantemente invadidas por índios bárbaros que habitavam o norte e praticavam freqüentes correrias; e, na segunda que Domingos Afonso Mafrense estabeleceu na localidade uma fazenda de gado denominada Cabrobó, que posteriormente recebeu a denominação de Môcha. Pouco tempo depois, construiu-se uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Vitória.

Por ato do Bispo Diocesano de Pernambuco, Dom Frei Francisco de Lima, o povoado da Môcha foi elevado à categoria de freguesia, sendo desmembrado da fazenda Cabrobó. Por Carta Régia, de 30 de junho de 1712, o povoado da Môcha passou para a categoria de vila, permanecendo nessa situação até a sua instalação oficial, verificada em 26 de dezembro de 1717, quando se tornou cidade por determinação da Carta Régia de 29 de julho de 1758, em virtude de ser o maior núcleo populacional da província, designada então para ser a nova sede do governo, obtendo o título de cidade através da Carta Régia de 19 de junho de 1761, época também mudou-se o nome de Môcha para Oeiras, por ato do governador João Pereira Caldas, datado de 13 de novembro de 1761, em homenagem ao conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho Melo.

Oeiras é considerada o núcleo mais antigo do Piauí e berço da história e colonização do Estado, sediando a província até 1852, quando o Conselheiro Saraiva transferiu a capital para a "Chapada do Corisco", onde hoje se encontra Teresina (CEPRO, 2002).

4.2 Levantamento cultural e sócio-econômico

O Município reúne uma grande riqueza histórica, esplêndida engenharia arquitetônica dos seus casarões seculares e tradição religiosa. Alguns dos atrativos turísticos locais são: a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, primeiro templo católico

edificado no Estado, com arquitetura de estilo protobarroco, inaugurada em 1773. Hoje constitui um importante marco remanescente do período colonial, tombado como patrimônio histórico; o monumento de Nossa Senhora da Vitória, erguido no morro do Leme, possui 15 metros de altura, sendo um local bastante visitado. Dele tem-se uma visão panorâmica da cidade; a Casa de Pólvora, primeira construção militar do Piauí, serviu como local de arsenal na época da capitania; e duas marcas em uma rocha, semelhantes a pegadas, denominadas localmente de Pé-de-Deus, no qual os visitantes colocam o pé sobre uma delas, sempre conseguindo o encaixe perfeito e a outra, o Pé-do-Diabo, que encontra-se encoberto e, tradicionalmente os visitantes jogam pedras, quando passam e visitam o local.

A Festa de Passos, Procissão do Fogaréu e Semana Santa são os eventos populares de maior destaque do município e um dos mais importantes do Piauí, atraindo pessoas de todo o Estado e de outras regiões do País. No período da Festa de Passos os fiéis decoram o altar de casa com alecrim-de-passos (*Lippia* sp) e também o carregam durante toda a procissão. Grande parte dos fiéis vestem roupas da cor lilás, representativa do santo, especialmente para o pagamento de promessas. Após a procissão é celebrada uma missa na igreja de Nossa Senhora da Vitória.

Crendices e superstições são bastante disseminadas no imaginário popular local. Dentre as lendas relatadas, destaca-se a da existência de um carneiro de ouro que a noite cruza a cidade correndo, e quem o vir fica rico. Outro aspecto interessante é que na frente da maioria das residências é plantado o pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), para espantar mal olhado e trazer bons presságios.

Foram pesquisados 20 moradores, para o levantamento de dados, sendo 13 homens e sete mulheres. Destes, oito são alfabetizados, e apenas um deles finalizou o Ensino Médio.

As informantes do sexo feminino possuem amplo conhecimento das plantas nativas e também das exóticas empregadas para fins medicinais e ornamentais que ocorrem nos quintais e proximidades das residências, sendo elas as responsáveis pela manutenção. Já os homens, têm um conhecimento maior das espécies nativas empregadas na produção de energia, forragem e as utilizadas como madeiras.

A principal atividade dos camponeses é a agricultura de subsistência, desenvolvida em pequenas propriedades, nos quintais ou proximidade destes. No preparo da roça é comum a prática de queimadas, para limpeza do local, sendo empregada a mão-de-obra familiar no plantio e colheita. A produção é destinada ao

consumo da família, e o excedente é doado ou trocado com parentes e vizinhos, geralmente por outros produtos alimentícios. Uma mesma área é aproveitada para cultivo por cerca de dois a três anos, período que se torna pouco produtiva. É comum duas famílias trabalharem de forma consorciada, sendo dividida a produção. O feijão (*Phaseolus vulgaris* L), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e milho (*Zea mays* L.), são os cultivos mais freqüentes.

A renda média gira em torno de um salário mínimo, oriunda, na maioria das vezes, de aposentadoria ou auxílio governamental, sendo que 75% não desenvolvem nenhuma atividade complementar. Ademais, 85% das habitações possuem cobertura de telha, 15% apresentam revestimento cerâmico, 25% são revestidas por cimento e 60% das residências estão no piso bruto. O abastecimento de água é realizado por poço (15%) ou água encanada (85%). A água aproveitada para o consumo é armazenada em potes ou filtros de barro. Apenas 10% dos informantes filtram água antes do consumo, os 90% restantes a consomem sem nenhum tipo de tratamento. Em todos os domicílios visitados foi constatado o fornecimento de energia elétrica.

Os esgotos domésticos são lançados no solo a céu aberto, porém 35% das residências apresentam fossas sépticas, e 75% lançam as excretas no solo do entorno das moradias. O lixo doméstico produzido é enterrado, incinerado ou lançado nas imediações, em 10%, 35% e 75% respectivamente, sendo citado mais de um tipo de tratamento por alguns entrevistados.

As comunidades contam com escolas que oferecem o Ensino Fundamental Menor. Os Ensinos Fundamental Maior e o Médio são ofertados na sede do município. Oeiras conta com um Colégio Agrícola, cujo calendário é diferenciado das demais escolas, coincidindo o período das férias com o de plantio e colheita.

É bastante freqüente a emigração de mão-de-obra masculina para os canaviais nos estados de São Paulo e Mato Grosso, às vezes de todos os homens da mesma família, ficando o cultivo, colheita e cuidado com os animais a cargo das mulheres, até o retorno dos mesmos.

Os quintais têm grande valor cultural, sendo nesse espaço que ocorrem festividades, reuniões familiares, conversas durante as tardes e produção de alimentos, sobretudo de abóbora (*Cucurbita pepo* Wall), alface (*Lactuca sativa* L.), alho (*Allium sativum* L.), beterraba (*Beta vulgaris* L.), berinjela (*Solanum melongela* L.), cebola (*Allium cepa* L.), cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.), cenoura (*Daucus carota* L.), coentro (*Coriandrum sativum* L.), melancia (*Citrullus vulgaris* Schrad. ex Eckl. &

Zeyh.), limão-azedo (*Citrus limonum* Risso), pepino (*Cucumis sativus* L.), pimentão (*Capsicum annuum* L.), pimenta- olho-de-peixe (*Capsicum baccatum* L.), pimenta-malagueta (*C. frutescens* Willd), quiabo (*Abelmoschus esculentus* L.) e tomate (*Lycopersicon esculentum* Mill.), atuando de forma complementar na alimentação.

Em todas as famílias há pequenas criações de animais destinados à alimentação, especialmente em momentos festivos ou em reuniões familiares.

As mulheres são responsáveis pelos cuidados e alimentação dos animais criados nos quintais, geralmente suínos, aves e caprinos. Já os criados à solta nas chapadas (jumentos, bodes, cavalos, bois), são de responsabilidade dos homens, que se dedicam ainda ao cultivo e extração de lenha para produção de carvão e madeira.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. O domínio morfoclimático semiárido das caatingas brasileiras. **Geomorfologia**, v. 43, p. 1-37, 1974.

ABREU, J. R. **Plantas medicinais comercializadas em mercados públicos e feiras livres na cidade de Teresina – PI: atividades biológicas e banco de dados.** Relatório/IC/CNPq/UFPI, 1996. 20p.

ABREU, J. R. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizadas pelos quilombolas Mimbó (Amarante, Piauí, Brasil).** Recife: UFPE, 2000. 69 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2000.

ALBINO, R. S. **Florística e fitossociologia da vegetação de cerrado rupestre de baixa altitude em Castelo do Piauí, Brasil.** Teresina, UFPI, 2005 123p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

ALBINO, R. A.; CASTRO, A. A. J. Florística e fitossociologia da vegetação de cerrado rupestre de baixa altitude em Castelo do Piauí, Brasil, p. 223-246. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs.). **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar.** Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente). 402p., 2007.

ALBUQUERQUE, U. P. A etnobotânica no Nordeste brasileiro. In: CAVALCANTI, T. B. et al. (Orgs.) **Tópicos especiais em botânica: palestra convidados do 51º Congresso Nacional de Botânica.** Brasília: EMBRAPA, 2000. p. 241-249.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas de pesquisa em etnobotânica.** Recife: Livro rápido/ NUPEEA, 2004, 189p.

BARROS, J. S. **Compartimentalização geoambiental no Complexo Campo Maior, Piauí: uma área de tensão ecológica.** Teresina: UFPI, 2005. 302p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

BARROS, R. F. M. de. **A tribo Vernonieae Cass. (Asteraceae) em áreas de conservação de cerrado do estado do Piauí, Brasil.** 2002. 171 p. Tese (Doutorado-Área de Concentração Botânica – Taxonomia Vegetal) – Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2002.

BARROS, R. F. M.; SEMIR, J. Uma nova espécie de *Elephantopus* L. (Asteraceae) do estado do Piauí, Brasil. **Ernstia**, p. 95-99, 2003.

BENNETT, B. C. PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economy Botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102, 2000.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

BRASIL. Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF . Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba, PLANAP: Atlas da Bacia do Parnaíba – Brasília, DF: TDA Desenho & Arte Ltda., 2006.126p.

BRUMMITT, R. K. POWELL, C. E. **Author of plant names**. London: Royal Botanic Gardens Key, 1992, 732p.

CAMPOS, M. G. V. **Caracterização de plantas medicinais cultivadas em algumas hortas comunitárias do município de Teresina-PI**. Teresina: UFPI, 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2004.

CASTRO, A. A. J. F. Vegetação e flora da vegetação da Estação Ecológica de Uruçuí-UNA (Resultados preliminares). In: Congresso Nacional de Botânica, 34, 1984. Porto Alegre, **Anais...** v. 2, p. 251-261, SSB/EMBRAPA, 1984.

CASTRO, A. A. J. F. **Comparação florístico-geográfica (Brasil) e fitossociológica (Piauí- São Paulo) de amostras de cerrado**. Campinas: UNICAMP, 1994. 520p. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, 1994.

CASTRO, A. A. J. F.; MARTINS, F. R.; FERNANDES, A.G. The wood flora of cerrado vegetation in the state of Piauí, northeastern Brazil. **Edinburgh Journal of Botany**, v. 55, n. 3, p. 455-472, 1998.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. Perfil dos Municípios, Teresina: Fundação CEPRO, 2000.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. Perfil dos Municípios, Teresina: Fundação CEPRO, 2002.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. Perfil dos Municípios, Teresina: Fundação CEPRO, 2007.

CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2005. 112p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, F. S. Flora Apícola do Carrasco no Município de Cocal, Piauí, Brasil. In: 57º Congresso Nacional de Botânica, 2007, Gramado. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre: Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 5. p. 555-557,2006a.

CHAVES, E.M.F.; BARROS, R.F.M.; SÉRVIO JÚNIOR, E.M. Plantas do carrasco da Ibiapaba. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí, 2006b. Disponível em: <http://www.fapepi.pi.gov.br/carrasco> Acesso em 14 de out. de 2008.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M. Economic potential of the flora of the brushwood vegetation in Cocal county, Piauí, Brazil. *Functional Ecosystems and Communities* (prelo).

COSTA, J. M. **Estudo fitossociológico e sócio-ambiental de uma área de cerrado com potencial melitófilo no município de Castelo do Piauí, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2005. 109p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

COSTA, J. M.; CASTRO, A. A. J. F. Flora e melissofauna associada de um cerrado rupestre da região setentrional do Piauí, p. 271-298. In: LOPES, W.G.R.; ARAÚJO, J.L.L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R.F.M. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina, EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402p. , 2007.

CRONQUIST, A. **An integrated of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262p.

EMPERAIRE, L. *Vegetation et gestion des ressources naturelles dan la caatinga du sud-est du Piauí (Brasil)*. Paris: Université Pierre et Marie Curie, 1989. 319 f. Tese (Doutorat d'Etat és Sciences Naturalles), Université Pierre et Marie Curie, 1989.

FARIAS, R. R. S. de. **Florística e fitossociologia em trechos de vegetação do Complexo de Campo Maior, Piauí**. Recife: UFPE, 2003. 119 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FARIAS, R. R. S. de; CASTRO, A. A. J. F. Fitossociologia de trechos da vegetação do Complexo Campo Maior, Piauí. *Acta Botanica Brasilica*, v. 18, 2004.

FERRI, M. G. **Vegetação brasileira**. São Paulo, Itatiaia, 1980. 157p.

FRANCO, E. A. P. A. **A etnobotânica e o desenvolvimento sustentável no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. Teresina, UFPI, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R.F.M.; ARAUJO, J. L. L. Uso e diversidade de plantas do cerrado utilizadas pelos quilombolas de Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, p. 247-270. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina, EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402p., 2007.

GONÇALVES, A. C. R. **Levantamento de plantas medicinais cultivadas em hortas comunitárias da zona norte de Teresina, PI**. Teresina, UFPI, 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resultados do Universo do Censo 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 10 de set. 2007.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

INPI. International Plant Names Index. Disponível em <http://www.ipni.org> Acesso em 22 de set. de 2008.

JENRICH, H. **Vegetação arbórea e arbustiva nos altiplanos das chapadas do Piauí Central**: características, ocorrência, empregos. Teresina: DNOCS; Eschborn: BMZ/GTZ. 1989. 90p.

JUDD, W. S. CAMPBELL, C. S.; KELLOGG, E. A.; STEVENS, P. F. **Plant systematics**: a phylogenetic approach. Sinauer associates, Sunderland, 1999, 464p.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. Ecologia e conservação da Caatinga, Ed. Universitária (UFPE), 822p, 2003.

LEMOS, J. R. Plantas da caatinga com potencial forrageiro, Parque Nacional Serra da Capivara, Estado do Piauí. **Revista Pesquisa em Foco**, v. 9, n. 14, p. 91-100, 2001.

LEMOS, J. R.; RODAL, M. J. N. Fitossociologia do componente lenhoso de um trecho de vegetação arbustiva no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 1, p. 23-42, 2002.

LIMA, D. A. Vegetação. In: LINS, R. C. (Org.) **Bacia do Parnaíba**: aspectos fisiográficos. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (Série Estudos e Pesquisas), p. 131-135, 1978.

LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; SILVA, Y. S. K. L. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Etnoecológica**, v. 4, p. 33-54, 2000.

MENDES, M. R. A. **Florística e fitossociologia de um fragmento de caatinga arbórea, São José do Piauí, Piauí**. Recife, UFPE, 2003. 111 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

MESQUITA, M. R. **Florística e fitossociologia em de uma área de cerrado marginal (Cerrado baixo) do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí** Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

MORI, S. A.; SILVA, L. A. M.; CORADIN, L. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 24 ed. Bahia: Centro de Pesquisa do Cacau, 1989. 104 p.

NASCIMENTO, M. P. S. C. B. **FORAGEIRAS DA BACIA DO PARNAÍBA**: uso e composição química. EMBRAPA/CPAMN/APNE: Recife, 1996, 86p.

OLIVEIRA, J. C. G. Identificação de espécies forrageiras em pastagens nativas dos municípios de Jaicós, Valença do Piauí e Oeiras/PI. In: Reunião de Pesquisa CCA, 1., 1990, Teresina - Resumos. Teresina: UFPI, 1990, p. 76.

OLIVEIRA, M. E. A. **Mapeamento, florística e estrutura da transição campo-floresta na vegetação (Cerrado) do Parque Nacional de Sete Cidades, Nordeste do**

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

Brasil. Campinas: UNICAMP, 2004. 151p. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2004.

OMS (Organização Mundial de Saúde). **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde.** Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. Statistic hypothesis test with a new quantitative technique. **Economic Botany** , v. 47, p. 15-32, 1993 a.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tampomata, Peru: additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v.8, p.33-43, 1993 b.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H.; REYNEL, C.; WILKIN, P.; GÁLVES-DURAND, B.C. Quantitative ethnobotany and amazoniaam conservation. **Conservation Biology**, v. 8, p. 15-32, 1994

RIZZINI, C. T. **Tratado de fitogeografia do Brasil:** aspectos florísticos e fitossociológicos, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 2, 20p.,1979.

ROSSATO, S. C. LEITÃO FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of caiaçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economy Botany**, v. 53, n. 4, p. 387-395, 1999.

SAMPAIO, E. V. S. B. Usos de plantas da caatinga. In: SAMPAIO, E.V. S. B. (Org.) **Vegetação e flora da caatinga.** Recife: APNE/CNIP, 49-68 p., 2003.

SANTOS, L. G. P.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, J. L. L. Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do cerrado de Monsenhor Gil, Piauí, p.299-318. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs). **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar.** Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 2007, 402p.

SANTOS, L.G.P. **Florística e conhecimento botânico tradicional em áreas de cerrado no município de Monsenhor Gil, Piauí, Brasil.** Teresina UFPI, 2008.101 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina.

SANTOS, L. G.; BARROS, R. F. M. ARAÚJO, J. L. L.; VIEIRA, F. J. Ethnobotany Diversity of Resources and Useful Plants in the City of Bishop Gil, Piaui, Brazil. **Functional Ecosystems and Communities** (prelo).

SOARES, S. M. N. A. **Levantamento da flora melitófila e himenofauna associada no cerrado no município de Floriano, Piauí, Brasil.** 2007. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

SOUSA, L. S. **Flora melitófila e abelhas ocorrentes no Parque Ambiental Paquetá, município de Batalha, Piauí.** 2007. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. Áreas e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da caatinga. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C.; BARROS, M. L. B. **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife: UFPE, 2003.

TORQUATO, T. G. M. **Levantamento das espécies vegetais melitófilas ocorrente no Quilombo Olho d'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. 2006. 110f. Dissertação (Mestrado) Desenvolvimento e Meio Ambiente - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: **Indigenous medicine and diet: biobehavioural approaches**, Redgrave. Nova York, 1986. p. 91-111.

VIEIRA, F. J. **Uso e diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio Piauí, Brasil**. Teresina UFPI, 2008.124 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

VIEIRA, F.J.; BARROS, R. F. M.; SANTOS, L. P. Community Quilombola of the Apes, St. Michael's Tapuio, Nevada: history, use and conservation of plant resources (prelo).

6. MANUSCRITOS

**6.1 ARTIGO A SER ENVIADO AO
JOURNAL OF ETHNOPHARMACOLOGY**

**Etnobotânica e diversidade de recursos vegetais úteis em comunidades rurais do
semiárido piauiense**

Autores:

Francisca Carla Silva de Oliveira

Roseli Farias Melo de Barros

José Machado Moita Neto

Etnobotânica e diversidade de recursos vegetais úteis em comunidades rurais do semiárido piauiense^a

Francisca Carla Silva de Oliveira^{b,e}, Roseli Farias Melo de Barros^c, José Machado Moita Neto^d

^a Parte da Dissertação de Mestrado da primeira Autora, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI

^b *Rua Santa Catarina, nº 5, Bairro Ilhotas, 64001-530, Teresina, PI, Brasil*

^c Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campus Ministro Petrônio Portela, Ininga, 64049-550 Teresina, PI, Brasil

^d Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Química, Campus Ministro Petrônio Portela, Ininga. 64049-550 Teresina, PI, Brasil

^e Autora para correspondência: carlaoliveira11@gmail.com

RESUMO – (Etnobotânica e diversidade de recursos vegetais úteis em comunidades rurais do semiárido piauiense). O estudo foi realizado em vinte e uma comunidades rurais do município de Oeiras (07°00'54'' S e 42°08'06'' W), situada em uma área de transição vegetacional Caatinga/ Cerrado, com predomínio de caatinga arbóreo-arbustiva. Objetivou-se conhecer as espécies botânicas úteis e tradicionalmente utilizadas pela população. As coletas botânicas seguiram metodologia usual e os exemplares identificados foram incorporados ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. Simultaneamente, foram feitas entrevistas semi-estruturadas, com o auxílio de formulários padronizados, com moradores indicados por líderes comunitários locais como de notório saber. As espécies citadas foram classificadas em treze categorias de uso. Dados quantitativos foram apanhados através do cálculo do Valor de Uso ($VU = \sum U / n$). Foram identificadas 353 etnoespécies, 78 famílias botânicas e 235 gêneros, distribuídos entre os hábitos herbáceo (33,7%), arbustivo (53,8%) ou arbóreo (12,5%). Leguminosae foi a família mais bem representada (62 espécies), seguida por Euphorbiaceae (22), Malvaceae e Solanaceae (12), Poaceae e Cucurbitaceae (11). As categorias de uso de maior destaque foram medicinal e forrageira com 185 e 104 espécies, respectivamente. *Magonia pubescens* A. St-Hil.(tingüi) se apresentou como a espécie mais versátil, referida em oito categorias de uso, seguida por *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore, *Dimorphandra gardneriana* Tul., *Mimosa caesalpinifolia* Benth., *Luetzelburgia auriculata* (Allemão) Ducke, *Byrsonima correifolia* A. Juss., *Ziziphus joazeiro* Mart. e *Myracrodruon urundeuva* Allemão, referidas em sete. As espécies que obtiveram maior Valor de Uso foram *Z. joazeiro*, *M. pubescens* (3,50), *Jacaranda brasiliana* Pers. (3,00), *Caesalpinia bracteosa* Tul. (3,00) e *Hymenaea courbaril* L. (2,50). Os moradores das comunidades rurais demonstraram possuir um amplo conhecimento acerca da vegetação nativa, utilizando-a para diversas finalidades.

Palavras-chave: Caatinga, etnobotânica quali-quantitativa, categorias de uso.

ABSTRACT- (Ethnobotany and diversity of useful plant resources in rural communities of the semi-arid region of Piauí). The study was carried out in 21 rural communities in the municipality of Oeiras (07° 00'54" S and 42°08'06" W). The local vegetation is classified as Caatinga/Savannah transition area, with a predominance of Caatinga trees and shrubs. The objective was to discover the useful botanical species that are traditionally used by the population. The botanical collections followed the usual methodology and the identified specimens were added to the archives of the Graziela Barroso Herbarium (TEPB), of the Federal University of Piauí. Simultaneously, semi-structured interviews were carried out using standardized forms, with residents who local community leaders had singled out as having notorious knowledge. The cited species were classified into 13 categories of use. Quantitative data were taken by calculating the use value ($UV = \Sigma U / n$). The study identified 353 ethnic species, 78 families and 235 genera, distributed among the herbaceous (33.7%), shrub (53.8%) or arboreal habits (12.5%). Leguminosae were most represented (62 species), followed by Euphorbiaceae (22), Malvaceae and Solanaceae (12), Poaceae and Cucurbitaceae (11). The categories of use that were more prominent were for medical and fodder use, with 185 and 104 species, respectively. *Magonia pubescens* A. St-Hil. (Tingüi) was the most versatile specie, referred to in eight categories of use, followed by *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore, *Dimorphandra gardneriana* Tul., *Mimosa caesalpiniiifolia* Benth., *Luetzelburg auriculata* (Allemão) Ducke, *Byrsonima correfolia* A. Juss., *Ziziphus joazeiro* Mart. and *Myracrodruon urundeuva* Allemão, referred to in seven. The species that had greatest use value were *Z. joazeiro*, *M. pubescens* (3.50), *Jacaranda brasiliana* Pers. (3.00), *Caesalpinia bracteosa* Tul. (3.00) and *Hymenaea courbaril* L. (2.50). Residents of rural communities showed a broad knowledge of the native vegetation, using it for various purposes.

Key words: Caatinga, qualitative and quantitative ethnobotany, categories of use.

1.

Introdução

Os bens naturais são essenciais para o desenvolvimento econômico, social e cultural das populações humanas. A variedade de plantas, usos, cultura tradicional e os elementos a elas associados merecem ser pesquisados, protegidos e valorizados, para que se possa sugerir um manejo ambiental capaz de garantir a sustentabilidade e conservação da cobertura vegetal e de melhoria da qualidade de vida do homem nas áreas onde vivem (Diegues 2000; Albuquerque e Andrade 2002).

Na área onde predomina o clima semiárido brasileiro, a Caatinga é o tipo vegetacional dominante, caracterizada pela ocorrência de formação vegetal decídua e semidecídua, sendo bastante representativa tanto em extensão territorial, quanto em características morfofisiológicas. Estima-se que mais 18 milhões de pessoas habitam essa região, dependendo de forma direta ou indireta dos recursos naturais. Dessa forma, os levantamentos florísticos, etnobotânicos e das potencialidades econômicas são significativos, dada a alta densidade populacional associada à exploração e à fragilidade dos recursos naturais de ambientes semiáridos (Emperaire, 1989; Lima, 1981; Diegues e Arruda, 2001; Maia, 2004).

A Etnobotânica emerge como uma ciência que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas pelas sociedades acerca do mundo vegetal, a partir da análise da relação mútua estabelecida entre populações humanas e plantas. Como esse conhecimento é repassado ao longo do tempo e das gerações por transmissão oral, ele tem sido ameaçado, em função da inclusão de novos elementos culturais, migração dos jovens para grandes centros urbanos e, ainda, de forma bastante significativa, a devastação ambiental (Posey, 1987; Cotton, 1996).

Neste contexto, estudos relacionados ao uso de plantas pela população, têm merecido cada vez mais atenção, devido à grande quantidade de informações e

esclarecimentos fornecidos à ciência. Nas últimas décadas houve um aumento expressivo de pesquisas nessa área como as de Sales e Lima (1985), Amoroso e Gely (1988), Kainer e Duryea (1992), Hanazaki (2000), Rodrigues e Carvalho (2001), Pasa et al. (2005) e Pinto et al. (2006), que realizaram estudos etnobotânicos em comunidades rurais, constituídas por camponeses, caboclos e caiçaras.

Em regiões semiáridas, Rodal e Nascimento (2002), Lemos (2004), Amorim, Sampaio e Araújo (2005), evidenciaram uma expressiva riqueza e diversidade de espécies e, especificamente em quintais, Emperaire (1989), Albuquerque et al. (2005), Ferraz et al. (2006) e Florentino et al. (2007), comprovaram a importância dos recursos vegetais para a população analisada.

No Piauí, merecem destaque os trabalhos de Emperaire (1989), Jenrich (1989), Oliveira et al. (1997), Abreu (2000), Chaves (2005), Franco (2005), Franco e Barros (2006), Chaves et al. (2006a), Chaves et al. (2006b), Torquato (2006), Franco et al. (2007), Santos et al. (2007), Costa e Castro (2007), Vieira (2008), Santos (2008), Santos et al. (2008), Chaves e Barros (no prelo) e Vieira et al. (no prelo).

O município de Oeiras, considerado o berço histórico da população piauiense, reconhecida como a cidade mais antiga e primeira capital do Estado, possui uma forte tradição histórica e cultural (CEPRO, 2007), no entanto, não há registro de pesquisas desenvolvidas no município com enfoque etnobotânico, sendo inédita a presente proposta, que objetiva conhecer os recursos vegetais utilizados pela população local.

2.

Material e métodos

Área de estudo

A pesquisa foi realizada em vinte e uma localidades da zona rural do município de Oeiras/PI (07°00'54'' S e 42°08'06''W): Araçá, Brionia, Buriti do Rei, Canto do Buriti, Carolina, Cepisa, Chapada das Pannels, Contentamento, Exu, Fazenda Extrema, Fazenda Frade, Ingazeiras, Ipueiras, Malhada da Onça, Onça, Sete Galhos, Soares, Sossêgo, Várzea da Cruz, Vereda Grande e Vila Canaã, situadas na zona rural. Dista 313 km da cidade Teresina, capital do Estado, compreendendo uma área de 2.719,53 km², sua vegetação é caracterizada como de transição cerrado/caatinga, com predominância da caatinga arbustivo-arbórea. O clima é tropical semiárido quente, com duração do período seco de sete a oito meses. A sede do município fica a uma altitude de 166 m acima do nível do mar, com temperatura variando entre 26°C e 40°C.

Os principais cursos d'água são os rios Canidé, Itaim e Tranqueira, e as lagoas da Feitoria e Tapera. Há predomínio dos solos com Horizonte B latossólico, solos pouco desenvolvidos, e solos hidromórficos. A agricultura praticada baseia-se na produção de milho, feijão, mandioca, arroz e banana. A atividade extrativista consiste

na obtenção de lenha, madeira em tora e carnaúba (CEPRO, 2002). Oeiras destaca-se pelo seu patrimônio histórico e pelas seculares tradições culturais e religiosas (CEPRO, 2000).

2.2 Levantamento florístico e etnobotânico

As coletas botânicas realizaram-se no período compreendido entre fevereiro de 2007 e maio de 2008, quinzenalmente nos meses chuvosos e mensalmente nos meses secos. As plantas foram coletadas durante caminhadas aleatórias ou em locais previamente definidos, seguindo técnicas de campo sugerido por Mori et al. (1989). A identificação botânica foi realizada a partir da análise da morfologia externa do material, consulta à literatura, por comparação com o material incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB), da Universidade Federal do Piauí e, posteriormente, encaminhado a especialistas para confirmação. Espécimes testemunhos encontram-se depositados no acervo do TEPB. O sistema de classificação adotado foi o de Cronquist (1981), exceto para a família Leguminosae que obedeceu a Judd et al. (1999). O site IPNI (2008) foi consultado para conferência da grafia dos nomes das espécies e abreviaturas dos nomes dos autores.

Os dados etnobotânicos foram obtidos mediante entrevistas semi-estruturadas, seguindo o preconizado por Albuquerque e Lucena (2004), com a aplicação de formulários padronizados a 20 moradores da região, com idade superior a 40 anos e que residiam no local a mais de 20 anos, indicados por líderes da comunidade como pessoas de reconhecido saber acerca da flora local. Todos foram considerados informantes-chaves, sendo que dez acompanharam as excursões de coleta. Durante a pesquisa foram registrados dados gerais dos entrevistados (nome, idade, profissão e tempo de residência no local) e informações relacionadas às plantas estudadas como os usos, preparos, partes utilizadas e nomes vernaculares.

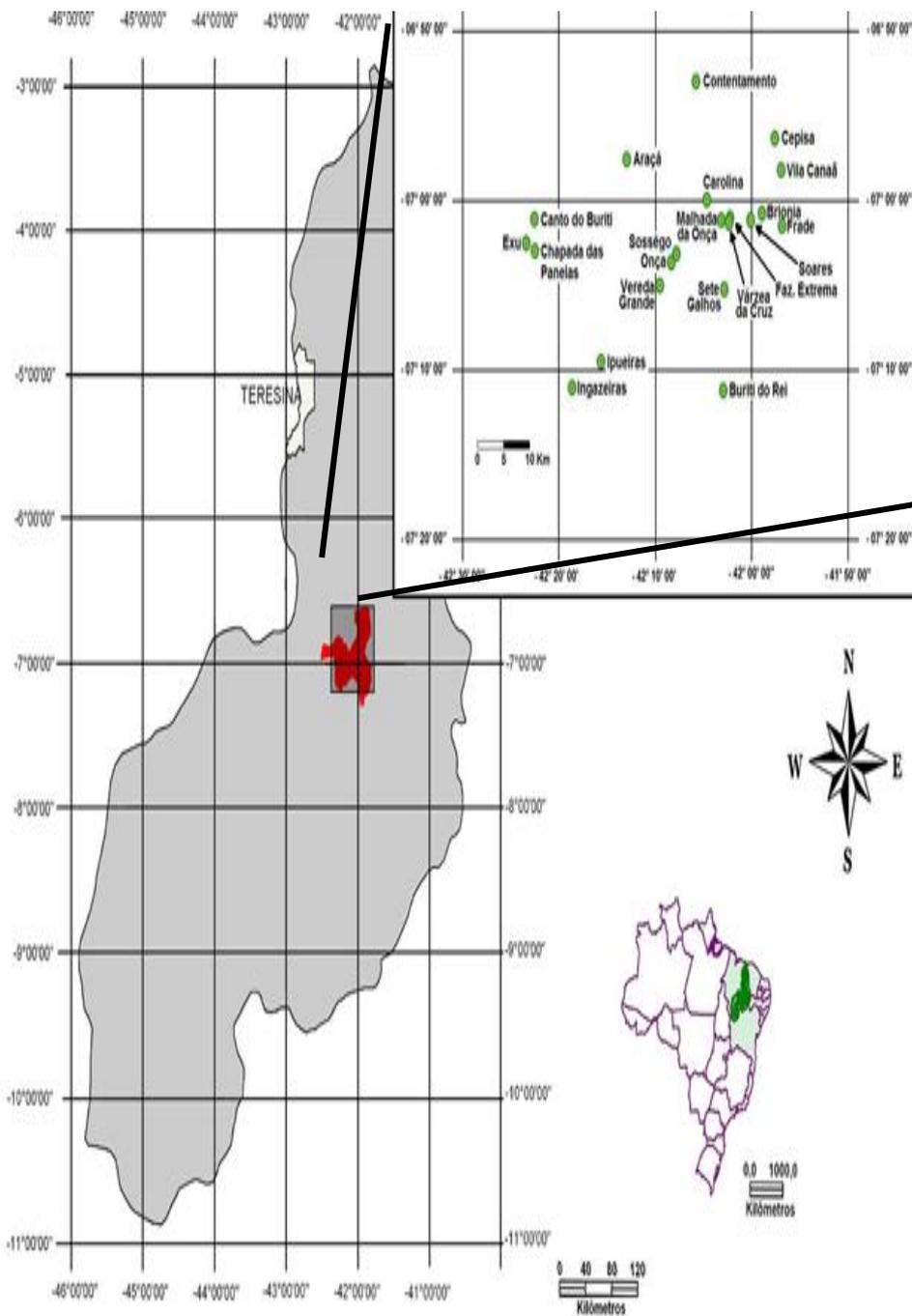


Figura 1. Mapa de localização do município de Oeiras, Piauí, Brasil, destacando as áreas de coleta de material botânico.

Fonte: Adaptado por Alexandre Nojosa.

Os espécimes foram alocados nas seguintes categorias de uso: alimentícia, artesanal, forrageira, madeireira, medicinal, melífera, tóxica, ornamental, produção de energia, utensílios e veterinária, baseados na metodologia proposta por Lima et al. (2000), com algumas modificações.

Para cada uma das espécies citadas foi calculado o seu Valor de Uso a partir da fórmula $VU = \sum U / n$, adaptada de Phillips & Gentry (1993a, b) e Phillips *et al.* (1994), a qual refere-se à razão entre o somatório do número de citações (ou usos) da etnoespécie ($\sum U$) pelo número total de informantes para as plantas referidas (n).

2.3 Aspectos culturais da área de estudo

Oeiras, cidade mais antiga do Piauí, possui uma evidente riqueza histórica, beleza arquitetônica e tradição religiosa, fazendo parte do roteiro turístico do Estado. As Igrejas de Nossa Senhora da Vitória e Nossa Senhora do Rosário, o monumento de Nossa Senhora da Vitória e a Casa de Pólvora, são alguns dos atrativos do Município. A Festa de Passos e a Procissão do Fogaréu são os eventos populares de grande destaque e um dos mais importantes do Piauí, reunindo pessoas de todo o Estado e de outras regiões do País. Os fiéis decoram o altar de casa com alecrim-de-passos (*Lippia* sp), carregando-o durante toda a procissão, durante a qual vestem-se com roupas da cor lilás, característica da santa, especialmente para o pagamento de promessas. Após a procissão é celebrada uma missa.

Crendices e superstições são bastante disseminadas no imaginário popular local. Dentre as lendas relatadas, destacam-se a da existência de um carneiro de ouro que à noite cruza a cidade correndo, e quem o vir fica rico. Outra, é a visitação a duas marcas em uma rocha, denominadas localmente de Pé-de-Deus e Pé-do-Diabo, que assemelham-se a pegadas humanas. Quem passa pelo local coloca o pé sobre uma das marcas (Pé-de-Deus), obtendo sempre o ajuste exato. Já o Pé-do-Diabo encontra-se encoberto, logo que, tem-se como tradição, o arremesso de pedras sobre ele. Outro aspecto interessante é que na frente da maioria das residências é plantado o pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), para espantar mal olhado e trazer bons presságios.

3. Resultados e discussão

Foram entrevistadas 20 pessoas, destas, 13 não são alfabetizadas, 6 tem o Ensino Fundamental e apenas um deles concluiu o Ensino Médio. Identificou-se que as informantes (35%) apresentam maior conhecimento das plantas nativas e exóticas com fins medicinais e ornamentais encontradas nos quintais e proximidades das residências, as quais responsabilizam-se pela manutenção desses espaços. Enquanto os informantes (65%), conhecem mais amplamente as espécies nativas empregadas na produção de energia, forragem e como madeireiras, em função de serem os responsáveis por tais atividades.

Todos se autodenominam lavradores ou lavradoras, sendo que esta é a ocupação principal. Contudo, ressalta-se que três pessoas não mais a desempenham devido à idade elevada. Nesse sentido, enfatiza-se que predomina a agricultura de subsistência, cuja produção destina-se ao consumo da família, além das trocas com parentes e vizinhos. Por conseguinte, presenciou-se que o excedente produzido não é comercializado. Essa configuração expressa que a renda média dos entrevistados gira em torno de um salário mínimo, oriunda, preponderantemente, de aposentadoria ou auxílio governamental, revelando que 75% deles não apresentam uma outra atividade complementar.

Salienta-se que, 85% das habitações possuem cobertura de telha, 15% apresentam revestimento cerâmico, 25% são revestidas por cimento e 60% das residências estão no piso bruto.

A maioria das casas (85%) é abastecida de água encanada e o restante com água de poço (15%). A água utilizada para o consumo é armazenada em potes ou filtros de barro. Constatou-se que apenas 10% dos informantes filtram água antes do consumo, os 90% restantes a consomem sem nenhum tipo de tratamento.

Ademais, ressalta-se que em 100% dos domicílios visitados foi verificado o fornecimento de energia elétrica e pequenas criações de animais, destinadas à alimentação da família, especialmente em momentos festivos e de reunião dos familiares.

Os esgotos domésticos são lançados no solo a céu aberto, no entorno das residências, por 75% das residências pois apenas 35% das residências apresentam fossas sépticas. O lixo doméstico é enterrado, incinerado ou lançado nas imediações, em 10%, 35% e 75% respectivamente, sendo citado mais de um tipo de tratamento por alguns entrevistados.

As pesquisas de Abreu (2000), Franco (2005), Santos (2008) e Vieira (2008), realizadas no Piauí e, particularmente em Amarante, Esperantina, Monsenhor Gil e São Miguel do Tapuio, respectivamente, corroboram com os dados encontrados para Leguminosae. Enquanto Lemos (2004) no Parque Nacional Serra da Capivara, Chaves (2005) em Cocal e Vieira (2008) no Quilombo dos Macacos, São Miguel do Tapuio, evidenciaram a alta representatividade para Euphorbiaceae e Bignoniaceae.

No levantamento florístico, foram identificadas 343 espécies, distribuídas em 78 famílias botânicas (Tabela 1). Leguminosae (62 espécies), Euphorbiaceae (22), Malvaceae, Solanaceae, Cucurbitaceae Poaceae (12), Asteraceae e Convolvulaceae (10), Bignoniaceae, Rubiaceae, Turneraceae e Verbenaceae (9) destacaram-se em número de espécies, conforme mostrado na Figura 2.

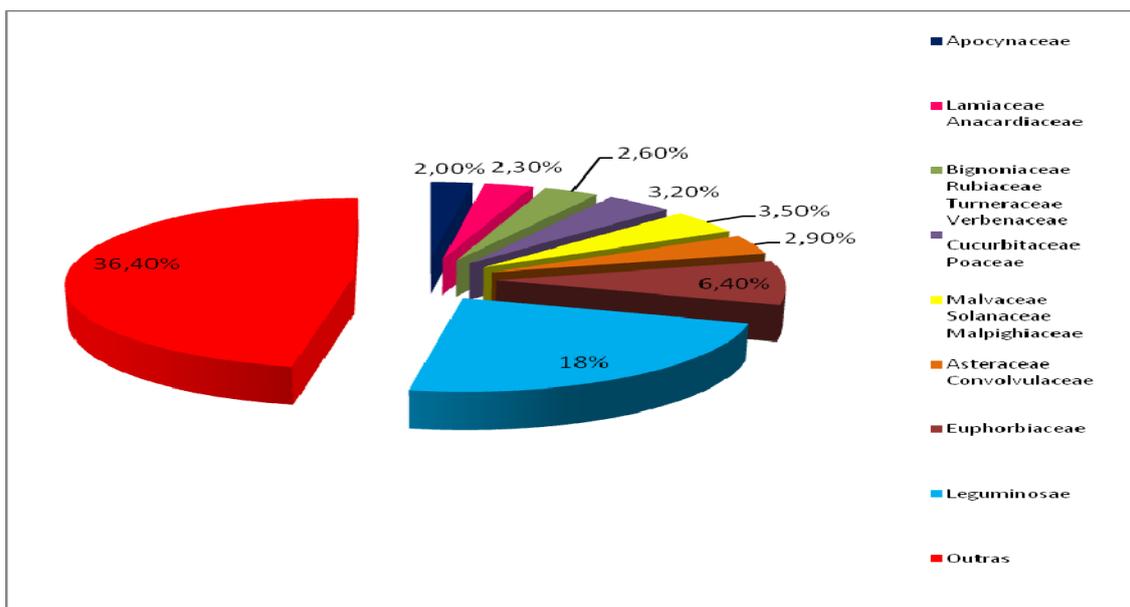


Figura 2. Número de espécies (%) nas famílias botânicas mais bem representadas nas comunidades rurais do semiárido piauiense.

Das 78 famílias identificadas, Aizoaceae, Amaryllidaceae, Aristolochiaceae, Bixaceae, Caricaceae, Caryocaraceae, Commelinaceae, Dilleniaceae, Dioscoriaceae, Gesneriaceae, Krameriaceae, Musaceae, Olacaceae, Passifloraceae, Phytolacaceae, Portulacaceae, Punicaceae, Rhamnaceae, Sapotaceae, Urticaceae, Velloziaceae e

Violaceae estão representadas por apenas uma espécie. *Byrsonima correifolia*, *Caesalpinia bracteosa*, *Caryocar coriaceum*, *Copernicia prunifera*, *Dimorphanda gardneriana*, *Leonotis nepetifolia*, *Luetzelburgia auriculata*, *Magonia pubescens*, *Myracrodruon urundeuva*, *Tabebuia impetiginosa* e *Ziziphus joazeiro* são espécies muito freqüentes nas áreas de estudo.

Tabela 1. Etnoespécies utilizadas por camponeses residentes em comunidades rurais do município de Oeiras, Piauí, Brasil. Convenções: NV=Nome vulgar; VU = Valor de Uso; Cat. U = Categoria de uso. Alimentícia (a), artesanal (b), forrageira (c), madeireira (d), mágico-religiosa (e), medicinal (f), melífera (g), tóxica (h), ornamental (i), produção de energia (j), utensílios (l) , veterinária (m) e higiene e limpeza (n) NC= numero de coletor. il.= identificada no local

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
Acanthaceae				
Indet.	ervanço	181	g	0,50
<i>Dicliptera mucronifolia</i> Nees	abre-caminho	139	g	0,50
<i>Ruellia paniculata</i> L.	ervanço	195		0,33
<i>Stenandrium pohlii</i> Nees	berdoégua	364	i	0,33
Aizoaceae				
<i>Blutaparon portulacoides</i> (A.St.-Hil.) Mears	matinho	104	i	1,00
Amaranthaceae				
<i>Alternanthera dentata</i> Stuchlík ex R.E.Fr.	penicilina	85	c	0,50
<i>A. tenella</i> Colla	ervanço	9	c	1,00
<i>Froelichia humboldtiana</i> (Schult.) Seub.	ervinha	135	c	0,50
<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	ervanço	125	i, f	0,17
Indet.	aas	62	f	0,20
Amaryllidaceae				
<i>Habranthus sylvaticus</i> Herb.	cebola-brava	254	f, i	0,33
Anacardiaceae				
<i>Anacardium humile</i> Mart.	cajuí	133	a, c, f, g, i	2,00
<i>A. occidentale</i> L.	caju	114	a, c, f, g, i	2,00
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	mata-cachorra, gonçalavo	192	d, g, i	1,50
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	319	a, f, g	1,00
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allem.	aroeira	66	c, d, f, g, i, j, l	2,33
<i>Spondias lutea</i> Macfad.	cajá	231	a, f, g	3,00
<i>S. purpurea</i> L.	serigüela	320	a, f, g	1,50
<i>S. tuberosa</i> Arruda	umbu	124	a, f, g	0,75
Annonaceae				
<i>Annona squamosa</i> L.	ata	245	a, f	0,50
<i>A. coriacea</i> Mart.	bruto	359	a	0,25
<i>Oxandra reticulata</i> Maas	conduru	25	c	0,33
<i>Rollinia leptopetala</i> R.E. Fr.	bananinha	208	a, c, d, f	1,00
Apiaceae				
<i>Anethum graveolens</i> L.	endro	il.	f	0,33
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	294	a, e, f	0,60
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	il.	a, f	0,40
Apocynaceae				
<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	pen-de-macaco	46	i, g	0,40
<i>A. puberula</i> A. DC.	cunhão-de-porco	242	g	0,25
<i>Aspidosperma multiflorum</i> A. DC.	pequiá	247	d, h, j, l	1,33
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	boa-noite; bom-dia	267	e, f	0,29
<i>Ervatamia coronaria</i> (Jacq.) Stapf	cipozinho	397	i	0,20
<i>Nerium oleander</i> L.	espírradeira-vermelha	188	i, e	0,22

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
<i>Tabernaemontana albiflora</i> (Miq.) Pulle	burra-leiteira	159	i	0,25
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) Merr	dedal-de-ouro	233	i	0,17
Araceae				
<i>Syngonium podophyllum</i> Schott	agave-estrela	285	i	0,17
<i>Scaphispatha gracilis</i> Brongn. ex Schott	milho-de-cobra; folha-de-cobra	256	c, e, h, m	1,33
Areceaceae				
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	tucum	308	a, b, f	3,00
<i>Attalea speciosa</i> Mart.	babaçu	il.	a, b, c, d, f, j, n	2,33
<i>Cocos nucifera</i> L.	côco	il.	a, i	0,25
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti	il.	a, b, f, i	2,00
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	carnaúba	429	a, b, c, d, f, g, j, l	2,67
Aristolochiaceae				
<i>Aristolochia</i> sp ¹	pipoco; jarrinha	255	i	0,33
Asclepiadaceae				
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) R. Br.	flor-de-sêda	142	f	0,50
<i>Cryptostegia madagascariensis</i> Bojer ex Decne.	caça-de-amor, cipó-preto	229	e, f, g, l	0,44
<i>Matelea nigra</i> (Decne.) Morillo & Fontella	cunhão-de-bode	258	h	0,50
<i>Schubertia grandiflora</i> Mart. & Zucc.	cipó	372	g	0,50
Asteraceae				
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	cabeça-chata	426	f, e	0,75
<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	agrião; jambre	60	f	0,25
<i>Bidens pilosa</i> L.	carrapicho-de-agulha	163	f	0,20
<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	malva-ranhenta	129	c	0,33
<i>Aspilia martii</i> Baker	margarida	374	i	0,25
<i>Aspilia</i> sp	margarida	132	i	0,33
<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson	pincelzinho	157	i	0,25
<i>E. sonchifolia</i> (L.) DC.	pincel	360	f, i	0,50
<i>Melanthera latifolia</i> (Gardner) Cabrera	pau-preto	396	i	0,20
<i>Pectis oligocephala</i> Sch.Bip.	alecrim	8	f	0,20
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	bem-me-quer mal-me-quer	90	f, i	0,40
<i>Vernonia aff arenaria</i> Mart. ex DC.	lã-de-ovelha	394	i	0,20
<i>Vernonia remotiflora</i> Rich.	ervanço	115	g	0,33
Bignoniaceae				
<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	pente-de-macaco	46	g, i	
<i>Arrabidaea corallina</i> (Jacq.) Sandwith	grajau	207	c, i	1,00
<i>Amphilophium</i> sp.	cipó	257	h	1,00
<i>Jacaranda brasiliiana</i> (Lam.) Pers.	coroba	218	c, d, f, g, i, j	3,00
<i>J. irwinii</i> A.H. Gentry	cipó-de-caititu	191	c	0,25
<i>J. jasminoides</i> (Thunb.) Sandwith	chifre-de-carneiro	298	i	0,25
<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H. Gentry	alho-de-cura	89	a, e, f, i	1,00
<i>Memora pedunculata</i> (Vell.) Miers	cipó-preto	202	f	0,25
<i>Neojobertia candolleana</i> Mart.	quatro-patacas	391	g, i	1,00
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standl.	pau-d'arco-roxo	259	c, d, f, g, i, j	2,00
<i>T. ochracea</i> (Cham.) Standl.	pau-d'arco-amarelo	203	d, f, g, i, j	2,50
Bixaceae				
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	349	a, f, i	1,50
Bombacaceae				
<i>Pseudobombax</i> sp	barriguda	190	c, f	1,00
<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	mamorana	169	i, g	0,40
Boraginaceae				
<i>Cordia rufescens</i> A. DC.	grão-de-galo	23	a, c, f, g	0,80
<i>Heliotropium indicum</i> L.	crista-de-galo	61	f	0,50
<i>H. polyphyllum</i> Lehm.	sete-sangrias	309	f	0,33

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
Bromeliaceae				
<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. f.	macambira	220	c	1,00
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. f.	macambira-de-boi	145	c, f, i	1,00
Cactaceae				
<i>Cereus albicaulis</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	rabo-de-raposa	246	c, d, f	1,50
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	coroa-de-frade; cabeça-de-frade	240	e, f, i	0,75
<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck	palma-santa	78	e, f, g, i	1,33
<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	palma	253	c, i	0,50
<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C. Weber) Byles & G.D. Rowley	xique-xique	119	f, g	
Capparaceae				
<i>Cleome aculeata</i> L.	mussambezinho	234	f, g	1,00
<i>C. spinosa</i> Jacq.	mussambê	147	d, e, f, g	1,38
<i>Crateva tapia</i> L.	trapiá	216	a, c, d, f, j	1,67
Caricaceae				
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	279	a, f	0,67
Caryocaraceae				
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm.	pequi	il.	a, c, d, f, g, i, j	2,33
Chenopodiaceae				
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	il.	a, f	0,50
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	64	f	0,20
Cochlospermaceae				
<i>Cochlospermum vitifolium</i> (Willd.) Spreng.	algodão-bravo	200	c, g	0,67
Combretaceae				
<i>Combretum duarteanum</i> Cambess.	moita-branca; catinga-branca	52	d, g, j	0,60
<i>C. leprosum</i> Mart.	mufumbo	330	c, f, g, i	1,33
<i>C. mellifluum</i> Eichler	catinga-branca-de-chapada, mufumbo	57	f, g, j, m	2,00
<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. ex A. St.-Hil.) Eichler	catinga-de-porco	37	d, f, g, j	1,33
<i>T. fagifolia</i> Mart.	chapada	252	d, f, g, j	2,00
Commelinaceae				
<i>Commelina</i> sp	orelha-de-onça	353	g	0,25
Convolvulaceae				
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	salsa	86	f	0,25
<i>I. bahiensis</i> Willd. ex Roem. & Schult.	jitirana	87	c	0,20
<i>I. batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	il.	a, c, f	0,50
<i>I. nil</i> (L.) Roth	jetirana	389	c	0,33
<i>I. quamoclit</i> L.	milindro	317	i	0,25
<i>Ipomoea</i> sp	jitirana	344	g	0,20
<i>Jacquemontia gracillima</i> (Choisy) Hallier f.	jitirantina	407	i	0,33
<i>J. tammifolia</i> (L.) Griseb.	jitirana	100	i	
<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urb.	jetirana-peluda	167	g	0,20
<i>Operculina macrocarpa</i> (Linn) Urb.	batata-de-purga	431	f	1,00
Cucurbitaceae				
<i>Cayaponia</i> sp	guardião	175	f	0,33
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad. ex Eckl. & Zeyh.	melancia	291	a, f	0,67
<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe; maxixe-de-goiás	286	a	0,25
<i>C. melo</i> L.	melão	il.	a	0,33
<i>C. sativus</i> L.	pepino	il.	a	0,25

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
<i>Cucurbita pepo</i> L.	abóbora	296	a, f	0,40
<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	cabaça	83	f, l	0,20
<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	bucha	416	l	0,17
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	67	a, f	0,67
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	il.	a, f	0,33
Indet.	estrepo	248	c	0,50
Cyperaceae				
<i>Bulbostylis conifera</i> (Kunth) C.B. Clarke	capim-de-lagartixa	311	c	0,50
<i>Cyperus aggregatus</i> (Willd.) Endl.	capim	356	c	1,00
<i>C. entrerianus</i> Boeck.	capim	354	c	0,25
<i>C. uncinulatus</i> Schrad. ex Nees	barba-de-bode	345	c, f	0,67
<i>Cyperus</i> sp	capim	160	c	0,50
<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl) Boeck.	capim-estrela	322	c	0,76
Dilleniaceae				
<i>Curatella americana</i> L.	sambaiba	201	d, f, g, i, j, l	0,71
Dioscoriaceae				
<i>Dioscorea alata</i> L.	cará	92	a, f	0,50
Euphorbiaceae				
<i>Cnidioscolus quercifolius</i> Pohl	cansanção	4	c, f	0,50
<i>C. loefgrenii</i> (Pax & K. Hoffm.) Pax & K. Hoffm.	cansanção-bravo	48	f	1,00
<i>C. vitifolius</i> (Mill.) Pohl	cansanção-branco, cansanção-preto, cansanção- manso	214	f, l	0,67
<i>Croton betaceus</i> Baill.	velame	10	g	0,67
<i>C. campestris</i> A. St.-Hil.	canelinha	312	a, c, f, g, h, i	1,33
<i>C. grewoides</i> Baill.	canelinha	243	a, f, g	0,50
<i>C. heliotropifolius</i> Kunth	velame-verdadeiro	149	a, f, g	0,60
<i>C. hirtus</i> L'Hér.	velame	224	f	0,33
<i>C. pedicellatus</i> Kunth	velame	40	f	0,25
<i>C. rhamnifolioides</i> Pax & K. Hoffm.	velame	327	f	0,25
<i>C. tenuifolius</i> Pax & K. Hoffm.	velaminho; velame-santo	10	a, f	0,50
<i>Croton</i> sp ¹	batata-de-vaqueiro	310	a, f	0,50
<i>Croton</i> sp ²	papaconha	368	c, f	0,40
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	cachorro-pelado	91	f, h, i	1,50
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	6	e, f, i	1,50
<i>J. mollissima</i> (Pohl) Baill.	pião-bravo	213	f, g, e	0,67
<i>J. multifida</i> L.	pinhão-da-sorte	306	e	0,50
<i>J. ribifolia</i> (Pohl) Baill.	pinhão-branco	232	f, i, m	0,40
<i>Manihot caerulea</i> subsp. <i>laevis</i> Allem	maniçoba	26	c, h, i	0,60
<i>M. esculenta</i> Crantz	mandioca	299	a, c, h	0,50
<i>M. glaziovii</i> Müll.Arg.	mandioca-brava	413	h	0,50
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	128	f	0,20
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	278	f, i, m	1,00
Erythroxylaceae				
<i>Erythroxylum macrochaetum</i> Miq.	tapa-quintá	409	c	0,25
Gesneriaceae				
<i>Episcia reptans</i> Mart.	tapete-de-nossa-senhora	316	i	0,17
Iridaceae				
<i>Cipura paludosa</i> Aubl.	coquinho-do-campo	404	c	0,33
<i>C. xanthomelas</i> Mart. ex Klatt	alho-de-peba	430	c	0,50
<i>Cypella linearis</i> (Kunth) Baker	coquinho	321	c, f, i	0,67
Krameriaceae				
<i>Krameria tomentosa</i> A. St.-Hil.	carrapicho-de-bode	39	f, g	0,20

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
Lamiaceae				
<i>Hypenia salzmännii</i> (Benth.) Harley	barriguda	405	f	0,50
<i>Hyptis platanifolia</i> Mart. ex Benth.	betanca	108	f, g	0,17
<i>H. suaveolens</i> (L.) Poit.	bamburral	358	e, f, g, i	0,80
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade; cordão-de-são-francisco	59	a, d, f, g, i, m	1,50
<i>Ocimum americanum</i> L.	manjerição	325	f, g	1,00
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	417	f	0,17
<i>Rhaphiodon echinus</i> Schauer	betânia	423	c, f	0,20
Indet.	mãe-catirina	412	f	0,25
Lauraceae				
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	il.	a, f	0,33
Leguminosae				
Caesalpinioideae				
<i>Bauhinia acuruana</i> Moric.	miroró-branco	15	f	0,33
<i>B. dubia</i> Vog.	pata-de-vaca	314	f, g	0,50
<i>B. pentandra</i> Vog. ex D.Dietr.	capa-bode	352	g, m	0,40
<i>B. pulchella</i> Benth.	miroró-de-cabra	408	c, d, g, j	0,47
<i>B. unguilata</i> L.	miroró	274	f, g, j	0,60
<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul.	pau-de-rato; catingueira	384	d, f, g, i, j, m	3,00
<i>C. ferrea</i> Mart.	pau-ferro, jucá	53	d, f, g, i, j	2,50
<i>C. pulcherrima</i> (L.) Sw.	maravilha	77	i	0,20
<i>C. pyramidalis</i> Tul.	catigueira	54	e, f, g, i, j, m	2,00
<i>Caesalpinia</i> sp	catigueira	54	f	1,00
<i>Delonix regia</i> Raf.	frambuambo	239	i, e	0,20
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul.	fava-d'anta	30	c, d, f, g, i, j, m	2,33
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá-de-porco	222	a, d, f, g, j	2,50
<i>H. eriogyne</i> Benth.	jatobá-de-vaqueiro	21	a, f	0,67
<i>Martiodendron mediterraneum</i> (Mart. ex Benth.) Köppen	quebra-machado	346	d, g	1,00
<i>Parkinsonia aculeata</i> L.	xila	186	d, f, g, i, m	0,63
<i>Peltogyne confertiflora</i> Benth.	birabú	176	g	2,00
<i>Senna gardneri</i> (Benth.) H.S.Irwin & Barneby	mata-pasto	131	j, g	0,50
<i>S. obtusifolia</i> (L.) H.S.Irwin & Barneby	mata-pasto	81	c, f, g, m	1,00
<i>S. occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	80	c, f, g, d	1,50
<i>S. reticulata</i> (Willd.) H.S.Irwin & Barneby	maria-mole	140	f	0,20
<i>S. spectabilis</i> (DC.) H.S.Irwin & Barneby	cana-fliche	49	c, d, f	0,67
<i>Senna</i> sp	papaconha-mansa	370	f, g	0,40
<i>Tachigali</i> sp	podói; podóia	122	d, e, f, g, j	1,67
<i>Tamarindus indica</i> L.	tamarindo	379	a, f	0,67
Mimosoideae				
<i>Albizia lebbek</i> (L.) Benth.	pau-brasil	158	i	0,25
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	tamboril	209	d, h, m	0,75
<i>Inga</i> sp	ingá	183	g	0,25
<i>Mimosa acutistipula</i> Benth.	jurema-preta	17	c, d, e, g, j	1,67
<i>M. quadrivalvis</i> L.	malícia	335	g	0,50
<i>M. somnians</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	malícia-verdadeira	339	c	0,33
<i>M. caesalpinifolia</i> Benth.	sabiá	265	c, d, e, f, g, i, j	2,33
<i>M. diplotricha</i> C. Wright	malícia	13	c	0,50
<i>M. pellita</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	calombinho	273	c	0,25
<i>M. pigra</i> L.	viuvinha	250	c	0,33
<i>M. velloziana</i> Mart.	malícia-de-boi	118	c, f, g	0,50
<i>M. verrucosa</i> Benth.	jurema-branca, jurema-de-caboclo	107	d, j	1,00
<i>Mimosa</i> sp ¹	angico	226	g	0,25

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
<i>Mimosa</i> sp ²	angico-branco	242	g	0,20
<i>Mimosa</i> sp ³	candeia	146	j, d	0,40
<i>Neptunia plena</i> Lindl.	malicinha	7	c	0,33
<i>Parkia platycephala</i> Benth.	faveira; bufante; faveira-de-bolota.	179	c, d, f, g, i, j	1,67
<i>Pithecellobium dulce</i> Benth.	mata-fome	166	a, g, i	0,60
<i>Vachellia farnesiana</i> Wight & Arn.	unha-de-gato, coronha	366	d, f, g	1,00
Papilionoideae				
<i>Amburana cearensis</i> (Fr. Allem.) A.C.Sm.	imburana-de-cheiro	347	d, f	2,00
<i>Arachis sylvestris</i> A.Chev.	amendoim-forrageiro	365	c	0,25
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	sucupira	415	c, d, f, g, i	2,50
<i>Cenostigma gardnerianum</i> Tul.	canela-de-velho	205	c, d, f, i, j	2,00
<i>Centrosema rotundifolium</i> Mart. ex Benth.	mucunã	134	c, g	
<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	mucunã-de-chapada	262	a, b, g	0,75
<i>Galactia jussiaeana</i> Kunth	feijão-de-rolinha	315	c	0,20
<i>Galactia</i> sp	maratuba-de-chapada	338	c	0,33
<i>Phaseolus lunatus</i> Haberle	fava	70	a	1,00
<i>P. vulgaris</i> L.	feijão	il.	a	0,50
<i>Pterocarpus villosus</i> Mart. ex Benth.	pau-de-sangue	123	c, d, f, g, j	1,33
<i>Stylosanthes capitata</i> Vogel	bunina-do-dia	98	i	0,25
<i>Swartzia flaemingii</i> var. <i>psilonema</i> (Harms) R.S.Cowan	jacarandá	94	c, d, f	1,50
<i>Vatairea macrocarpa</i> Ducke	amargoso	156	d, f, g	1,50
<i>Vigna vexillata</i> (L.) A.Rich.	feijão-ligeiro	399	a	0,20
Liliaceae				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	il.	f, n, m	1,50
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	il.	a, f	0,33
<i>A. sativum</i> L.	alho	il.	a, f	0,50
<i>A. schoenoprasum</i> L.	cebolinha	282	a, f	1,00
Loganiaceae				
<i>Strychnos</i> sp	quina	333	f	0,50
Indet.	ranca-gibão	51	c	0,50
Loranthaceae				
<i>Phthirusa stelis</i> (L.) Kuijt	esterco-de-passarinho	189	i, l	0,67
Lythraceae				
<i>Cuphea laricoides</i> Koehne	mãe-catirina	38	c, f, g	1,50
<i>C. ericoides</i> Cham. & Schtdl.	mãe-catirina	334	g	0,25
Malpighiaceae				
<i>Banisteriopsis cristata</i> (Griseb.) Cuatrec.	esterco-de-passarinho	212	c	0,25
<i>Banisteria stellaris</i> Griseb.	mata-mata	24	h	0,33
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC.	cereja	121	a, f	0,67
<i>Byrsonima correaefolia</i> A. Juss.	murici	377	a, c, d, f, g, i, j	2,33
<i>B. variabilis</i> A. Juss.	murici	36	a	1,00
<i>Byrsonima</i> sp	murici	419	a	0,33
<i>Diplopterys lutea</i> (Griseb.) W.R. Anderson & C.Cav. Davis	alecrim-rosa	198	i	0,25
<i>Diplopterys</i> sp	birro-preto	11	d, e, f, j	0,80
<i>Heteropterys caducibracteata</i> W.R. Anderson	nó-de-cachorra	402	g	0,67
<i>Janusia mediterranea</i> W.R. Anderson	alecrim	371	g	0,20
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	acerola	75	a, f	0,40
<i>Peixotoa jussieuana</i> Mart. ex A. Juss.	alecrim-amarelo	392	g	0,67
Malvaceae				
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	297	a, f	0,67
<i>Briquetia spicata</i> (Kunth) Fryxell	malva	400	g	0,50
<i>Gossypium barbadense</i> L.	algodão-de-crioulo	307	f, l	0,50

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
<i>G. hirsutum</i> L.	algodão	il.	f, c, l	1,00
<i>Herissantia crista</i> (L.) Brizicky	malva	150	i	0,20
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	margarida	il.	i	0,17
<i>Malva sylvestris</i> L.	malva-do-reino	283	f	0,25
<i>Pavonia cancellata</i> Garcke	baba-de-veado	95	f, i	0,17
<i>Sida cordifolia</i> L.	malva-branca	79	f	0,25
<i>S. galheirensis</i> Ulbr.	malva	2	i	0,33
<i>S. glomerata</i> Cav.	malva-de-cobra	130	c	0,50
<i>S. linifolia</i> Cav.	malva	331	c	0,25
Musaceae				
<i>Musa paradisiaca</i> L.	banana	il.	a, c, f	1,00
Myrtaceae				
<i>Campomanesia velutina</i> (Camb.) O. Berg	guabiraba	343	a, c, f, g	1,33
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	eucalipto	il.	f	1,00
<i>Eugenia aurata</i> O. Berg.	tigimboca	414	a, c, d	0,75
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	290	a, f	0,50
<i>Psidium</i> sp	araçá	351	a, g	0,67
Nyctaginaceae				
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	três-marias	il.	i	0,20
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	pega-pinto	154	f	0,20
Olacaceae				
<i>Ximenia americana</i> L.	ameixa	204	a, c, f, g	2,00
Oxalidaceae				
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	184	a, f	0,40
<i>Oxalis triangularis</i> A. St.-Hil.	trevo-roxo	369	d, i	0,40
<i>O. divaricata</i> Mart. ex Zucc.	vinagreira-da-mata	103	a	0,25
Passifloraceae				
<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	maracujá-de-vaqueiro	117	a, c, f, g	1,50
Phytolacaceae				
<i>Petiveria alliacea</i> L.	tipí; macumba	235	d, f, i	0,50
Piperaceae				
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	pimenta-de-macaco	155	a, f, i	0,75
<i>P. cf. cavalcantei</i> Yunck	pimenta-de-macaco	236	a, f, i	0,60
Poaceae				
<i>Aristida glaziovii</i> Hack. ex Henrard	fanaço	340	c	0,25
<i>Cenchrus echinatus</i> L.	carrapicho	109	c, f	0,33
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	campim-de-cheiro; folha-santa	293	a, f	0,40
<i>Mesosetum loliiforme</i> (Hochst.) Chase	capim	411	c	0,33
<i>Melinis repens</i> (Willd.) Zizka	caninha	112	c, f	0,33
<i>Oplismenus hirtellus</i> (L.) P. Beauv.	capim	136	c	0,20
<i>Oryza sativa</i> L.	arroz	il.	a	0,25
<i>Pennisetum polystachion</i> (L.) Schult.	capim	111	c	0,25
<i>Saccharum officinarum</i> Roxb.	cana-de-açúcar	il.	a, f	0,50
<i>Sorghum halepense</i> (L.) Pers.	alpiste	350	c, f	0,40
<i>Zea mays</i> L.	milho	il.	a, c, f	1,00
Polygonaceae				
Indet.	rapadura-de-cavalo	170	c	0,20
Portulacaceae				
Indet.	onze-horas	268	i	0,33
Punicaceae				
<i>Punica granatum</i> L.	romã	il.	a, f	1,00
Rhamnaceae				
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juá	151	a, c, d, f, g, i, n	3,50
Rubiaceae				
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	vassourinha	56	f, l	0,25

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
<i>Coffea arabica</i> L.	café	il.	a, f	0,67
<i>Diodia teres</i> Walter	erva-branca	27	c	0,20
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltl.	angélica	387	c, g	0,67
<i>Guettarda</i> sp	angélica	41	g	0,25
<i>Richardia brasiliensis</i> Gomez	língua-de-boi	63	c	0,20
<i>R. grandiflora</i> (Cham. & Schltl.) Steud.	língua-de-vaca	110	c	0,25
<i>Staelia thymoides</i> Cham. & Schltl.		447	c	0,33
<i>Tocoyena sellowiana</i> (Cham. & Schltl.) K. Schum.	jenipapinho	269	a, c, f, g, i	1,67
<i>Tocoyena</i> sp	jeniparama	33	g	0,25
Rutaceae				
<i>Citrus limonum</i> Risso	limão-azedo	318	a, f	0,67
<i>C. sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja	287	a, f	0,50
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	il.	e, f	0,50
Sapindaceae				
<i>Cardiospermum anomalum</i> Cambess.	coração-de-índio	302	g	0,25
<i>C. halicacabum</i> L.	coração-de-nego	153	l, n	0,67
<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	tingui	50	c, d, f, g, h, j, m, n	3,50
<i>Serjania communis</i> Cambess.	mucunã	196	f	1,00
<i>S. exarata</i> Radlkofer	mucunã-miúda	171	g	0,33
<i>S. grandiflora</i> Cambess.	mucunã	357	l	0,50
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	pitomba	271	a, g	1,00
Sapotaceae				
<i>Manilkara zapota</i> (L.) P. Royen	sapoti	185	a	0,25
Scrophulariaceae				
<i>Angelonia cornigera</i> Hook.	melancia-brava	362	i	0,20
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	113	e, f, l	1,50
<i>Stemodia foliosa</i> Benth.	mela-peru	251	c	0,33
Solanaceae				
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimentão	280	a	0,33
<i>C. baccatum</i> L.	pimenta-olho-de-peixe	120	f	0,25
<i>C. frutescens</i> L.	pimenta-malagueta	93	a, f	1,00
<i>Ptyrocarpa moniliformis</i> (Benth.) Luckow & R. W. Jobson	cangalho	241	j, g	1,00
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	tomate	il.	a, f	0,67
<i>Physalis angulata</i> L.	canapu	65	a, f	0,50
<i>Physalis</i> sp	canapu-bravo	284	c	0,25
<i>Solanum americanum</i> Mill.	erva-moura; maria-preta	76	a, f	0,50
<i>S. crinitum</i> Lam.	jiló	178	f	0,33
<i>S. melongena</i> L.	berinjela	295	a, f	0,67
<i>S. palinacanthum</i> Dunal	melancia-do-mato; jiló	165	f	0,20
<i>S. rhytidoandrum</i> Sendtn.	jurubeba-brava	336	m	0,20
Sterculiaceae				
<i>Byttneria</i> sp	calombinho-mole	272	c	0,25
<i>Helicteres muscosa</i> Mart.	moleque-duro	22	e, f, g, i	2,00
<i>Sterculia striata</i> A. St.-Hil. & Naudin	chichá	177	a, d, f, g, i	1,67
Tiliaceae				
<i>Luehea candicans</i> Mart.	açoita-cavalo-verdadeiro; açoita-cavalo-branco	217	f, g, i, j	1,50
Turneraceae				
<i>Piriqueta sidifolia</i> var. <i>multiflora</i> Urb.	estrepe	35	g, i	0,33
<i>Turnera pumilea</i> L.	rachanana	277	i	0,20

Tabela 1. (Continuação...)

FAMILIA/ESPÉCIE	NV	NC	Cat. U	VU
<i>T. coerulea</i> var. <i>surinamensis</i> (Urb.) Arbo & Fernández	tira-estrepo	427	f	0,25
<i>T. luetzelburgii</i> Sleumer	ranca-estrepo	99	g, i	0,33
<i>T. odorata</i> Rich.	estrêpo	288	c	0,20
<i>Turnera subulata</i> Sm.	ranca-estrepo	237	f, g, h, i	0,80
<i>T. ulmifolia</i> L.	chanana	398	f, g, i	0,50
<i>Turnera</i> sp.	chanana	388	c	0,25
Urticaceae				
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich.	urtiga-de-boi	68	h	0,33
Velloziaceae				
<i>Barbacenia stenophylla</i> Goethart & Henrard	macambira-de-morro	342	f, i	0,50
Verbenaceae				
<i>Amasonia campestris</i> (Aubl.) Moldenke	cafezinho	260	i	0,20
<i>Lantana camara</i> L.	chumbinho	45	i	1,00
<i>L. riedeliana</i> Schauer	camará	303	i	0,33
<i>Lantana</i> sp	chumbinho	300	i	0,25
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	erva-cidreira	180	a, f	1,00
<i>Lippia</i> sp ¹	alecrim	138	e, f	2,00
<i>Lippia</i> sp ²	alecrim-de-passos; alecrim-de-bom-jesus	403	e, f, i	0,50
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	flor-de-anjo	376	i	0,33
Indet.	hortelão	281	f	0,50
Violaceae				
<i>Hybanthus oppositifolius</i> (L.) Taub.	papaconha	276	c, f	0,33
Vochysiaceae				
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	capitão-de-campo	144	d, e, f, g, i	2,50
<i>C. microphylla</i> Warm.	andrê-miúdo; andrezinho	148	g, i, j	1,50
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	pau-de-terra-da-folha-larga	206	d, f, g, j	2,00
<i>Q. parviflora</i> Mart.	pau-de-terra-da-folha-miúda	410	d, g	2,00
Zingiberaceae				
<i>Curcuma longa</i> L.	açafroa	il.	a, f	0,50
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gingibre	il.	a, f	0,67

Em conformidade com a Tabela 1, as categorias de uso mais destacadas foram a medicinal (185), forrageira (104) e melífera (103). Todavia as que receberam número menor de citações foram a artesanal (5), higiene e limpeza (8) e utensílios (12), como mostrado na Figura 3.

Das espécies levantadas, 141 foram referidas para apenas uma categoria de uso destas, 30 foram indicadas exclusivamente para o uso medicinal. 65 espécies são usadas como alimentícia e medicinal, das quais 35% pertencem a vegetação nativa.

Entre as espécies 32% são ervas, 26,8% subarbustos, 28,5% arbustos e 12,5% árvores. Do total, 72,8% são nativas, coincidindo com os dados revelados por Medeiros et al. (2003) em Magaratiba/RJ. As plantas exóticas referidas, são cultivadas nos quintais das residências ou nas proximidades destas, pelas mulheres, para fins medicinais (67,8%), alimentares (63,2%), ou ornamentais (24,1%). Enquanto as nativas

como a *Magonia pubescens* (tingüi) se apresentou como a espécie mais versátil, referida em oito categorias de uso, seguida por *Byrsonima correifolia*, *Copernicia prunifera*, *Dimorphandra gardneriana*, *Luetzelburgia auriculata*, *Mimosa caesalpinifolia*, *Myracrodruon urundeuva* e *Ziziphus joazeiro*, referidas em sete.

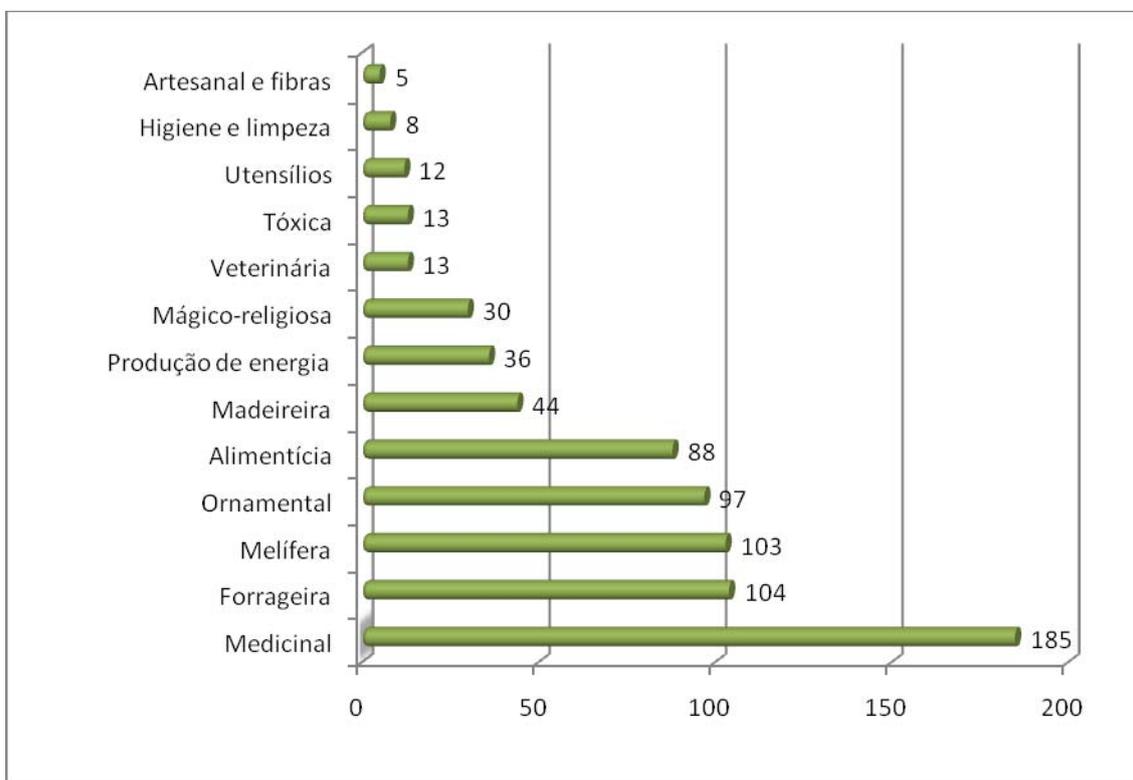


Figura 3. Número de espécies botânicas indicadas por categorias de uso nas comunidades rurais do semiárido piauiense.

Este contexto é semelhante ao demonstrado por Franco (2005), haja vista que a *Attalea speciosa* foi citada como útil por todos os entrevistados, referida em sete categorias de uso: como medicinal, uma vez que a semente é usada no tratamento de disenteria e como cicatrizante; no artesanato, pois as folhas são empregadas no preparo de cestos; na alimentação mediante o aproveitamento da amêndoa; a madeira para a produção de ripas; na higiene, para a fabricação de sabão a partir do azeite extraído da semente; como forrageira, usada na alimentação animal; e, na geração de energia, ao produzir carvão de excelente qualidade.

Ademais, salienta-se em consonância com Rodal e Nascimento (2002) que as espécies seguintes são comuns às levantadas no semiárido pernambucano: *Caesalpinia ferrea*, *Croton rhamnifolius*, *C. pyramidalis*, *Erythroxylum macrochaetum*, *Herissantia*

crispa, *Jatropha molissima*, *Lantana camara*, *Mimosa acutistipula*, *Richardia grandiflora*, *Rollinia leptopetala*, *Scoparia dulcis*, *Senna spectabilis*, *Sida galheirensis*, *Tabebuia impetiginosa*, *Terminalia brasiliensis*, *Urera baccifera* e *Ziziphus joazeiro*.

Os resultados obtidos para a categoria medicinal, demonstraram que as plantas constituem um forte elemento na cultura local para o tratamento de sinais e sintomas de doenças, devido ao elevado número de citações (185), correspondendo a 52,4% das espécies levantadas, como também demonstrado em vários trabalhos realizados no Brasil (Anderson e Posey, 1985; Sales e Lima, 1985; Kayner e Duryea, 1992; Begossi et al., 1993; Figueiredo et al., 1993; Rossato et al., 1999; Abreu, 2000; Albuquerque e Andrade, 2002; Chaves, 2005; Silva e Andrade, 2005). Desta forma, ressalta-se as Leguminosae (28 espécies), Euphorbiaceae (18), Lamiaceae, Solanaceae (8), Anacardiaceae (7), Cucurbitaceae, Malvaceae e Poaceae (6), com o maior número de espécies referidas para a categoria, semelhante ao mostrado por Rodrigues e Carvalho (2001), na Região do Alto do Canidé/MG.

Os modos de preparo indicados foram decocto (55,8%), infuso (23,8%), banho (13,5%), garrafadas (11,9%), lambedores e outros (3,8%). As partes mais usadas foram as folhas (47,3%), seguida pela casca (31,9%), raiz (15,8%) e flores/ látex /raízes/ sementes (5,3%). Do total de espécies, 32 foram referidas exclusivamente para essa categoria, destas 84,4% são nativas e apenas 15,6% são exóticas, evidenciando o grande conhecimento da flora nativa.

Allium cepa, *A. sativum*, *Aloe vera*, *Anacardium occidentale*, *Bidens pilosa*, *Citrus sinensis*, *Cymbopogon citratus*, *Daucus carota*, *Euphorbia tirucalli*, *Gossypium barbadense*, *Leonotis nepetifolia*, *Mangifera indica*, *Ocimum americanum*, *Plectranthus barbatus*, *Psidium guajava*, *Ruta graveolens*, *Scoparia dulcis*, *Solanum americanum* e *Sorghum halepense* também foram referenciadas por Pinto, Amorozo e Furlan (2006) em investigação das plantas empregadas para fins medicinais em comunidade rurais, Itacaré/BA.

A aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) obteve um número significativo de citações, sendo referida para o tratamento de inflamações, gastrite, úlcera, útero baixo, dor no estômago, diarreia, inflamação do útero e ovários, ferimentos e fraturas, indicações semelhantes às de Vieira (2008). O gengibre (*Zingiber officinale*) foi mencionado como expectorante, uso similar ao encontrado em pesquisa por Fuck et al. (2005) em Bandeirantes/PR; o pau-de-rato (*Caesalpinia bracteosa*) citado para

combater a diarreia e a inflamação da próstata, verminoses, flatulência e disenteria; as sementes de pitomba (*Talisia esculenta*) foram aludidas para problemas de desidratação, dado similar ao apresentado por Guarim Neto (1996) em pesquisa realizada em MT. *Petiveria alliacea* foi indicada como medicinal, para o tratamento de dor nas juntas, semelhante ao mostrado por Fuck et al. (2005).

Constatou-se que o uso de plantas para fins terapêuticos é uma prática bastante disseminada na cultura local, por ser considerado mais eficiente e acessível do ponto de vista financeiro. E, ainda, mostra-se como a alternativa mais viável, dada a distância entre algumas comunidade e os hospitais, situados na sede do município. Os informantes que creditam total confiança à efetividade terapêutica das plantas, quando indagados, manifestaram procurar e indicar o atendimento médico hospitalar em situações particulares: parto, pois em nenhuma comunidade visitada constatou-se a presença de parteiras; em acidentes graves, especialmente envolvendo motociclistas; e quando a doença era tratada localmente com o uso de medicamentos caseiros e não presenciava-se sintomas de cura, após significativo tempo de tratamento. Outrossim, 100% dos entrevistados diz indicar o uso de plantas aos parentes e amigos, cujo conhecimento sobre a propriedade terapêutica das mesmas foi repassado pelos pais, avós e pessoas mais velhas da comunidade, e apenas 10% destes relataram ter adquirido também informações sobre plantas medicinais em livros, televisão e rádio.

Forrageira – As plantas referenciadas para essa categoria dão suporte à pequenas criações de animais (caprinos, suínos, ovinos, jumentos, burros, muares, eqüinos, bovinos e galináceos), destacando-se como a segunda categoria, devido serem 104 espécies, perfazendo 29,5% do total amostrado. Ademais, enfatiza-se que Leguminosae (22 espécies), Poaceae (8) e Cyperaceae (6) obtiveram maior número de citações. Esses dados estão de acordo com estudos realizados em áreas de Caatinga por Lemos (2001) no Parque Nacional da Serra da Capivara, São Raimundo Nonato/PI e por Ferraz et al. (2006) em Caruaru/PE. Do total de espécies levantadas, 31 foram indicadas de forma exclusiva para essa categoria e as Iridaceae e Cyperaceae receberam 100% de citações para este uso, como explicitado por Vieira (2008). Constatou-se que trinta e duas famílias não foram referenciadas nessa categoria, semelhante ao descrito por Franco et al. (2007) no Quilombo Olho-D'água dos Pires, Esperantina/PI a exemplo de Apocynaceae, Cucurbitaceae, Dilleniaceae, Tiliaceae, Verbenaceae e Vochysiaceae.

Anacardium occidentale, *Copernicia prunifera*, *Parkia platycephala*, *Rollinia leptopetala* e *Senna occidentalis* foram as espécies que obtiveram o maior número de citações, semelhante ao mostrado por Santos et al. (2007) em Monsenhor Gil/PI. Apesar de terem sido referidas como forrageiras, cinco espécies foram mencionadas como tóxicas. As partes vegetais preferidas pelos animais são as folhas (64,3%), seguida pelas flores (22,2%) e frutos (13,5%), e o consumo ocorre diretamente do solo. Segundo Pott et al. (2006), as folhas de *Bauhinia unguolata* são apreciadas pelo gado no período da seca.

Melífera – a relevância dessa categoria decorreu de ser a terceira em número de referências, com 103 citações, evidenciando 29,2% do total amostrado. Torquato (2006) ao realizar levantamento das espécies vegetais melitófilas ocorrente no Quilombo Olho d'água dos Pires, Esperantina/PI, do mesmo modo, identificou uma quantidade significativa de espécies. Do total, 88 pertencem à vegetação nativa, destas, 16 foram mencionadas somente para essa categoria. *Croton campestris*, *Pterocarpus villosus* e *Tabebuia impetiginosa* foram aludidas como espécies bastante visitadas por abelhas, igualmente ao apontado por Chaves et al. (2006a) em levantamento da flora apícola do carrasco no município de Cocal/PI.

Merecem destaque Leguminosae, Anacardiaceae, Combretaceae, Vochysiaceae e Rubiaceae com 31, 8, 5 e 4 citações, respectivamente. Ressalta-se que todas as Combretaceae foram indicadas nessa categoria. *Luetzelburgia auriculata*, *Qualea grandiflora* e *Tocoyena selloana* receberam um maior número de indicações. *Anacardium occidentale*, *Astrocaryum vulgare*, *Combretum leprosum* e *Spondias lutea*, foram também citadas por Chaves (2006b) em pesquisa desenvolvida no município de Cocal/PI. *Borreria verticilata* e *Lantana camara* foram aludidas para essa categoria por Viana et al. (2006) em levantamento nas dunas de Abaeté/BA. *Magonia pubescens*, *Terminalia fagifolia*, *Caryocar coriaceum* e *Bowdichia virgilioides* foram igualmente mencionadas como espécies melíferas por Silva Júnior et al. (2005).

Dimorphandra gardneriana, *Dioclea violacea*, *Hyptis suaveolens*, *Mimosa caesalpinifolia*, *Passiflora cincinnata*, *Psidium guajava*, *Qualea grandiflora*, *Q. parviflora*, *Senna obtusifolia*, *S. occidentalis*, *Tabebuia impetiginosa* e *Turnera ulmifolia*, foram, do mesmo modo, mencionadas por Torquato (2006) no quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina/PI.

Apesar do número de menções para esta categoria, não foi constatada a prática apícola pelos informantes. O mel utilizado é extraído ocasionalmente de colméias

localizadas nas matas, destinando-se ao abastecimento da família, que o utiliza no preparo de remédios (lambedor), sendo bastante apreciado como sobremesa.

Ornamental – a utilização de plantas para a ornamentação das casas, igrejas e espaços de convivência é uma prática bastante comum nas comunidades rurais pesquisadas, sendo nativas ou oriundas de outras localidades, geralmente trazidas por parentes, amigos ou vizinhos (86%), raramente compradas (16%). Foram registradas 97 espécies, destas 66 são nativas e 30 foram citadas de forma exclusiva para essa categoria. Observou-se que 15 espécies referidas como ornamentais, são ao mesmo tempo empregadas na alimentação. Dados semelhantes foram apresentados por Pasa et al. (2005), em estudo realizado na comunidade de Conceição-Açu/ MT. *Bougainvillea glabra*, *Catharanthus roseus* e *Nerium oleander* foram referidas outrossim por Franco (2005) no Quilombo Olho-D'água-dos Pires, Esperantina/PI.

Luehea cf. *candicans*, *Pachira aquática*, *Sphagneticola trilobata* e *Tabebuia impetiginosa* são as espécies mais comuns. *Blutaparon portulacoides*, *Caesalpinia pulcherrima*, *Cassia fistula*, *Episcia reptans*, *Habranthus sylvaticus*, *Ipomoea quamoclit*, *Melanthera latifolia*, *Opuntia ficus-indica*, *Scaphispatha gracilis*, *Tabernaemontana albiflora* e *Thevetia peruviana* são algumas das 30 espécies citadas de forma exclusiva para essa categoria. Das cultivadas, destacam-se as Asteraceae, citadas, do mesmo modo, por Rico-Gray et al. (1990) em Yucatan no México.

Alimentícia - destaca-se com a indicação de 91 espécies, perfazendo 24,9% do total levantado. Observou-se o predomínio das espécies exóticas (53%), cultivadas nos quintais e proximidades da residência, demonstrando que a coleta de alimentos na vegetação nativa está em segundo plano. Leguminosae (8 espécies), Curcubitaceae (7) e Anacardiaceae (6), foram as mais representativas. Evidenciou-se que as sementes de *Bixa orellana*, são aproveitadas no preparo de um corante; os frutos da *Cucurbita pepo* são bastante apreciados como alimento, e ainda, *Lycopersicon esculentu*, *Malpighia emarginata*, *Psidium guajava* e *Tamarindus indica* (tamarindo) são consumidos ao natural ou nas formas de suco e refresco; as folhas de *Mansoa alliacea* são utilizadas como condimento, em substituição ao alho comum. Resultados semelhantes foram reportados por Lorenzi e Matos (2002).

Citrilus vulgaris, *Dioscorea alata*, *Mangifera indica* e *Pithecellobium dulce* foram referenciadas como ótimo alimento, estando presentes em 58% dos quintais.

Capsicum annum, *Cucumis anguria*, *C. melo* e *C. sativus* receberam citação exclusiva para a categoria, coincidentemente ao apresentado por Vieira (2008). O fruto de *Annona coriacea* foi também citado por Pott et al. (2006), como alimento apreciado nas formas de suco e/ou natural. *Persea americana* (abacate), *Musa paradisiaca* (banana), *Ipomoea batatas* (batata-doce) e *Coffea arabica* (café) receberam citação exclusiva do mesmo modo ao apresentado por Vieira (2008). *Anacardium occidentale*, *Carica papaya*, *Citrus limonum*, *C. sinensis*, *Cocos nucifera*, *Coffea arabica*, *Cucumis sativus*, *Daucus carota*, *Ipomoea batatas*, *Musa paradisiaca* e *Persea americana* foram também referidas nessa categoria por Pasa et al. (2005) na comunidade de Conceição-Açu/MT.

O plantio de roças e de pequenas hortas consistem em atividade fundamental para a subsistência das comunidades estudadas e, secundariamente, apresenta-se a coleta de alimentos. Cenário similar foi encontrado por Silva e Andrade (2005), em estudo desenvolvido no litoral e zona da mata pernambucanos, cujos principais cultivos foram *Cucurbita pepo*, *Ipomoea batatas*, *Manihot esculenta*, *Musa paradisiaca*, *Oryza sativa*, *Phaseolus lunatus* e *Zea mays*.

Madeira- nessa categoria foram levantadas 44 espécies, na construção civil, fabricação de móveis, confecção de tábuas, vigas e cabos de ferramentas, correspondendo a 12,5% do total amostrado. Nenhuma espécie foi citada de forma exclusiva, demonstrando uma grande versatilidade. Leguminosae (19 espécies), Vochysiaceae e Combretaceae (3) tiveram maior destaque, sendo comumente referidas para a construção de cercas, currais, caibros e, em menor proporção, empregadas na confecção de utensílios domésticos como, por exemplo, móveis, cabos de enxada, de foices e de machados e, ainda, portas. *Tabebuia impetiginosa* e *T. ochracea* receberam citações para a construção de casas, por sua resistência e durabilidade; *Copernicia prunifera* indicada para a construção de currais, *Aspidosperma multiflorum* é empregada na confecção de cabo de enxada e foice; *Magonia pubescens* foi referida para a produção de prensa usada em farinhada; *Rollinia leptopetala* é aproveitada para fazer currais; *Hymenaea courbaril* é usada na confecção de cancelas (portas de currais). *Astronium fraxinifolium* é aproveitada para fazer portas e *Terminalia brasiliensis*, *T. fagifolia*, *Martiodendron mediterraneum* e *Oxandra reticulata*, foram referenciados para a construção de cercas. As espécies *Astronium fraxinifolium*, *Caryocar coriaceum*, *Hymenaea courbaril*, *Qualea grandiflora*, *Q. parviflora*, *Swartzia flaevingii* e

Terminalia fagifolia foram mencionadas como tendo potencial madeireiro para uso em marcenaria, confecção de mourões, forro e carpintaria, dados semelhantes aos obtidos por Jenrich (1989) em levantamento realizado no município de Oeiras/PI.

Foi possível constatar o uso de mesas, cadeiras, portas e portões produzidos na comunidade. No entanto, verificou-se que a maioria dos móveis utilizados são adquiridos no comércio local, segundo os entrevistados, por serem mais bonitos e pelas facilidades de crédito no ato da aquisição.

Produção de energia - na categoria produção de energia mencionaram-se espécies empregadas como combustível, nas formas de lenha e carvão. Indicou-se 36 espécies úteis (10,9%), das quais 26 são igualmente aproveitadas como madeira e 21 como medicinais. Destacaram-se Leguminosae (17), Combretaceae (4) e Bignoniaceae (3) pela representatividade em número de espécies. *Cenostigma gardnerianum*, *Combretum mellifluum* e *Terminalia brasiliensis* figuram entre as espécies mais referenciadas.

Embora a totalidade dos informantes possua fogão a gás, observa-se que a lenha ainda é empregada nos domicílios para o cozimento dos alimentos, sempre que não se dispõe do gás combustível. No entanto, há preferência por aquele, uma vez que é considerado mais eficiente, tanto pela praticidade no uso, como pela economia de tempo, diferente do que foi constatado nas pesquisas de Rodrigues et al. (2002) em Luminárias/MG e Vieira (2008) no Quilombo dos Macacos, São Miguel do Tapuio/PI.

Para a extração de lenha, observou-se que os moradores caminham longas distâncias de seu domicílio para extraí-la, e, ainda, alternam os locais de coleta, evitando o corte recorrente em uma mesma área. Segundo os informantes, essa estratégia é para que não se esgote o recurso nas proximidades das residências, especialmente quando espécies citadas como possuidoras de alto poder calorífero são empregadas para fins terapêuticos, a exemplo de *Caesalpinia bracteosa*, *C. ferrea* e *Myracrodruon urundeuva*.

Mágico-religiosa – foram incluídas nessa categoria de uso 30 espécies apontadas para o tratamento de problemas espirituais, em benzeduras, para afastar mau-olhado, como amuletos da sorte, para trazer bons presságios, como proteção, além de outros significados. Banhos (35,8%), benzeduras (23,1%), rezas (22,7%) defumadores (18,4%), representam as formas de uso indicadas. *Ruta graveolens* foi referida para benzimentos, guardada dentro da carteira como amuleto ou usada em jarros dentro de

casa para afastar mau-olhado e espíritos. *Jatropha multifida*, cultivada nos quintais, recebeu citação exclusiva para essa categoria, sendo utilizada para a realização dos sonhos e desejos. *Acanthospermum hispidum* e *Delonix regia* são utilizadas em benzeduras. *Jatropha mollissima*, *Leonotis nepetifolia*, *Mansoa alliacea*, *Melocactus zehntneri* e *Oxalis triangularis* são cultivadas nos quintais e/ou plantados na frente das casas para afastar os maus-espíritos e o mau-olhado. *Callistene fasciculata* (capitão-de-campo) é usada na forma de banho para criança não adoecer. Os galhos de *Scoparia dulcis* foram referidos para o benzimento de crianças com quebranto. *Catharanthus roseus* é cultivada na frente das residências para evitar o aparecimento de serpentes. O látex de *Cryptostegia madagascariensis* é usado para simpatia em crianças que tem hérnia.

No período compreendido entre a Festa de Passos, Procissão do Fogaréu e a Semana Santa, os altares das casas são decorados com alecrim-de-passos (*Lippia* sp), sendo também distribuído ramalhantes durante a procissão. Na ornamentação da igreja e ruas são usadas folhas de *Copernicia prunifera*.

Acreditam que se *Nerium oleander* for plantada em residências onde tenha mulher solteira ela não se casa. Observou-se que 73% das espécies amostradas nessa categoria, são aproveitadas como medicinais. *Petiveria alliacea* foi destacada para o uso mágico-religioso, de forma similar ao apresentado por Lima et al. (2000) em pesquisa realizada no município de Guaraqueçaba/PR e por Azevedo e Silva (2006) no Rio de Janeiro/RJ. *Hyptis suaveolens* (bamburral) foi indicada como ritualística, do mesmo modo ao demonstrado por Parente e Rosa (2001) em estudo na Barra do Pirai/RJ.

Veterinária – esta categoria de uso obteve 13 citações de espécies indicadas para o tratamento principalmente de bois, cavalos e galinhas. A forma de administração comumente empregada é o uso tópico (78%), seguindo pela via oral (12%). Foram, entre outras, *Aloe vera*, *Bauhinia pentandra*, *Caesalpinia bracteosa*, *C. pyramidalis*, *Combretum mellifluum*, *Enterolobium contortisiliquum*, *Magonia pubescens*, *Solanum rhytidoandrum*, *Scaphispatha gracilis*, *Parkinsonia aculeata* e *Senna obtusifolia*.

Os frutos de *Dimorphandra gardneriana* foram mencionados para aumentar a produção de leite em bovinos. Diferente dessa pesquisa, Jenrich (1989) citou *Dimorphandra gardneriana* como tóxica para ruminantes, quando ingerida em grandes

quantidades; o chá das folhas de *Jatropha ribifolia* é empregado no tratamento de doenças de galinha; as folhas e flores de *Leonotis nepetifolia* são maceradas e aplicadas sobre a pele para combater bicheira de bovinos, suínos, equinos e caprinos; o óleo da semente de *Ricinus communis* é extraído e aplicado em tumores e caroços. Franco et al. (2007) constatou que os quilombolas de Olho D'água dos Pires em Esperantina/PI, utilizam *Parkia platycephala* e *Myracrodruon urundeuva* para fins veterinários e Jenrich (1989) registrou o uso do *Caryocar coriaceum*, dados não coincidentes com a presente pesquisa.

Tóxica – treze espécies foram aludidas como tóxicas, por serem nocivas a humanos e/ou animais, totalizando 3,96% das citações. Destas, *Manihot esculenta* é aproveitada na alimentação e *Euphorbia tirucalli* recebeu indicação terapêutica devido às propriedades medicinais a ela atribuída. *Urera baccifera* citada de forma exclusiva para essa categoria, foi mencionada como medicinal por Parente e Rosa (2001) e de uso veterinário por Lima et al. (2000). *Aspidosperma multiflorum*, *Enterolobium contortisiliquum*, *Luetzelburgia auriculata* e *Urera baccifera* foram apontadas pela toxicidade para bovinos.

Aspidosperma multiflorum, *Jatropha gossypifolia*, *Magonia pubescens* e *Matelea nigra*, receberam indicação de uso em outras categorias. *Enterolobium contortisiliquum* foi citada como abortiva para a vaca prenha, embora tenha sido aludida como forrageira.

Utensílios – na categoria utensílios estão agrupadas 12 espécies, citadas para a produção de objetos domésticos e de trabalho. Merecem destaque *Lagenaria siceraria* e *Luffa cylindrica* sendo os frutos usados como vasilha e esponja para limpeza de louças, respectivamente. As folhas de *Curatella americana* têm uso similar à da lâ-de-aço, dados semelhantes aos obtidos por Vieira (2008) no Quilombo dos Macacos em São Miguel do Tapuio/PI. O látex de *Cnidosculus vitifolius* é usado para colar papéis e o caule de *Phthirusa stelis* e *Cryptostegia madagascariensis* é aproveitado como corda. *Napolea cachemillifera* (palma-santa) é cultivada próximo às residências exercendo a função de pára-raio. Silva (2003) inclui em seu trabalho as espécies destinadas a essas finalidades na categoria tecnologia, onde amostrou 15 espécies usadas pelos índios Fulni-ô.

Higiene e limpeza – foram oito espécies indicadas para a higiene corporal e confecção de utensílios para a limpeza doméstica, totalizando 2,3% do total amostrado. *Ziziphus joazeiro* é utilizada para a higiene bucal, *Scoparia dulcis* e *Attalea speciosa* são aproveitadas na confecção de vassouras, *Magonia pubescens* e *Luetzelburgia auriculata* são empregadas na produção de sabão e *Aloe vera* na limpeza capilar. Florentino et al. (2007) destacou *Borreria verticillata* como uma espécie bastante freqüente nos quintais, sendo aproveitada para a confecção de vassoura, do mesmo modo da zona rural de Caruaru/PE. Referenciou-se a toxicidade de *Luetzelburgia auriculata* e *Magonia pubescens*, ressaltando-se que o preparo do sabão exige cuidados, pois a fumaça produzida durante o processo pode provocar cegueira. A produção de sabão é uma atividade pouco desenvolvida na comunidade, sendo o industrializado de uso mais comum. Jenrich (1989) menciona que o sabão produzido no município de Oeiras/PI a partir do óleo extraído das sementes de *Magonia pubescens* é de qualidade inferior.

Artesanal e fibras - na categoria de uso artesanal e fibras citou-se apenas cinco espécies, totalizando 1,4% do total. O tucum (*Astrocaryum vulgare*) foi aludido como ótimo para a fabricação de redes, o buriti (*Mauritia flexuosa*) e mucunã-de-chapada (*Dioclea violacea*) são usados para a produção de cordas, a carnaúba (*Copernicia prunifera*), é aproveitada para a confecção de vassoura e o babaçu (*Attalea speciosa*) para a fabricação de cestos.

Embora tenha sido mencionado o potencial artesanal destas espécies, na prática essa atividade, bem como o uso de peças artesanais confeccionadas pelos moradores das comunidades rurais não é tão comum. Verificou-se que o uso de cestos está restrito ao transporte dos alimentos após a colheita. Para armazenar alimentos predominam os utensílios industrializados, como por exemplo, o uso de garrafas do tipo “pet” e de depósitos plásticos. As atividades manuais de maior destaque e desenvolvidas com freqüência são a costura, o bordado e o crochê. *Mauritia flexuosa* e *Astrocaryum vulgare* foram igualmente referidas como artesanais por Rocha e Silva (2005), em estudo realizado em Bragança/PA. Pott et al. (2006) mencionaram o uso no Pantanal das sementes de *Cardiopernum halicacabum* para a produção de colares e braceletes e de *Magonia pubescens* na confecção de arranjos. Nesse estudo, não foi aludido o uso dessas espécies para essa categoria.

Valor de Uso – *Ziziphus joazeiro* e *Magonia pubescens* obtiveram o maior valor de uso nas comunidades estudadas (VU= 3,5), seguidas por *Astrocaryum vulgare*, *Caesalpinia bracteosa*, *Spondias lutea* (VU=3,0) e *Copernicia prunifera* (VU=2,67), sendo consideradas fontes importantes de recursos melíferos e, principalmente, medicinais.

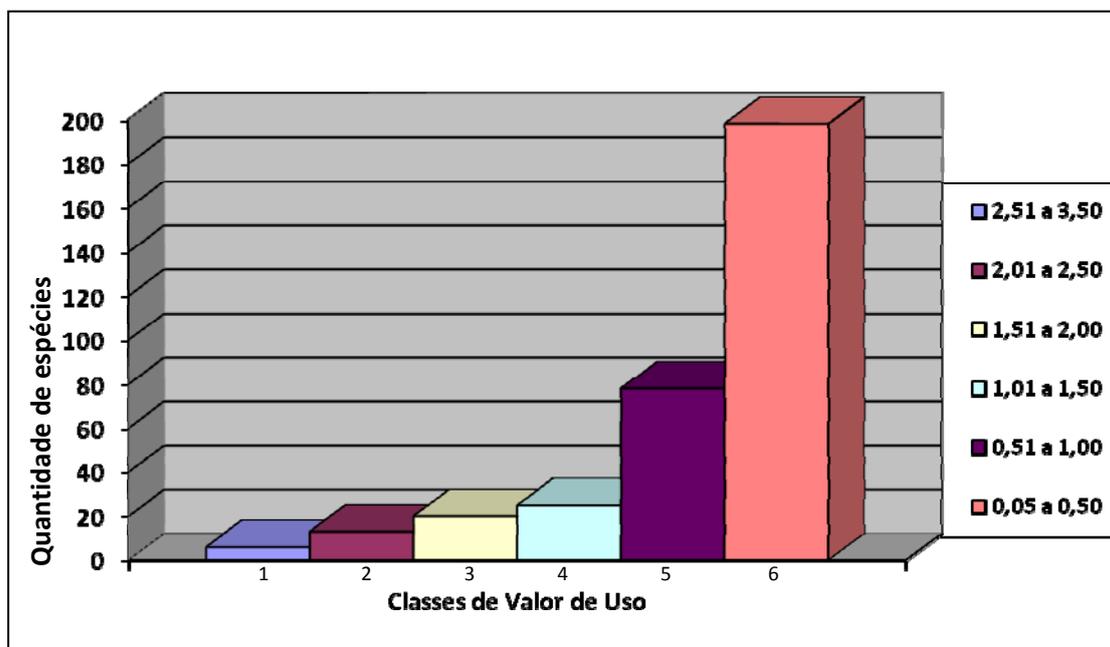


Figura 4: Distribuição em classes de valor de uso das espécies úteis nas comunidades rurais, do semiárido piauiense.

Os valores obtidos para *Myracrodruon urundeuva* (VU= 2,33), *Caesalpinia ferrea* (VU=2,50), *C. pyramidalis* e *Amburana cearensis* (VU= 2,00) são diferentes dos encontrados por Silva (2003) ao pesquisar os índios Fulni-ô (VU= 1,13, 0,04, 0,32, 0,67, respectivamente). Os valores registrados para *Eucalyptus globulus*, *Lippia alba*, *Ocimum americanum*, *Punica granatum*, *Ricinus communis* e *Senna obtusifolia* (VU= 1) foram semelhantes aos apresentados por Franco e Barros (2006). Coincidentemente com os dados mostrados por Santos, Barros e Araújo (2008), temos *Cleome spinosa* (1,38), *Rhynchospora nervosa* (0,76) e *Bauhinia pulchella* (0,47) que apresentaram valor de uso similar.

4. Conclusões

Observou-se que os moradores das comunidades rurais pesquisadas concebem os recursos vegetais, especialmente os nativos, em espectro diverso de utilidades,

empregando-os para os mais distintos interesses, prática bastante disseminada na cultura local, aprendida com os antepassados.

As espécies nativas apresentaram-se como um importante componente nos quintais, e são aproveitadas para várias finalidades, especialmente na medicina, alimentação e como ornamental, sendo as mulheres as responsáveis pela manutenção desses espaços.

Os moradores demonstraram adotar medidas apropriadas de manejo e conservação, especialmente das espécies vegetais úteis. *Caesalpinia ferrea*, *C. bracteosa*, *Jacaranda brasiliana*, *Myracrodruon urundeuva*, *Tabebuia ochracea* e *Terminalia fagifolia*, embora tenham sido citadas nas categorias madeireira e produção de energia, são espécies protegidas por serem consideradas importantes na medicina, em função das propriedades terapêuticas a elas atribuídas. *Mimosa caesalpiniiifolia*, referenciada para uso em sete categorias, foi pouco encontrada nas áreas de coleta, provavelmente devido à prática extrativista.

Constatou-se, que o conhecimento sobre as espécies nativas citadas como medicinais, encontra-se restrito aos mais velhos, devido a emigração dos mais jovens para outras cidades e regiões, em busca de alternativas de renda.

Diante do exposto, espera-se que os resultados obtidos forneçam subsídios para elaboração de estratégias de desenvolvimento sustentável no Estado, especialmente para o município de Oeiras.

5. Agradecimentos

Aos moradores das comunidades rurais pesquisadas, pela colaboração; ao EMATER, nas pessoas do Sr. Mário Marques e Geraleno Barros pelo apoio; aos estagiários do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí, pela solicitude.

6. Referências

ABREU, J.R. 2000. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizadas pelos quilombolas Mimbó, Amarante, Piauí, Brasil**. 68p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. 2004. **Métodos e técnicas de pesquisa em etnobotânica**. Recife: Livro rápido/ NUPEEA, 189p.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. 2002. Uso dos recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Interciência**, 336-345p.

ALBUQUERQUE, U.P.; CAVALCANTI, L.H.; CABALLERO, J. 2005. Structure and floristic of home gardens in northeastern Brazil. **Journal of Arid Enviroments**, v. 62, p. 491-506.

AMORIM, I. L.; SAMPAIO, E. V. S. B; ARAÚJO, E. L. 2005. Flora e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea de uma área de caatinga do Seridó. **Acta Botânica Brasilica**, v.19 p. 615-623.

AMOROSO, M. C.; GELY, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 47-131.

ANDERSON, A. B.; POSEY, D. A. 1985. Manejo do cerrado pelos índios Kaiapó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, v. 2, p. 77-98.

AZEVEDO, S. K. S.; SILVA, I. M. 2006. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20 p. 185-194.

BEGOSSI, A.; LEITÃO FILHO, H. F.; RICHERSON, P.J. 1993. Plant uses in a Brazilian coastal fishing community (Buzios Island). **Journal of Ethnobiology**, v. 13, p. 233-256.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. 1992. **Perfil dos Municípios**, Teresina: Fundação CEPRO.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. 2000. **Perfil dos Municípios**, Teresina: Fundação CEPRO.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. 2002. **Perfil dos Municípios**, Teresina: Fundação CEPRO.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. 2007. **Perfil dos Municípios**, Teresina: Fundação CEPRO.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, F. S. 2006. Flora Apícola do Carrasco no Município de Cocal, Piauí, Brasil. In: 57 Congresso Nacional de Botânica, 2007, Gramado. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre: Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 5. p. 555-557.

CHAVES, E. M. F. 2005. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal, Piauí, Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, F. S. 2006 a. Flora Apícola do Carrasco no Município de Cocal, Piauí, Brasil. In: 57º Congresso Nacional de Botânica, Gramado. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre: Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 5. p. 555-557.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M.; SÉRVIO JÚNIOR, E. M. 2006 b. Plantas do carrasco da Ibiapaba. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. Disponível em: <http://www.fapepi.pi.gov.br/carrasco> Acesso em 14 de out. 2008

COSTA, J. M.; CASTRO, A. A. J. F. 2007. Flora e melissofauna associada de um cerrado rupestre da região setentrional do Piauí, p. 271-298. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina, EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402p.

COTTON, C.M. 1996. **Etnobotany: principles and applications**. New York: J. Wiley, p. 320.

CRONQUIST, A. 1981. **An integrated of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1262p.

DIEGUES, A. C. 2000. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. p. 1- 46. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza nos trópicos**. NAPAUB, São Paulo.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R. S. V. 2001. **Saberes tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente; São Paulo, USP.

EMPERAIRE, L. 1989. **Vegetation et gestion des ressources naturelles dans la caatinga du su-est du Piauí (Brésil)**. Paris: Université Pierre et Marie Curie, 1989. 319f. Tese (Doutorado d'Etat ès Sciences Naturelles), Université Pierre et Marie Curie, Paris.

FERRAZ, J. S. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; MEUNIER, I. M. J. 2006. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botânica Brasilica** v. 21, p 37-47.

FIGUEIREDO, G. M. LEITÃO FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. 2000. Etnobotany of Atlantic Forest Coastal communities: II Diversity of plant uses at Sepetiba Bay (SE Brazil). **Human Ecology**, v. 21, p. 419-430.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. 2007. Contribuição de quintais agrofloretais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botânica Brasilica** v. 21, p 37-47.

FRANCO, E. A. P. A. 2005. **A etnobotânica e o desenvolvimento sustentável no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. Teresina, UFPI, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 3, p. 78-88.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M.; ARAUJO, J. L. L. 2007. Uso e diversidade de plantas do cerrado utilizadas pelos quilombolas de Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, p. 247-270. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina, EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402p.

FUCK, S. B.; ATHANÁZIO, J. C.; LIMA, C. B.; MING, L. C. 2005. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por moradores da zona urbana de Bandeirantes, PR, Brasil. **Semina**, v. 26, n. 3, p. 291-296.

GUARIM NETO, G. 1996. **Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso**. Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior, ABEAS, UFMT.

HANAZAKI, N. 2000. **Diversity of plant uses in two caičara communities from the Atlantic forest Coast, Brazil**. *Biodiversity and Conservation*, 597-615p.

INPI. **International Plant Names Index**. Disponível em <http://www.ipni.org>. Acesso em 22 de set. de 2008.

JENRICH, H. 1989. **Vegetação arbórea e arbustiva nos altiplanos das chapadas do Piauí Central**: características, ocorrência, empregos. Teresina: DNOCS; Eschborn: BMZ/GTZ. 90p.

JUDD, W. S.; CAMPBELL, C. S.; KELLOGG, E. A. & STEVENS, P. F. 1999. **Plant systematic**: a phylogenic approach. Sinauer associates, Sunderland, 464p.

KAINER, K. A. DURYEYEA, M. L. 1992. Tapping women's knowledge: plan resource use in extractive reserves, Acre, Brazil. **Economy Botany**, v. 46, p. 408-425.

LEMOS, J. R. 2001. Plantas da caatinga com potencial forrageiro, Parque Nacional Serra da Capivara, Estado do Piauí. **Revista Pesquisa em Foco**, v. 9, n. 14, p. 91-100.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

LEMOS, J. R. 2004. Composição florística do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. **Rodriguésia**, v. 55, p. 55-66.

LIMA, D. A. 1981. The Caatingas Dominion. **Revista Brasileira de Botânica**. v. 4, p. 149-153.

LIMA, R. X. SILVA, S. M.; SILVA, Y. S. K. L. 2000. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Etnoecológica**, v. 4, p. 33-54.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. 2002. **Plantas medicinais do Brasil**: nativas e exótica cultivadas, Nova Odessa, SP : Instituto Plantarum.

MAIA, G. N. 2004. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades. São Paulo, D & Z Computação Gráfica e Editora.

MARTINS, A. G. ROSÁRIO D. L.; BARROS, M. N. JARDIM, M. A. G. 2005. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 86, p. 21-30.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R. H. P. 2003. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 18, p. 391-399.

MORI, S.A. et al. 1989. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 24 ed. Bahia: Centro de Pesquisa do Cacau, 104 p.

OLIVEIRA, M. E. A.; SAMPAIO, E. V. S. B.; CASTRO, A. A. J. F.; RODAL, M. J. N. 1997. Flora e fitossociologia de uma área de transição carrasco-caatinga de areia em Padre Marcos, Piauí. **Naturalia**, v. 22, p. 131-150.

PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. 2001. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, v. 52, 47-59p.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição Açu, alto da bacia do rio Ariçá Açu, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, p. 195-207.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993a. Statistic hypothesis test with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, p. 15-32.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993b. The useful plants of Tampomata, Peru: additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v. 8, p. 33-43.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H.; REYNEL, C.; WILKIN, P.; GÁLVES-DURAND, B.C. 1994. Quantitative ethnobotany and amazonian conservation. **Conservation Biology**, v. 8, p. 15-32.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas Medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 751-762.

POSEY, D. 1987. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados. In: POTT, A.; POTT, V. J. **Plantas do Pantanal**. MAARA/EMBRAPA/SPI/ CPAP, Brasília, p. 53-64.

POTT, A.; POTT, V. J.; SOUSA, T. W. 2006. Plantas daninhas de pastagens na região dos cerrados, Campo Grande, MS: **EMBRAPA** Gado de Corte, 336p.

RIBEIRO, B. R. (Ed.). 1987. **Suma Etnológica Brasileira**. Vozes: Petrópolis, p. 174-185.

RICO-GRAY, V.; GARCIA-FRANCO, J. G.; CHEMAS, A.; PUCH, A.; SIMA, P. 1990. Species composition, similarity, and structure of Mayan Home gardens in Tixpeul and Tixcacaltuyub, Yucatan, Mexico. **Economic Botany**, p. 44: 470.

ROCHA, A. E. S.; SILVA, M. F. F. 2005. Aspectos fitossociológicos, florísticos e etnobotânicos das palmeiras (Arecaceae) de floresta secundária no município de Bragança, PA, Brasil. **Acta Botanica brasileira**, v. 19, p. 657-667.

RODAL, M. J. N.; NASCIMENTO, L. M. 2002. Levantamento florístico da floresta serrana da Reserva Biológica de Serra Negra, Itaparica-PE. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, p. 481-500.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. 2001. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio grande –Minas Gerais. **Ciência Agrotécnica**, Lavras, v.25, n.1, p.102-123.

ROSSATO, S. C. LEITÃO FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. 1999. Ethnobotany of caícaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economy Botany**, v. 53, n. 4, p. 387-395.

SALES, M. F.; LIMA, M. J. A. 1985. Formas de uso da flora da Caatinga pelo assentamento da Microrregião de Soledade (PB). P. 165-184. In: **Anais da VIII Reunião Nordestina de Botânica**. Recife, Sociedade Botânica do Brasil- Seccional de Pernambuco, Recife.

SALES, M. F.; LIMA, M. J. A. 1985. Formas de uso da flora da caatinga pelo assentamento da Microrregião de Soledade (PB). In: **Anais da VIII Reunião Nordestina de Botânica**, 1985, Recife. **Anais...** Recife: Sociedade de Botânica do Brasil – Seccional de Pernambuco, Recife, p. 165-184.

SANTOS, L. G. P.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, J.L.L. 2007. Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do cerrado de Monsenhor Gil, Piauí, p.299-318. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs). **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente), 402p.

SANTOS, L. G. P. 2008. **Florística e conhecimento botânico tradicional em áreas de cerrado no município de Monsenhor Gil, Piauí, Brasil.** Teresina UFPI, 2008.101 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina.

SILVA, V. A. 2003. Etnobotânica dos índios Fulni-ô, Pernambuco, Nordeste do Brasil. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal. Universidade Federal de Pernambuco: Recife.

SILVA JUNIOR, M. C.; SANTOS, G. C.; NOGUEIRA, P. E.; MUNHOZ, C. B. R. M.; RAMOS, A. E. 2005. 100 Árvores do Cerrado: guia de campo. Brasília, Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 278p.

SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação da Zona do litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 19, p. 85-97.

TORQUATO, T. G. M. 2006. **Levantamento das espécies vegetais melitófilas ocorrente no Quilombo Olho d'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil.** 2006. 110f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí, Teresina.

VIANA, B. F.; SILVA, F. O.; KLEINERT, A. M. P. 2006. **A flora apícola de uma área restrita de dunas litorâneas, Abaeté, Salvador, Bahia.** Revista Brasileira de Botânica, Vol. 29, 13-35p.

VIEIRA, F. J. 2008. **Uso e diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio Piauí, Brasil.** Teresina UFPI, 2008.124 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina.

**6.2 ARTIGOS A SER ENVIADO À REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS
MEDICINAIS**

**Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais do
semiárido piauiense**

Autores:

Francisca Carla Silva de Oliveira

Roseli Farias Melo de Barros

José Machado Moita Neto

Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais do semiárido piauiense¹

F. C. S. de Oliveira^{2,5}; R. F. M. de Barros³;

J. M. Moita Neto⁴

¹ Parte da Dissertação de Mestrado da primeira Autora, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI

² Rua Santa Catarina, nº 5, Bairro Ilhotas, 64001-530, Teresina, PI, Brasil

³ Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Biologia, Campus Ministro Petrônio Portela, Ininga, 64049-550 Teresina, PI, Brasil

⁴ Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Química, Campus Ministro Petrônio Portela, Ininga.

64049-550 Teresina, PI, Brasil

⁵ Autora para correspondência: carlaoliveira11@gmail.com

RESUMO – O estudo foi realizado no período de fevereiro de 2007 a maio de 2008, em vinte e uma comunidades rurais do município de Oeiras (07°00'54'' S e 42°08'06'' W), localizadas em uma área de transição vegetacional Caatinga/Cerrado, onde predomina a Caatinga. Objetivou-se conhecer as plantas tradicionalmente utilizadas com fins terapêuticos pela população. As coletas botânicas seguiram metodologia usual e os exemplares identificados foram incorporados ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Realizou-se entrevistas semi-estruturadas com formulários padronizados a 20 moradores indicados por líderes comunitários locais como de notório saber, que acompanharam as coletas. Agrupou-se as espécies citadas em dezessete categorias, de acordo com a OMS. Levantou-se os dados quantitativos através do cálculo da Importância Relativa (IR) para cada espécie e do Fator de Consenso dos Informantes (FCI). Assim, identificou-se 191 etnoespécies, distribuídas em 59 famílias botânicas e 143 gêneros, sendo que 84,4% são nativas. As famílias com maior representatividade em número de espécies foram Leguminosae (28) e Euphorbiaceae (18). Os gêneros mais representativos foram *Croton* L. (9), *Senna* Mill. (5), *Jatropha* L. e *Solanum* L. (4). *Caesalpinia ferrea* Mart., *Ximelia americana* L., *Myracrodruon urundeuva* Allem. e *Lippia alba* L., obtiveram os maiores valores de IR: 1,79; 1,86; 1,21; 1,14, respectivamente. Ademais salienta-se a elevada frequência de usos terapêuticos destas espécies, concentradas no tratamento dos transtornos do sistema respiratório (56 espécies) e as doenças infecciosas intestinais, hepáticas e helmintíases (65), sendo gripe e diarreia as doenças mais citadas. A folha é a parte do vegetal significativamente mais utilizada na medicina caseira local (31,5% dos casos) e as formas de preparo mais utilizada é a decocção (32,2% dos casos) seguida por infusão (23,8%). Este cenário possibilitou inferir que Os moradores das comunidades rurais possuem pleno conhecimento acerca das plantas utilizadas como fitoterápicas, especialmente as nativas.

Palavras-chave: Etnomedicina, etnobotânica, Oeiras/PI.

ABSTRACT- (Medicinal plants used in rural communities of the semi-arid Piauí). The study was conducted during the period between February 2007 and May 2008, in twenty-three rural communities in the city of Oeiras (07 ° 00'54"S and 42 ° 08'06"W), located in an area of vegetation transition Caatinga / Savannah, dominated the Caatinga. The objective was to know the plants traditionally used for therapeutic purposes by the population. The botanical collections followed methodology and identified specimens were embedded in the achievements of Herbarium Graziela Barroso (TEPB), Federal University of Piauí (UFPI). Concomitantly, were made semi-structured interviews with the aid of standardized forms to 20 residents indicated by local community leaders as the notorious know, that accompanied the collections. The species' grouped into seventeen categories, according to WHOM. Quantitative data were taken by calculating the Relative Importance (RI) for each species and the Factor Consensus of responders (FCI). We identified 191 etnoespécies, distributed in 59 families and 143 genera, of which 84,4% are native. The families represented in number of species were Leguminosae (28) and Euphorbiaceae (18). The genres have been more representative *Croton* L. (9), *Senna* Mill. (5), *Jatropha* L. and *Solanum* L. (4). *Caesalpinia ferrea* Mart., *Ximenia americana* L., *Myracrodruon urundeuva* Allem. and *Lippia alba* L., had the highest values of IR: 1,79; 1,86; 1,21 e 1,14, respectively. The number of therapeutic uses related to these species is also among the largest. It was reported a greater number of species for the treatment of disorders of the respiratory system (56 species) and infectious intestinal diseases, liver and helminthes (65), influenza and diarrhea are the diseases most frequently mentioned. The leaf is part of the plant used in medicine significantly more homely place (31,5% of cases). The most frequently used forms of preparation are the decoction (32,2% of cases) and tea (23,8%). Residents of rural communities have demonstrated a broad knowledge about the plants used as phytotherapeutic, especially those natives.

Keywords- Etnomedicina, ethnobotany, Oeiras/PI.

INTRODUÇÃO

As populações humanas convivem com uma grande diversidade de espécies vegetais, desenvolvendo maneiras particulares de explorá-las para distintas finalidades, usando-as como alternativa de sobrevivência. Dentre estas, destaca-se do repertório cultural o conhecimento sobre a utilização de plantas para fins terapêuticos.

O uso de plantas na medicina emerge como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde em muitas comunidades. Esse conhecimento foi adquirido através dos antepassados, por transmissão oral, constituindo-se em importante aspecto da cultura local. No entanto, o repasse e a permanência desse conhecimento encontram-se ameaçados devido à influência de fatores externos aos grupos e a maior exposição à sociedade envolvente, especialmente derivado das pressões econômicas, facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna e à emigração das pessoas para centros urbanos (Amorozo & Gély, 1988; Nolan & Robbins, 1999; Lima, Silva e Silva, 2000; Amorozo, 2002; Pinto, Amorozo e Furlan, 2006).

Desta forma, intensificou-se o interesse acadêmico pela medicina tradicional, especialmente após o reconhecimento de que a base empírica pode, muitas vezes, ter comprovação científica e de que a análise da exploração do ambiente pelos povos tradicionais fornece subsídios para estratégias de manejo e uso adequados a determinados ambientes.

Nesse sentido, ressalta-se que as pesquisas sobre plantas medicinais desenvolvidas por Amorozo & Gely (1988), Milliken & Albert (1996), Gonçalves & Martins (1998), Rêgo (1998), Castellucci et al. (2000), Rodrigues & Carvalho (2001), Amorozo (2002), Coutinho (2002), Franco & Fontana (2002), Ritter et al. (2002), Nunes et al. (2003), Medeiros, Fonseca e Andreatta (2003), Macêdo & Ferreira (2004), Pereira, Oliveira e Lemos (2004), Fuck et al. (2005), Sousa & Felfili (2006), Azevêdo & Silva (2006), Borba & Macedo (2006), Pinto, Amorozo e Furlan (2006), etc. Encontra-

se, no Piauí, trabalhos com essa abordagem, feitos por Berg & Silva (1985), Franco & Barros (2006) e Santos, Barros e Araújo (2007).

Com base nessa configuração, esta pesquisa objetiva identificar as etnoespécies utilizadas como medicinais nas comunidades rurais do semiárido, conhecer as indicações terapêuticas, modos de preparo, partes usadas, além de quantificar a Importância Relativa (IR) e o Fator de Consenso dos Informantes (FCI), registrando, dessa forma, o conhecimento tradicional para que, enquanto instrumento, delinear estratégias de utilização do potencial fitoterápico e conservação das espécies mencionadas.

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa foi realizada em vinte e uma localidades da zona rural do município de Oeiras (07°00'54'' S e 42°08'06'' W): Araçá, Brionia, Buriti do Rei, Canto do Buriti, Carolina, Cepisa, Chapada das Panelas, Contentamento, Exu, Fazenda Extrema, Fazenda Frade, Ingaziras, Ipueiras, Malhada da Onça, Onça, Sete Galhos, Soares, Sossêgo, Várzea da Cruz, Vereda Grande e Vila Canaã.

Oeiras compreende uma área de 2.719,53 km², a vegetação é caracterizada pela transição Cerrado/Caatinga, predominando a caatinga arbustivo-arbórea. O clima tropical semiárido quente, a duração do período seco é de sete a oito meses, a temperatura varia entre 26°C e 40 °C, estando a sede do município a uma altitude de 166 m acima do nível do mar. Os rios Canindé, Itaim e Tranqueira, e as lagoas da Feitoria e Tapera são os principais cursos d'água (CEPRO, 1992).

Na estrutura produtiva, sobressai-se a agricultura com a produção de milho, feijão, mandioca, arroz e banana e o extrativismo para a obtenção de lenha, madeira em tora e a palha da carnaúba (CEPRO, 1992).

Ademais, enfatiza-se que Oeiras destaca-se pelo patrimônio histórico e pelas seculares tradições culturais e religiosas, em função de ser a cidade mais antiga do Piauí (CEPRO, 2000).

A coleta de material botânico foi efetuada no período compreendido entre fevereiro de 2007 e maio de 2008, quinzenalmente nos meses chuvosos e mensalmente nos meses secos, através de caminhadas aleatórias ou em locais previamente definidos, seguindo o procedimento rotineiro de campo sugerido por Mori et al. (1989).

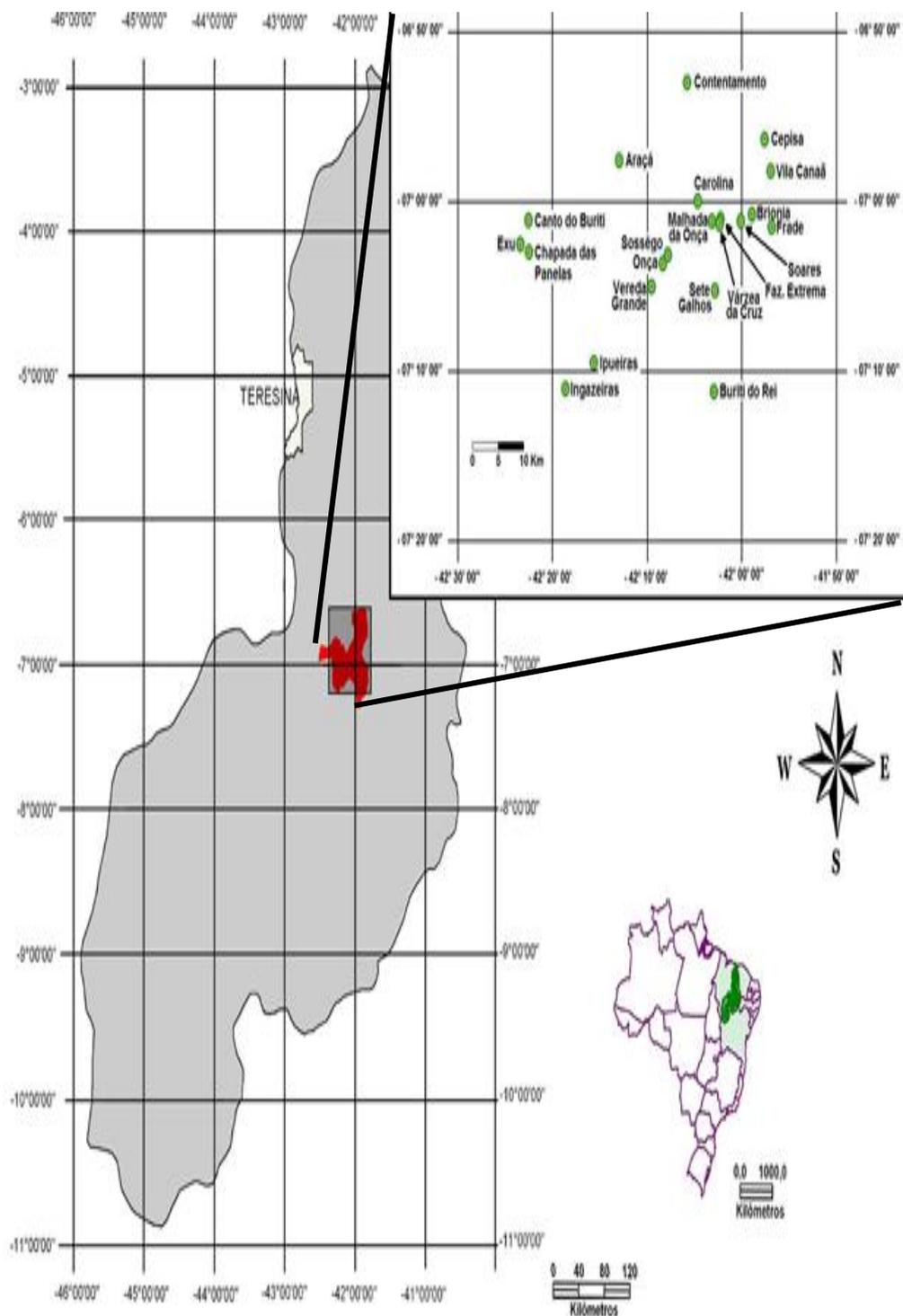


Figura 1. Mapa de localização do município de Oeiras, Piauí, Brasil, destacando as áreas de coleta de material botânico.

Fonte: Adaptado por Alexandre Nojosa.

A identificação botânica foi realizada a partir da análise da morfologia externa do material, consulta à literatura, por comparação com o material incorporado ao acervo do

Herbário Graziela Barroso (TEPB), da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e, posteriormente, encaminhado a especialistas para confirmação e/ou determinação. O material testemunho encontra-se depositado no acervo do TEPB. O sistema de classificação adotado foi o de Cronquist (1981), exceto para a família Leguminosae que obedeceu a Judd et al. (1999). O site IPNI (www.ipni.org) e mobot (www.mobot.mobot.org) foram consultados para conferência da grafia dos nomes das espécies e abreviaturas dos nomes dos autores.

Os dados etnobotânicos foram obtidos mediante entrevistas semi-estruturadas, seguindo o preconizado por Albuquerque e Lucena (2004), com a aplicação de formulários padronizados, com perguntas abertas e fechadas a 20 moradores da região, com idade superior a 35 anos e que residiam no local a mais de 20 anos, indicados por líderes da comunidade como pessoas de reconhecido saber acerca da flora local. Todos foram considerados informantes chaves, sendo que dez acompanharam as excursões de coleta. Nas entrevistas foram registrados dados gerais dos entrevistados (nome, idade, profissão, tempo de residência no local e estado civil), informações relacionadas às plantas estudadas como os usos, preparos, partes utilizadas e nomes vernaculares.

Calculou-se a Importância Relativa (IR) de cada espécie, foi calculada conforme a proposta de Bennett & Prance (2000), através da fórmula $IR = \frac{NSC}{NSCE} + \frac{NP}{NSCEV}$, onde: NSC= número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE), dividido pelo número de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV); NP= número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE), dividido pelo número total atribuído à espécie mais versátil. O valor máximo da IR obtida por uma espécie será 2.

O Fator de Consenso dos Informantes (FCI) foi calculado através da fórmula $FCI = \frac{nar - na}{nar - 1}$, adaptada de Trotter & Logan (1986), onde: nar = somatório de usos registrados por cada informante para uma categoria; na = número de espécies indicadas na categoria. O valor máximo do FCI é 1, quando há um consenso completo entre os informantes de uma determinada planta para uma doença em particular.

Agrupou-se as doenças citadas em 18 categorias, com base na OMS (2000): doenças e sinais relativos ao aparelho digestório e abdômen; sintomas e sinais gerais; transtornos dos sistemas respiratório, circulatório, nervoso, sensorial (visão) e geniturinário; doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo; inflamações e dores em geral; neoplasias e doenças parasitárias, virais, do sangue, dos órgãos

hematopoiéticos, das glândulas endócrinas e do metabolismo, da pele e tecido celular subcutâneo; impotência sexual e gravidez, parto, puerpério e mordida de cobra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oeiras, cidade de notável riqueza histórica, beleza arquitetônica e tradição religiosa, considerada a mais antiga do estado, faz parte do roteiro turístico estadual. Os principais atrativos do município são as Igrejas de Nossa Senhora da Vitória e Nossa Senhora do Rosário, o monumento de Nossa Senhora da Vitória e a Casa de Pólvora. Os eventos populares de maior destaque de Oeiras e do Piauí são a Festa de Passos, Procissão do Fogaréu e Semana Santa, ao reunir pessoas de todo o Estado e de outras regiões do País. Os fiéis decoram o altar de casa com alecrim-de-passos (*Lippia* sp) e carregam ramalhetes durante a procissão. Grande parte dos fiéis veste roupas da cor lilás, em homenagem ao santo, especialmente para o pagamento de promessas. Após a procissão, é celebrada missa na igreja Nossa Senhora da Vitória.

Crendices e superstições são bastante difundidas no imaginário popular local. A lenda mais amplamente disseminada é a da existência de um carneiro de ouro que à noite cruza a cidade correndo e quem o vir fica rico. Outra, é a visitação de duas marcas em uma rocha, denominadas localmente de Pé-de-Deus e Pé-do-Diabo, que se assemelham a pegadas humanas. Segundo a tradição, ao visitá-los, deve-se colocar o pé sobre a uma das marcas (Pé-de-Deus), sempre conseguindo o encaixe perfeito e, na outra, joga-se pedras. Salienta-se, outrossim, que na frente da maioria das residências encontram-se *Jatropha gossypifolia* L. (pião-roxo) plantados para espantar mal olhado e trazer bons presságios.

O universo dos entrevistados (7 mulheres e 13 homens) nasceu no Piauí, sendo que moram há mais de 25 anos na área. Do total, identificou-se que 70% situa-se na faixa etária entre 55 e 70 anos e 30% estão entre 35 e 54 anos. Constatou-se que para 75% dos entrevistados a renda familiar mensal atinge no máximo um salário mínimo, 25% tem renda inferior a um salário mínimo e, apenas 5% tem renda de dois salários mínimos. Em 55% dos domicílios moram seis pessoas, nos 45% restantes moram até cinco indivíduos. Quanto à escolaridade, verificou-se que 55% não são alfabetizados, 40% possuem Ensino Fundamental e apenas 5% concluiu o Ensino Médio. Observou-se que 75% declaram-se católicos e apenas 25% evangélicos.

A principal atividade das famílias centrou-se na agricultura de subsistência onde o milho, o feijão, a mandioca, o arroz e a banana estão entre os principais cultivos. E, secundariamente, presenciou-se que os serviços do lar são direcionados para as mulheres e a caça e o extrativismo desenvolvidos pelos homens.

As entrevistas permitiram identificar 191 espécies, distribuídas em 143 gêneros e 59 famílias botânicas (Tabela 1), cujas famílias mais representativas em número de espécies foram Leguminosae (28), seguida por Euphorbiaceae (18), Lamiaceae, Solanaceae (8), Anacardiaceae (7), Cucurbitaceae, Malvaceae, Poaceae (6), Malpighiaceae, Bignoniaceae (5), Arecaceae, Boraginaceae, Cactaceae, Combretaceae e Verbenaceae (4), que em conjunto perfizeram 61,2% do total. Resultados semelhantes quanto ao número de espécies das famílias Leguminosae e Euphorbiaceae foram referidos no Piauí por Abreu (2000) no quilombo Mimbó no município de Amarante; por Franco & Barros (2006) no Quilombo Olho D'água dos Pires, município de Esperantina; por Chaves (2005) em Cocal e por Vieira (2008) no Quilombo dos Macacos em São Miguel do Tapuio. Os gêneros mais representativos foram *Croton* L. (9), *Senna* Mill. (5), *Jatropha* L. e *Solanum* L. (4).

Tabela 1. Etnoespécies utilizadas como medicinais em comunidades rurais de Oeiras/PI. **TEPB**: número de registro (Herbário Graziela Barroso/UFPI). **Indicação. FP**- forma de preparo: 1- decocto; 2- infusão; 3- lambedor; 4- garrafada; 5- uso tópico; 6- bochecho; 7- suco; 8- *in natura*; 9- banho; 10- emplastro; 11- sumo; 12- supositório; 13- inalação; 14- molho; **PU**: parte utilizada: Planta inteira (in); Folhas (fo); Casca (cs); Raiz (ra); Caule (ca); Frutos (fr); Flores (fl); Semente (se); Látex (la); Bulbo (bu) **IR**: importância relativa; **il**: identificado no local.

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
Amaranthaceae				
<i>Gomphrena demissa</i> Mart. (ervanço)	23.550	inflamação do útero e ovários (1)	ra	0,21
Indet. (as)	23.642	febre (2)	fo	0,21
Amaryllidaceae				
<i>Habranthus sylvaticus</i> Herb. (cebola-brava)	23.099	dores em geral (1)	fl	0,21
<i>Anacardium occidentale</i> L. (caju)	23.884	pancada, febre (2) disenteria (4) sangramento da gengiva (6) gastrite (7)	cs cs cs fr	0,86

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allem. (aroeira)	23.496	inflamações em geral, inflamação do útero e ovários, gastrite, úlceras, aborto (4) útero baixo (9) cólicas estomacais (2) diarréia (3) ferimento, câncer (5)	cs cs cs cs cs	1,21
<i>Spondias lutea</i> L. (cajá)	23.883	diarréia, anemia (2) dor de dente (5)	cs fr	0,50
<i>S. purpurea</i> L. (serigüela)	23.923	diarréia (1)	fo	0,21
<i>S. tuberosa</i> Arruda (umbu)	23.886	dor no corpo, aborto (1)	fo	0,21
Annonaceae				
<i>Annona squamosa</i> L. (ata)	23.864	diarréia (2) apendicite, vômito (1)	fo se	0,36
<i>Rollinia leptopetala</i> R.E. Fr. (bananinha)	23.866	coceira (2)	ra	0,21
Apiaceae				
<i>Anethum graveolens</i> L. (endro)	il.	diarréia infantil (1)	se	0,21
<i>Coriandrum sativum</i> L. (coentro)	23.917	calmante, cólica menstrual (2) hérnia (2) cicatrização de umbigo (10) menstruação irregular (7)	se se ra	0,71
<i>Daucus carota</i> L. (cenoura)	il.	menstruação irregular (7)	ra	0,21
Areceaceae				
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart. (tucum)	24.035	dores nas costas (1)	fr	0,21
<i>Attalea speciosa</i> Mart. (babaçu)	il.	diarréia (2) ferimento (5)	se se	0,43
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f. (buriti)	il.	queimaduras (10)	se	0,21
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore (carnaúba)	24.033	afrodisíaco(4)	ra	0,21
Asclepiadaceae				
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) R. Br. (flor-de-seda)	23.871	reumatismo (7)	la	0,21
<i>Cryptostegia madagascariensis</i> Bojer ex Decne. (caça-de-amor; cipó-preto)	23.432	hérnia (5)	la	0,21
Asteraceae				
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC. (cabeça-chata)	23.480	pedras na vesícula (1) pneumonia (1)	fo ra,ca	0,43
<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass. (agrião; jambre)	23.482	hipertensão, febre inflamações em geral (2) pneumonia, gripe (1) dor de dente (5)	fl fo fl	1,0
<i>Bidens pilosa</i> L. (carrapicho-de-agulha)	23.484	hepatite, icterícia (2) infecção urinária (1)	fr ra,fo	0,64
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC. (pincel)	23.472	pancada (10)	fo	0,21
<i>Pectis oligocephala</i> Sch.Bip. (alecrim)	23.481	gripe (3)	in	0,21

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
<i>Jacaranda brasiliana</i> (Lam.) Pers. (coroba)	23.389	mordida de cobra (1)	ca	0,21
<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H. Gentry (alho-de-cura)	23.374	hipertensão (2) verme, gripe (3)	fo fl	0,64
<i>Memora pedunculata</i> (Vell.) Miers (cipó-preto)	23.379	gripe, verme (3) diarréia (2)	cs cs	0,57
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standl. (pau-d'arco-roxo)	23.380	limpar o sangue (4) coceira (9) dor no corpo (1) gripe (3)	cs cs cs cs	0,86
<i>T. ochracea</i> (Cham.) Standl. (pau-d'arco-amarelo)	23.375	inflamações em geral (2)	cs	0,29
Bixaceae				
<i>Bixa orellana</i> L. (urucum)	23.874	colesterol alto (2) diabetes (2)	se se	0,36
Bombacaceae				
<i>Pseudobombax</i> sp (barriguda)	23.878	reumatismo, hérnia (2)	cs	0,43
Boraginaceae				
<i>Cordia rufescens</i> A. DC. (grão-de-galo)	23.876	dor no fígado, dor nos rins (1)	ra	0,29
<i>Heliotropium indicum</i> L. (crista-de-galo)	23.877	doenças de criança, inflamações em geral (1) inflamação do útero e ovários (4) diarréia (2) dentição infantil (5)	fl fo fl in fl	0,79
<i>H. polyphyllum</i> Lehm. (sete-sangrias)	23.622	limpar o sangue (2)	fl,fo	0,21
Bromeliaceae				
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. f.(macambira-de-boi)	23.889	dor no fígado, dor nos rins (2) inflamações em geral (1)	ra ra	0,50
Cactaceae				
<i>Cereus albicaulis</i> (Britton & Rose) Luetzelb. (rabo-de-raposa)	23.447	pedra nos rins (1)	ra	0,21
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb. (coroa-de-frade; cabeça-de-frade)	23.448	limpar útero (7)	ca	0,21
<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck (palma-santa)	23.449	fratura (10)	ca	0,21
<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C. Weber) Byles & G.D. Rowley (xique-xique)	23.450	impigem (4)	ca	0,21
Capparaceae				
<i>Cleome spinosa</i> Jacq. (mussambê)	23.455	gripe (1) tosse (2) limpar os pulmões (3)	fl ra fl	0,36
<i>Crateva tapia</i> L. (trapiá)	23.456	reumatismo (5,7)	fo	0,21
Caricaceae				
<i>Carica papaya</i> L. (mamão)	23.914	prisão de ventre (8) diabetes (2) verme (1) diarréia (1)	fr fo,fr,la fl,fo fo	0,57

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
Chenopodiaceae				
<i>Beta vulgaris</i> L. (beterraba)	il.	anemia (7)	ra	0,21
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (mastruz)	23.388	verme, ferimento (11) inflamações em geral, gastrite (7) hemorróidas, fraturas (10)	fo,fl fo,fl fo,fl	1,14
Combretaceae				
<i>Combretum leprosum</i> Mart. (mufumbo)	23.469	hemorragias (2) afrodisíaco(1) cólicas estomacais (7)	cs cs cs	0,64
<i>Terminalia fagifolia</i> Mart. (chapada)	23.445	inchaço na barriga (1) dor de estômago (1)	cs cs	0,29
Convovulaceae				
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult. (salsa)	23.901	vômito (2)	ra	0,21
<i>I. batatas</i> (L.) Lam. (batata-doce)	il.	aumentar a lactação (1)	fo	0,21
<i>Operculina macrocarpa</i> (Linn) Urb. (batata-de-purga)	23.900	limpar o sangue (7) dentição infantil (1) gripe (1)	ra se se	0,64
Cucurbitaceae				
<i>Cayaponia</i> sp (guardião)	23.910	limpar o sangue (1) mordida de cobra (2)	ra ra	0,43
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad. ex Eckl. & Zeyh. (melancia)	23.594	febre (2)	se	0,21
<i>Cucurbita pepo</i> L. (abóbora)	23.913	dor de ouvido (5)	fl	0,21
<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl. (cabaça)	23.908	micose (5)	fo	0,21
<i>Momordica charantia</i> L. (melão-de-são-caetano)	23.906	pedra nos rins (1) hipertensão (1) impigem (9) dengue, verme, reumatismo (2)	fo,in fo ra fo	1,29
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw. (chuchu)	il.	infecção urinária (2)	fo	0,21
Cyperaceae				
<i>Cyperus uncinulatus</i> Schrad. ex Nees (barba-de-bode)	23.439	menstruação irregular (2)	ra	0,21
Dilleniaceae				
<i>Dioscorea alata</i> L. (sambaiba)	23.859	inflamações em geral (2) inflamação do útero e ovários (2) fraturas (10) febre, dores nos rins (1)	cs cs cs cs	0,93
Dioscoriaceae				
<i>Dioscorea alata</i> L. (cará)	23.860	gastrite, diabetes (8)	fr	0,43
Euphorbiaceae				
<i>Cnidocolus quercifolius</i> Pohl (cansação)	23.397	apendicite (7) verruca (8)	ra la	0,43
<i>C. loefgrenii</i> (Pax & K. Hoffm.) Pax & K. Hoffm. (cansação-bravo)	23.393	apendicite (1)	ra	0,21

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPECIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
<i>C. greviodoides</i> Baill. (canelinha)	23.404	gripe (1,9)	fo,fl	0,21
<i>C. heliotropiifolius</i> Kunth (velame-verdadeiro)	23.403	sinusite (9)	fo	0,21
<i>C. rhamnifolioides</i> Pax & K. Hoffm. (velame)	23.407	gripe (1)	fo,fl	0,21
<i>C. tenuifolius</i> Pax & K. Hoffm. (velaminho; velame-santo)	23.398	dor no corpo, verme (2)	fo	0,71
<i>Croton</i> sp ¹ (batata-de-vaqueiro)	23418	febre, ameba (1) febre (2)	ra fo	0,21
<i>Croton</i> sp ² (papaconha)	23.601	verme, gripe (2)	ra	0,43
<i>Euphorbia tirucalli</i> L. (cachorro-pelado)	23.392	ferimento (5) câncer (7)	la la	0,43
<i>Jatropha gossypifolia</i> L. (pinhão-roxo)	23.395	inflamações em geral (1) dor nos olhos (2) dor de cabeça (9)	fo fo,la fo	0,64
<i>J. mollissima</i> (Pohl) Baill. (pinhão-bravo)	23.402	derrame (7)	la	0,21
<i>J. ribifolia</i> (Pohl) Baill. (pinhão-branco)	23.405	inflamações em geral, ferimento (1) cicatrização de umbigo (5)	fo la fl	1,07
<i>Phyllanthus niruri</i> L. (quebra-pedra)	23.400	gripe, expectorante (9) garganta inflamada (1) dor de cabeça (9) dor no fígado, pedra nos rins (2)	fo,la fo in	0,29
<i>Ricinus communis</i> L. (mamona)	23.408	prisão de ventre (12) dores em geral (1) verme (2) furúnculos (5) mordida de cobra (7)	se,fo fl fo,fl fl la	0,93
Iridaceae				
<i>Cypella linearis</i> (Kunth) Baker (coquinho)	24.032	gripe (4)	in	0,21
Krameriaceae				
<i>Krameria tomentosa</i> A.St.- Hil. (carrapicho-de-bode)	23.750	hemorragias, inflamações em geral, limpar o sangue (4)	ra	0,50
Lamiaceae				
<i>Hyptis salzmannii</i> (Benth.) Harley (barriguda)	23.985	dor de cabeça (1)	fo	0,21
<i>Hyptis platanifolia</i> Mart. ex Benth. (betanca)	23.459	sinusite (1)	fo	0,21
<i>H. suaveolens</i> (L.) Poit. (bamburral)	23.603	sinusite (13) gripe, asma (3)	fl fo	0,36
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br. (cordão-de-frade; cordão-de-são-francisco)	23.463	febre (7) inflamações em geral (4) pedra nos rins,dor no fígado (1,2)	fo fl,fo ca	0,57
<i>Ocimum americanum</i> L. (manjerição)	23.458	gripe (2,13) diarréia (1)	fo fl	0,21
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews (boldo)	23.919	inchaço na barriga, diarréia, abortivo (7) infecção urinária, dor de cabeça (2)	fo fo	0,57

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
Leguminosae				
Caesalpinioideae				
<i>Bauhinia acuruana</i> Moric. (miroró-branco)	23.488	diabetes (1,2)	cs fo	0,21
<i>B. dubia</i> Vog. (pata-de-vaca)	23.533	colesterol alto (1) diabetes (1)	fo fo,fl	0,29
<i>B. unguolata</i> L. (miroró)	23.613	diabetes (1) derrame (1)	fo cs	0,43
<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul. (pau-de-rato; catingueira)	23.493	prisão de ventre (2) verme, inflamação da próstata, flatulência (1) diarréia (7)	fl cs fo	0,71
<i>C. ferrea</i> Mart. (pau-ferro; jucá)	23.621	infecção urinária (2) inflamações em geral, fratura, bronquite (3) pancada (10) anemia, gastrite, diarréia, gripe, dores nos rins, azia, derrame (4)	cs cs cs cs	1,86
<i>C. pyramidalis</i> Tul. (catingueira)	23.497	inchaço na barriga (2) diarréia, diabetes (2) inflamações em geral (4) gastrite (7)	fo,fl cs cs cs	0,64
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul. (fava-d'anta)	23.492	gripe (3) dor no corpo (3)	fl fl	0,43
<i>Hymenaea courbaril</i> L. (jatobá-de-porco)	23.642	anemia, gripe (3)	cs	0,43
<i>H. eriogyne</i> Benth. (jatobá-de-vaqueiro)	23.491	cólica intestinal (1)	cs	0,21
<i>Parkinsonia aculeata</i> L. (xila)	23.516	asma (2) hipertensão (2)	se fo	0,43
<i>S. occidentalis</i> (L.) Link (fedegoso)	23.499	asma (2)	se	0,21
<i>S. reticulata</i> (Willd.) H.S.Irwin & Barneby (maria-mole)	23.508	pano-branco (5) prisão de ventre (1)	fl fo	0,43
<i>S. spectabilis</i> (DC.) H.S.Irwin & Barneby (cana-fliche)	23.494	erizipela (5)	fo	0,21
<i>Senna</i> sp (papaconha-mansa)	23.599	gripe, verme (1)	ra	0,43
<i>Tachigali</i> sp (podói; podóia)	23.544	enxaqueca (2) inflamações em geral (4) prisão de ventre, dores nas costas (1)	cs cs cs	0,79
<i>Tamarindus indica</i> L. (tamarindo)	23.543	prisão de ventre (2)	fo,fl	0,21
Mimosoideae				
<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth. (sabiá)	24.029	derrame (4)	cs	0,21
<i>M. velloziana</i> Mart. (malícia-de-boi)	23.506	impingem (9) febre (2) hipertensão (1)	fo ra ra	0,64
Papilionoideae				
<i>Amburana cearensis</i> (Fr.Allem.) A.C.Sm. (imburana-de-cheiro)	23.920	bronquite, gripe (3) mordida de cobra (1) febre, gripe (9)	cs se fo	0,79

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth. (mucunã-de-chapada)	23.529	asma (7)	la	0,21
<i>Pterocarpus villosus</i> Mart. ex Benth. (pau-de-sangue)	23.644	inchaço na barriga (2)	cs	0,21
<i>Swartzia flaevingii</i> var. <i>psilonema</i> (Harms) R.S.Cowan (jacarandá)	23.501	reumatismo, pedra nos rins (4) inflamação do útero e ovários (4) limpar o sangue (3)	cs,fo cs	0,86
<i>Vatairea macrocarpa</i> Ducke(amargoso)	23.614	câncer; hipertensão (1) cistos ,miomas, colesterol alto (2) inflamações em geral (4)	in, ra fl, ra ra	0,86
Indet. (catingueira)	23.495	dor no corpo (1) diarréia (1) azia (1)	fo cs fl	0,50
Liliaceae				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f. (babosa)	il.	verme (7) hemorróidas (11) inflamação do útero e ovários (1)	fo fo fo	0,64
<i>Allium cepa</i> L. (cebola)	il.	gripe (3)	bu	0,21
<i>A. sativum</i> L. (alho)	il.	gripe(2)	bu	0,21
<i>A. schoenoprasum</i> L. (cebolinha)	282	verme, gripe (2)	fo	0,43
Loganiaceae				
<i>Strychnos</i> sp (quina)	23.598	dor de estômago (1)	cs	0,21
<i>Cuphea laricoides</i> Koehne (mãe-catirina)	23.857	diarréia (1)	in	0,21
Malpighiaceae				
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC. (cereja)	23.541	cólicas estomacais, anemia (7,8)	fr	0,43
<i>Byrsonima correaefolia</i> A. Juss. (murici)	23.972	sangramento de gengiva (2)	cs	0,21
<i>B. variabilis</i> A. Juss. (murici)	23.953	sangramento de gengiva (1)	cs	0,21
<i>Malpighia emarginata</i> DC. (acerola)	23.959	gripe (7,8)	fr	0,21
<i>Diplopterys</i> sp (birro-preto)	23.948	diarréia (2) garganta inflamada (3) cólica menstrual (2)	fo cs cs	0,50
Malvaceae				
<i>Gossypium barbadense</i> L. (algodão-de-criolo)	23.587	queimadura (10) limpar o sangue (2) limpar o útero, útero inflamado (11) gripe (3)	fo fo fo fo	0,79
<i>G. hirsutum</i> L. (algodão)	il.	útero inflamado (11) afrodisíaco(1) regulador menstrua, gripe (7,11) inflamação da próstata	fo fo ra ra	0,79

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
<i>Sida cordifolia</i> L. (malva-branca)	23.960	infecção urinária (1) limpar sangue (1)	ra fo	0,43
Musaceae				
<i>Musa paradisiaca</i> L. (banana)	il.	expectorante (1) asma (7)	fl la	0,29
Myrtaceae				
<i>Campomanesia velutina</i> (Camb.) O. Berg (guabiraba)	23.922	diarréia (2) cólicas intestinais (1)	fo cs	0,29
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill. (eucalipto)	il.	sinusite, congestão nasal (13) febre (1)	fo fo	0,57
<i>Psidium guajava</i> L. (goiaba)	23.970	diarréia infantil, vômito (2)	fo	0,29
Nyctaginaceae				
<i>Boerhavia diffusa</i> L. (pega-pinto)	23.891	inflamações em geral (1) inflamação do útero e ovários (1) diarréia (2)	ra ra,fo fl,fo	0,50
Olacaceae				
<i>Ximenia americana</i> L. (ameixa)	23.894	inflamação do útero e ovários, cicatrizante, limpar útero, limpar o sangue, aborto (4) anemia, úlcera, câncer, infecção urinária, problemas estomacais (1) coceira (9) ferimento, queimadura (5) diarréia gastrite (7) fratura (10)	cs cs cs cs cs cs cs	1,79
Oxalidaceae				
<i>Averrhoa carambola</i> L.(carombola)	23.932	dor nos rins (1) diabetes (7)	fo,fr fr	0,43
Passifloraceae				
<i>Passiflora cincinnata</i> Mart. (maracujá-de-vaqueiro)	24.008	infecção urinária (2,4)	ra	0,21
Phytolacaceae				
<i>Petiveria alliacea</i> L. (tipi; macumba)	23.895	inchaço no corpo, dor nas juntas, garganta inflamada (1)	fo	0,50
Piperaceae				
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq. (pimenta-de-macaco)	23.926	dor nos rins, reumatismo, dor no corpo (1)	fr	0,36
<i>P. cf cavalcantei</i> Yunck. (pimenta-de-macaco)	23.941	reumatismo (10)	fo	0,21
Poaceae				
<i>Cenchrus echinatus</i> L. (carrapicho)	23.466	pedra nos rins(1)	ra	0,21
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf (capim-de-cheiro; folha-santa)	23.916	calmante, gastrite, hipertensão, abortivo (2) dor no corpo (2)	fo fo	0,86
<i>Melinis repens</i> (Willd.) Zizka (caninha)	23.465	infecção urinária (1)	ra	0,21

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
<i>Zea mays</i> L. (milho)	il.	hipertensão (2) reumatismo (7)	fl fr	0,43
Punicaceae				
<i>Punica granatum</i> L. (romã)	il.	garganta inflamada, rouquidão (1,7,8)	fr	0,29
Rhamnaceae				
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart. (juá)	23.890	anticaspa (5) problemas gástricos (2) queimadura (10)	cs fo cs	0,64
Rubiaceae				
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey. (vassourinha)	23.557	diarréia infantil (2)	ra	0,21
<i>Coffea arabica</i> L. (café)	il.	diabetes (2)	se	0,21
<i>Tocoyena sellowiana</i> (Cham. & Schltl.) K. Schum. (jenipapinho)	269	torção, pancada (10)	cs	0,29
Rutaceae				
<i>Citrus limonum</i> Risso (limão-azedo)	23.921	gripe (2)	fo	0,21
<i>C. sinensis</i> osbeck (laranja)	23.968	febre (2) diarréia (2)	fo fr	0,43
<i>Ruta graveolens</i> L. (arruda)	il.	dor de dente (5) aborto (1) menstruação irregular (1)	ra fo fo	0,57
Sapindaceae				
<i>Magonia pubescens</i> A. St. - Hil. (tingui)	23.955	dores em geral (2) cicatrizante (5)	cs cs	0,57
<i>Serjania communis</i> Cambess. (mucunã)	23.935	inflamação do útero e ovários (4) prisão de ventre (7)	ca ca	0,43
<i>Talisia esculenta</i> Radlk. (pitomba)	23.981	desidratação (2)	se	0,23
<i>Scoparia dulcis</i> L. (vassourinha)	23.980	fratura, dor no corpo (4) gripe (3) infecção urinária (2)	in fo ra	0,71
Solanaceae				
<i>Capsicum baccatum</i> L. (pimenta-olho-de-olho)	23.540	torcicolo, dores musculares (10)	fr	0,29
<i>C. frutescens</i> L. (pimenta-malagueta)	23.539	probl. de circulação (14) hipertensão (1)	fr fr	0,29
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill. (tomate)	il.	inflamações (2)	fo	0,21
<i>Physalis angulata</i> L. (canapu)	23.854	gastrite (2)	fo	0,21
<i>Solanum americanum</i> Mill. (erva-moura; maria-preta)	23.853	cólicas menstruais (1)	fo	0,21
<i>S. crinitum</i> Lam. (jiló)	23.546	puxar espinho (10)	fr	0,21
<i>S. melongena</i> L. (beringela)	24.005	colesterol alto (7)	fr	0,21
<i>S. palinacanthum</i> Dunal (melancia-do-mato; jiló)	23.545	dor nos rins (7) tuberculose (4)	fr ra	0,43
Sterculiaceae				
<i>Helicteres muscosa</i> Mart. (moleque-duro)	23.949	criança andar (1)	fo	0,21

Tabela 1 (Cont...)

FAMILIA/ESPÉCIE/NOME VULGAR	TEPB	Indicação / (FP)	PU	IR
Tiliaceae	23.938	gripe (1)	cs	0,64
<i>Luehea candicans</i> Mart. (açoita-cavalo-verdadeiro, açoita-cavalo-branco)		inflamação do útero e ovários (4) dor no corpo (2)	cs cs	
Turneraceae				
<i>Turnera coerulea</i> Sessé & Moc. ex DC. (tira-estrepé)	24.023	inflamações em geral (1)	in	0,21
<i>T. subulata</i> Sm. (ranca-estrepé)	23.942	inflamação do útero e ovários (1)	ra	0,21
<i>T. ulmifolia</i> L. (chanana)	23.982	hipertensão (1)	ra	0,21
Velloziaceae				
<i>Barbacenia stenophylla</i> Goethart & Henrard (macambira-de-morro)	23.386	doenças em geral (4)	ra,fo	0,21
Verbenaceae				
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. (erva-cidreira)	23.931	gripe, diarreia (1) hipertensão, calmante (1) enxaqueca, convulsão, diarreia (1) má digestão (1)	fo fl fo ca	1,14
<i>Lippia</i> sp ¹ (alecrim)	23.605	gripe (1, 9)	fo	0,21
<i>Lippia</i> sp ² (alecrim-de-passos; alecrim-de-bom-jesus)	24.003	sinusite (9)	fo,fl	0,21
Indet. (hortelão)	23.946	gripe (1,3,13)	fo,fl	0,21
Violaceae				
<i>Hybanthus oppositifolius</i> (L.) Taub. (papaconha)	23.611	dentição infantil (1)	fl	0,21
Vochysiaceae				
<i>Callistene fasciculata</i> Mart. (capitão-de-campo)	23.986	doenças de criança (1)	fo	0,21
<i>Qualea grandiflora</i> Mart. (pau-de-terra-da-folha-larga)	23.936	coceira (9)	ra	0,21
Zingiberaceae				
<i>Curcuma longa</i> L. (açafrão)	il.	rouquidão (1)	bu	0,21
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe (gengibre)	il.	garganta, amigdalite (1) gripe, sinusite (2) asma (1)	bu bu bu	0,64

A maioria das espécies utilizadas como fitoterápicas são nativas (84,4%), dado que corrobora com os apresentados em pesquisas desenvolvidas no Piauí por Abreu (2000) no Quilombo Mimbó, em Amarante, por Franco (2005) no Quilombo Olhos D'água dos Pires, em Esperantina e por Vieira (2008) no Quilombo dos Macacos, em São Miguel do Tapuio.

As espécies exóticas são encontradas nos quintais, nas proximidades das residências e nos locais de cultivo, sendo frequentes *Spondias purpurea* (serigüela), *Psidium guajava* (goiaba) e *Malpighia glabra* (acerola), como também referido por Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) em pesquisa no semiárido pernambucano. Dentre as indicações, a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) está incluída na lista oficial de espécies ameaçadas de extinção, na categoria vulnerável do IBAMA (www.ibama.gov.br) e foi também referida como medicinal por Silva (2003) em pesquisa com os índios Fulni-ô em Pernambuco e no Piauí, por Chaves, Barros e Sérvio Júnior (2006) em Cocal, por Santos, Barros e Araújo (2007) em Monsenhor Gil e por Franco, Barros e Araújo (2007) no Quilombo Olho D'água dos Pires, em Esperantina/PI.

Em consonância com a pesquisa de campo, explicita-se os diferentes usos e indicações terapêuticas, como: sintoma de determinada doença (dor de cabeça, diarreia, febre, cólica intestinal, inflamações, dentre outros) e não a doença propriamente dita. Como também existem casos em que a própria doença é alvo da indicação (gripe, diabetes, gastrite, hipertensão, apendicite, etc.).

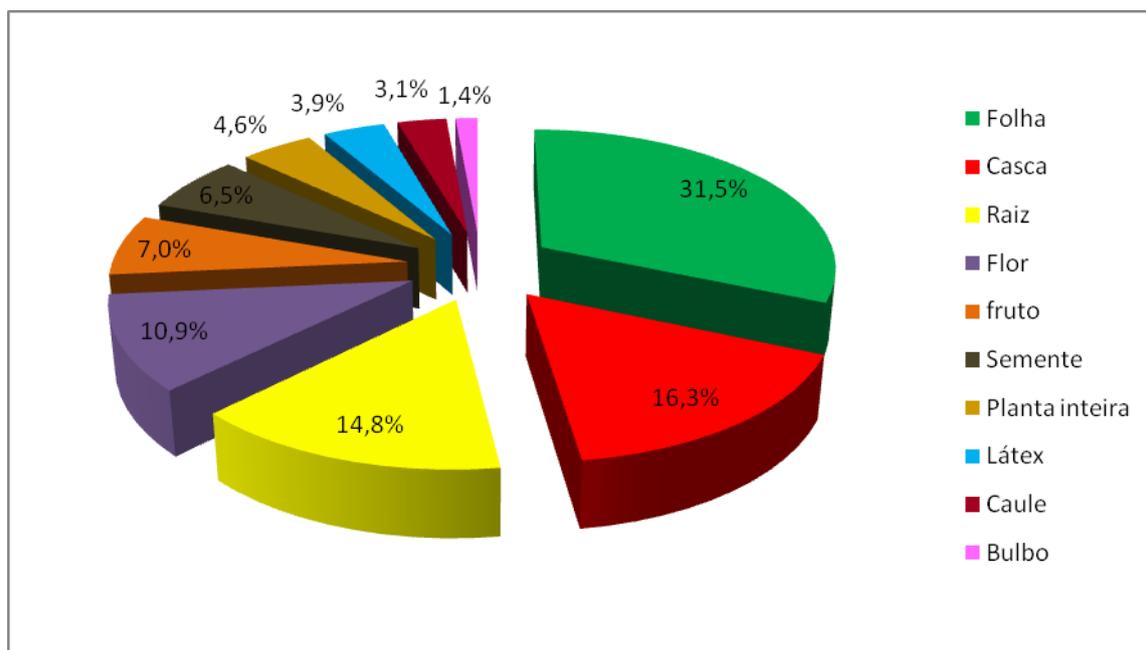


Figura 2. Partes de plantas empregadas (%) para fins medicinais pelas comunidades rurais de Oeiras, Piauí, Brasil.

Nesse sentido, faz-se mister ressaltar que a folha é a parte do vegetal significativamente mais utilizada na medicina caseira local, como mostrado na Figura 2, representando 31,5% dos casos, para o tratamento de todas as doenças citadas, embora não estejam disponíveis o ano todo, em função da caducifolia na época da seca, os

moradores a desidratam e armazenam. As cascas perfizeram 16,3% das citações, sendo comumente referido que a coleta deve ser feita antes do nascer do sol e, além disso, deve-se colocá-las em local sombreado, para que não perca as propriedades terapêuticas. Resultado análogo para as folhas observou-se nos trabalhos de Amorozo (2002) em Tanquinho/BA, Chaves (2005) em Cocal/PI; Fuck et al. (2005) em Bandeirantes/PR e Franco & Barros (2006) no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina/PI.

Não obstante a relevância da indicação do látex *Euphorbia tirucalli* para o tratamento de câncer, o mesmo também foi citado como tóxico, se empregado em quantidade superior a duas gotas. Cenário similar foi descrito por Vieira (2008), no Quilombo dos Macacos, São Miguel do Tapuío, Piauí. Segundo Lorenzi & Matos (2002), apesar da recomendação de alguns estudiosos do uso interno do látex em pequenas dosagens contra o câncer, não existe nenhuma evidência científica de sua possível atividade anticancerígena em usos internos, contudo, alguns estudos revelaram que a planta possui uma ação contrária, podendo inclusive promover o desenvolvimento de tumores.

Ademais, evidencia-se que os entrevistados expuseram as propriedades terapêuticas da arruda (*Ruta graveolens*), da mamona (*Ricinus communis*) e do melão-de-são-caetano (*Momordica charantia*) para tratamento de doenças e sinais gerais. Ritter et al. (2002) as reconheceu em pesquisa com plantas utilizadas como medicinais no município de Ipê, RS, como tóxicas. Desse modo, durante a pesquisa, houve alguns relatos de intoxicação pelo uso dessas plantas, que, segundo os informante, se deu em função do uso inadequado, através do emprego de uma dosagem acima da recomendada.

As espécies *Myracrodruon urundeuva*, *Ruta graveolens*, *Spondias tuberosa* e *Ximenia americana* tiveram o uso desaconselhado durante a gravidez, devido as propriedades abortivas. Outrossim, *Cymbopogon citratus* e *Plectranthus barbatus* foram contra-indicados durante a gestação. Este panorama foi análogo ao apresentado por Vendruscolo et al. (2005) em estudo realizado na comunidade do Bairro Ponta Grossa, Porto Alegre/RS.

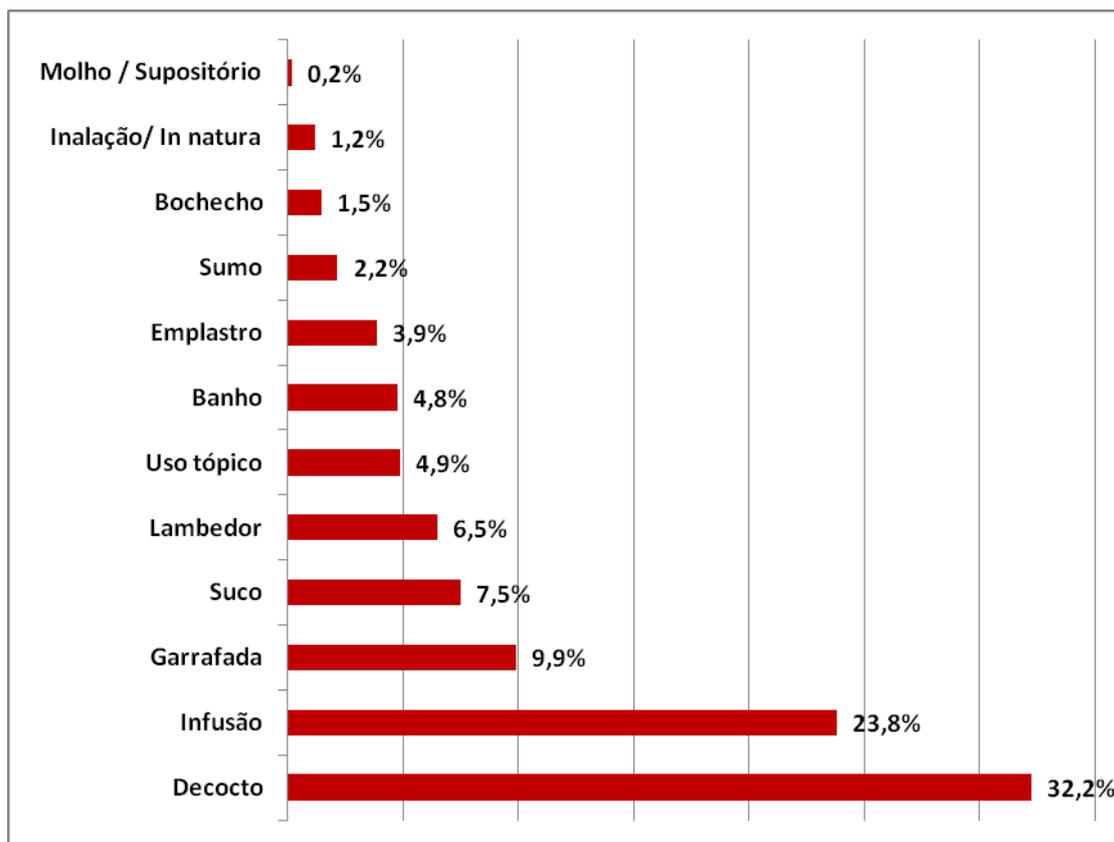


Figura 3 – Formas de preparo das espécies usadas como medicinais nas comunidades rurais do semiárido piauiense.

Em conformidade com a Figura 3, as formas de preparo mais utilizadas foram a decocção (32,2% dos casos), infusão (23,8%), garrafada (9,9%), suco (7,5%), lambedor (6,5%) e uso tópico (4,9%). Medeiros, Fonseca e Andreatta (2004) em pesquisa em Santa Teresa/ES e Pinto, Amorozo e Furlan (2006) em comunidades rurais de Itacaré/BA, também verificaram a decocção como a forma de preparo mais freqüente. A infusão, bastante expressiva dentro da comunidade, é uma forma de preparo que, segundo os informantes, garante a eficácia do medicamento para algumas plantas ou parte destas. A exemplo de *Citrus limon*, *Cymbopogon citratus* e *Psidium guajava*. Estudos químicos e farmacológicos, realizados por Vendruscolo et al. (2005), revelaram que o óleo presente nas folhas destas plantas são voláteis.

Além do uso em separado, verificou-se que é uma prática bastante comum o uso em associação de várias espécies para a produção de lambedores e garrafadas, no combate a um sintoma ou doença em particular. Tal contexto é similar ao observado por Pinto, Amorozo e Furlan (2006) em Itacaré/BA, Franco & Barros (2006) em Esperantina/PI e Vieira (2008) em São Miguel do Tapuio/PI.

Identificou-se por meio da pesquisa o registro da *Acanthospermum hispidum* para o tratamento de doenças respiratórias; *Lippia alba*, *Plectranthus barbatus* e *Psidium guajava* para problemas no aparelho digestório; *Averrhoa carambola* para o tratamento de problemas renais e *Anacardium occidentale* como antiinflamatória e cicatrizante. Dados semelhantes são apresentados por Silva e Andrade (2005) no litoral e zona da mata pernambucanos e por Abreu (2000) na comunidade Mimbó, município de Esperantina/PI, os quais constataram uma frequência significativa de indicações para tratamentos de problemas do aparelho reprodutor feminino, especialmente na forma de garrafada.

Attalea speciosa, *Emilia sonchifolia* e *Tabebuia impetiginosa*, foram também referidas para o tratamento de problemas dermatológicos por Macêdo e Ferreira (2004) em estudo nas comunidades da Bacia do Alto do Paraguai/MT. *Lippia alba* (erva-cidreira) foi indicada para o tratamento de diarreia e *Chenopodium ambrosioides* (mastruz) como vermífugo. Esses dados corroboram com os apresentados por Begossi et al. (1993) na comunidade pesqueira da Ilha dos Búzios, no litoral paulista e por Pinto, Amorozo e Furlan (2006). Do mesmo modo da presente pesquisa, *Bowdichia virgilioides*, *Magonia pubescens* e *Caryocar coriaceum* (pequi) tiveram indicações terapêuticas em pesquisa realizada por Jenrich (1989) em Oeiras/PI.

Acanthospermum hispidum, *Amburana cearensis*, *Anacardium occidentale*, *Annona squamosa*, *Boerhavia diffusa*, *Caesalpinia ferrea*, *Carica papaya*, *Chenopodium ambrosioides*, *Cleome spinosa*, *Croton rhamnifolius*, *Cymbopogon citratus*, *Heliotropium indicum*, *Hymenaea coubaril*, *Lippia alba*, *Malpighia glabra*, *Mangifera indica*, *Melocactus zehntneri*, *Momordica charantia*, *Myracrodruon urundeuva*, *Psidium guajava*, *Senna spectabilis*, *Spondias purpurea*, *Talisia esculenta* e *Ziziphus joazeiro*, foram igualmente referenciados como medicinais em comunidades rurais da caatinga pernambucana, como mostrado por Albuquerque e Andrade (2002).

As espécies de plantas que particularmente apresentaram grande versatilidade quanto a seus usos, verificado através do cálculo de Importância Relativa foram o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*) (IR=1,86), a ameixa (*Ximenia americana*) (1,79) e a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) (1,21), espécies igualmente citadas com IR superior a 1,0 por Vieira (no prelo). O número de usos terapêuticos relacionado a estas espécies está entre os maiores. *C. ferrea* foi indicada para o tratamento da bronquite, gastrite, anemia, inflamações em geral, diarreia, gripe, dores nos rins, azia, derrame, infecção urinária e, ainda, como cicatrizante. Dentre as espécies que obtiveram IR inferior a 0,25, estão

Mimosa caesalpinifolia, *Parkia platycephala*, *Dioclea violacea* e *Pterocarpus villosus* indicadas no tratamento de derrame, epilepsia, asma e inchaço na barriga, respectivamente.

Tabela 2. Fator de Consenso dos Informantes sobre as plantas utilizadas como medicinais em comunidades rurais do semiárido piauiense. FCI = fator de consenso dos informantes; DMC = doença mais citada dentro da categoria.

Categorias	FCI	Nº de espécies	Nº de citações reportadas	DMC	% de citações da DMC
Impotência sexual	0,67	3	4	afrodisíaco	100,0%
Gravidez, parto, puerpério	0,55	6	12	limpar útero	50,0%
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos	0,47	18	33	limpar sangue	50,0%
Doenças do sistema ósteo-muscular e tecido conjuntivo	0,45	24	43	reumatismo	37,5%
Neoplasias e doenças virais	0,43	5	8	câncer	80,0%
Transtornos do sistema cardiovascular	0,37	15	20	hipertensão	86,7%
Transtornos do sistema nervoso	0,36	15	23	dor de cabeça	33,3%
Doenças de pele e do tecido subcutâneo	0,32	27	39	coceira	18,5%
Transtornos do sistema geniturinário	0,32	46	67	inflamação do útero e ovários	19,6%
Transtornos do sistema digestório	0,31	26	37	gastrite	34,6%
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	0,30	15	21	diabetes	66,7%
Inflamações e dores em geral	0,22	29	37	dor no corpo	34,5%
Sintomas e sinais gerais	0,16	39	46	febre	33,3%
Transtorno do sistema sensorial (visão)	0,00	1	1	dor nos olhos	100,0%

Consoante à Tabela 2, verificou-se que as categorias de maior consenso de uso entre os informantes nas comunidades rurais pesquisadas foram Impotência sexual (FCI 0,67), semelhante ao demonstrado por Vieira (no prelo) seguida por gravidez, parto e puerpério (0,55), doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos (0,47), doenças do sistema ósteo-muscular e tecido conjuntivo (0,45) e neoplasias e doenças virais (0,43), confirmando que as espécies empregadas dentro dessas categorias são relevantes para a

cultura local (Tabela 2). Para o transtorno do sistema sensorial (visão) não houve consenso entre os informantes, resultado análogo foi referido por Silva (2003) com os Índios Fulni-ô/PE.

Através da pesquisa constatou-se o significativo montante de espécies (191) mencionadas como úteis para o tratamento de sinais e sintomas de doenças, distribuídas em 59 famílias botânicas. Os produtos obtidos dos recursos disponíveis na região, tanto nativos como cultivados, são aproveitados na terapia para cura e manutenção da saúde, representando uma prática bastante disseminada na cultura local.

Reconhecidamente, o estudo do emprego popular de plantas medicinais é uma ferramenta importante na descoberta de novos fármacos, logo que o uso e permanência de determinadas plantas dentro de uma comunidade sugere que ela possuam uma real eficácia, como tem mostrado estudos farmacológicos de etnoespécies.

Verificou-se, que há a utilização de todas as partes das plantas, sobressaindo-se o uso das folhas, apesar da caducifolia, demonstrando a amplitude do conhecimento e versatilidade de usos acerca da vegetação.

Embora haja grande diversidade de plantas e um conhecimento bastante vasto a elas associado, importante para a manutenção da saúde e cultura local, os mais jovens não se dedicam a perpetuar esse conhecimento dentro das comunidades, pois buscam novas alternativas de trabalho na sede do município, na capital do estado ou, de forma bastante significativa, para outros estados, especialmente para trabalhar no corte de cana. Portanto, o conhecimento sobre as propriedades terapêuticas das plantas, especialmente nativas, encontra-se em poder das pessoas mais velhas, sendo necessária a transmissão desse conhecimento aos mais jovens, para que este seja conservado.

AGRADECIMENTOS

Aos informantes das comunidades rurais do município de Oeiras, pelo repasse das informações e, de maneira especial, ao Luciano Santana e Geraleno Barros, que espontaneamente envolveram-se com dedicação neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. R. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizadas pelos quilombolas Mimbó, Amarante, Piauí, Brasil**. 2000. 69 p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal) Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso dos recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Interciência**, 336-345p, 2002
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas de pesquisa em etnobotânica**. Recife: Livro rápido NUPEEA, 2004,189p.
- AMOROSO, M. C.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- AMOROZO, M. C. M.. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, p. 189-203, 2002.
- AZEVEDO, S. K. S.; SILVA, I. N. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p.185-194. 2006.
- BEGOSSI, A.; LEITÃO-FILHO, H. F.; RICHERSON, P. J. 1993. Plant uses in a Brazilian fishing community (Búzios Island). *Journal of Ethnobiology* 13: 233-256.
- BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economy Botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102, 2000.
- BERG, M. E.; SILVA, M. H. L. Contribuição ao conhecimento da flora medicinal do Piauí. In: ANAIS DA VIII REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICA, 1985, Recife. **Anais...** Recife: Sociedade Botânica do Brasil – Seccional Pernambuco, 1985, p. 151-164.
- BORBA, A. M.; MACÊDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, n. 20, p. 771-782, 2006.
- CASTELLUCCI, S.; LIMA, M. I. S.; NORDI, N.; MARQUES, J.G.W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, Município de Luis Antonio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas medicinais**, v.3, n. 1, p.51-60, 2000.
- CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. **Perfil dos Municípios**, Teresina: Fundação CEPRO, 1992.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. **Perfil dos Municípios**, Teresina: Fundação CEPRO, 2000.

CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal, Piauí, Brasil**. 2005. 112p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal do Piauí, Teresina.

CHAVES, E.M.F.; BARROS, R.F.M.; SÉRVIO JÚNIOR, E. M. Plantas do carrasco da Ibiapaba. **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí**, 2006. Disponível em: <http://www.fapepi.pi.gov.br/carrasco> Acesso em 14 de out. de 2008.

COUTINHO, D. F. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, v. 3, p. 7-12, 2002.

CRONQUIST, A. **An integrated of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262p.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, p. 37-47, 2007.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

FRANCO, E.A.P.A. **A etnobotânica e o desenvolvimento sustentável no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. Teresina, UFPI, 2005. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M.; ARAUJO, J. L. L. Uso e diversidade de plantas do cerrado utilizadas pelos quilombolas de Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, p. 247-270. In: LOPES, W. G. R.; ARAÚJO, J. L. L.; MOITA NETO, J. M.; BARROS, R. F. M. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina, EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 2007, 402p.

FRANCO, I. J.; FONTANA, V. L. **Ervas e plantas: a medicina dos simples**. Edelbra: Erexim, 2002. 246 p.

FUCK, S. B.; ATHANÁZIO, J. C.; LIMA, C. B.; MING, L. C. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por moradores da zona urbana de Bandeirantes, Paraná, Brasil. **Semina**, v. 26, n. 3, p. 291-296, 2005.

GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, T. D. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 79, p. 10-25, 1998.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

IBAMA. Lista oficial de flora ameaçada de extinção. Instrução Normativa Nº 06, de 23 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/flora/extinção.htm>
Acesso em: 30 set. 2008.

INPI. International Plant Names Index. Disponível em <http://www.ipni.org> Acesso em 22 de set. de 2008.

JENRICH, H. **Vegetação arbórea e arbustiva nos altiplanos das chapadas do Piauí Central**: características, ocorrência, empregos. Teresina: DNOCS; Eschborn: BMZ/GTZ. 1989. 90p.

JUDD, W. S.; CAMPBELL, C. S.; KELLOGG, E. A.; STEVENS, P. F. **Plant systematics**: a phylogenetic approach. Sinauer associates, Sunderland, 1999, 464p.

LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; SILVA, Y. S. K. L. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Etnoecológica**, v. 4, p. 33-54, 2000.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil** : nativas e exótica cultivadas, Nova Odessa, SP : Instituto Plantarum, 2002.

MACEDO, M.; FERREIRA, A. R. Plantas medicinais usadas para tratamentos dermatológicos, em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, supl. 01, p. 40-44, 2004.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 18, p. 391-399, 2003.

MILLIKEN, W.; ALBERT, B. The use of medicinal plants by the Yanomamy Indians of Brazil. **Economic Botany**, v. 50, n. 1, p. 10-25, 1996.

MOBOT – **Missouri Garden W3 tropicos**. Disponível em:
<http://mobot.mobot.org/W3T/search/vast.html> Acessado em: 05 nov. 2008.

MORI, S. A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 24 ed. Bahia: Centro de Pesquisa do Cacau, 1989. 104 p.

NOLAN, J. M.; Robbins, M. C. Cultural conservation of medicinal plant use in the Ozarks. **Human Organization**, v.58, p. 67-72, 1999.

NUNES, G. P et al. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 13, n. 2, p. 83-92, 2003.

OMS (Organização Mundial de Saúde). **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

PEREIRA, R. C.; OLIVEIRA, M. T. R.; LEMOS, G.C.S. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacazes/RJ, **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, supl. 01, p.37-40, 2004.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas Medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p.751-762, 2006.

RÊGO, T. J. A. S. Levantamento de plantas medicinais na baixada maranhense. **Acta Amazonica**, v. 18, n.2, p. 75-88, 1998.

RITTER, M. R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.12, p. 51-62, 2002.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio grande –Minas Gerais. **Ciência Agrotécnica**, Lavras, v.25, n.1, p.102-123, 2001.

SANTOS, L. G. P. **Florística e conhecimento botânico tradicional em áreas de cerrado no município de Monsenhor Gil, Piauí, Brasil**. 2008.101 p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal do Piauí, Teresina.

SANTOS, L. G. P.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, J. L. L. Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do cerrado de Monsenhor Gil, Piauí, p.299-318. In: LOPES et al. (Orgs.). **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 2007,402p.

SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, p. 85-97, 2005.

SILVA, V. A. Etnobotânica dos índios Fulni-ô, Pernambuco, Nordeste do Brasil. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2003.

SOUSA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 135-142, 2006.

TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: **Indigenous medicine and diet: biobehavioural approaches**, Redgrave. Nova York, 1986. p. 91-111.

VENDRUSCOLO, G. S., RATES, S. M. K.; MENTZ, L. A. Dados químicos e farmacológicos sobre as plantas utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 15, p. 361-372, 2005.

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

VIEIRA, F. J. Uso e diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio Piauí, Brasil. 2008.124 p.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

7. CONCLUSÕES

De acordo com o estudo da flora em áreas de transição Cerrado/Caatinga do município de Oeiras, conclui-se que a fisionomia está de acordo com as publicações referentes ao semiárido, sendo a caducifolia e o porte arbustivo evidentes, características da Caatinga, tipo vegetacional predominante.

Foram identificadas 378, destas, 353 etnoespécies, dispostas em 78 famílias botânicas e 235 gêneros, distribuídos entre os hábitos herbáceo, arbustivo ou arbóreo. A maior representatividade em número de espécies foi para Leguminosae, Euphorbiaceae, Solanaceae, Malvaceae, Malpighiaceae e Asteraceae. *Croton*, *Mimosa* e *Solanum* foram os gêneros de maior ocorrência. *Bauhinia unguolata* L., *Combretum leprosum* Mart., *Mimosa acutistipula* Benth., *M. verrucosa* Benth., *Rollinia leptopetala* R.E. Fr., características da flora caducifólia, são bastante freqüentes.

As categorias de uso de maior destaque foi a medicinal; a folha, a parte mais usada e a decocção a forma de preparo mais comum. Leguminosae e Euphorbiaceae obtiveram maior destaque. *Ximenia americana* (ameixa) foi a espécie com um maior número de indicações. Constatou-se que a população recorre a medicina popular como fonte primeira de prevenção e tratamento de doenças, considerando-a como alternativa mais eficaz e acessível, recorrendo ao atendimento médico-hospitalar de forma acessória.

A Festa de Passos é a manifestação cultural de maior destaque e a lenda do carneiro de ouro, a mais disseminada no imaginário local.

Caesalpinia ferrea, *C. bracteosa*, *Jacaranda brasiliana*, *Myracrodruon urundeuva*, *Tabebuia ochracea* e *Terminalia fagifolia*, embora tenham sido citadas nas categorias madeireira e produção de energia, são espécies protegidas por serem consideradas importantes na medicina, em função das propriedades terapêuticas a elas atribuídas.

Magonia pubescens A. St. - Hil. (tingüi) se apresentou como a espécie mais versátil, referida em oito categorias de uso. *Mimosa caesalpiniiifolia*, citada para uso em

sete categorias, foi pouco encontrada nas áreas de coleta, provavelmente devido à prática extrativista.

O conhecimento sobre as espécies foi repassado de forma oral pelos antepassados, sendo empregadas dentro de um amplo espectro de utilidades, para os mais diversos fins. No entanto, esse conhecimento tem permanecido com os mais velhos, não tendo sido percebido interesse dos mais jovens em adquiri-lo, já que as atividades desenvolvidas a partir deste, não lhes garantem renda satisfatória.

Os quintais, mantidos e cuidados pelas mulheres, constituem importante espaço de lazer e convivência, onde ocorrem encontros familiares, festas, tendo como importante elemento plantas, aproveitadas para várias finalidades, especialmente na medicina, alimentação, ornamentação e de uso mágico-religioso.

Evidenciou-se que os moradores possuem uma considerável consciência ambiental, dada a importância atribuída à vegetação, especialmente para as espécies nativas úteis, adotando técnicas de manejo apropriadas. Embora demonstrem ter um amplo conhecimento acerca da flora, sendo a principal fonte de matéria-prima, não se pode afirmar que todas as espécies citadas estão sendo efetivamente utilizadas.

Diante do exposto, espera-se que os resultados obtidos forneçam subsídios para elaboração de estratégias de desenvolvimento sustentável no Estado, especialmente para o município de Oeiras.

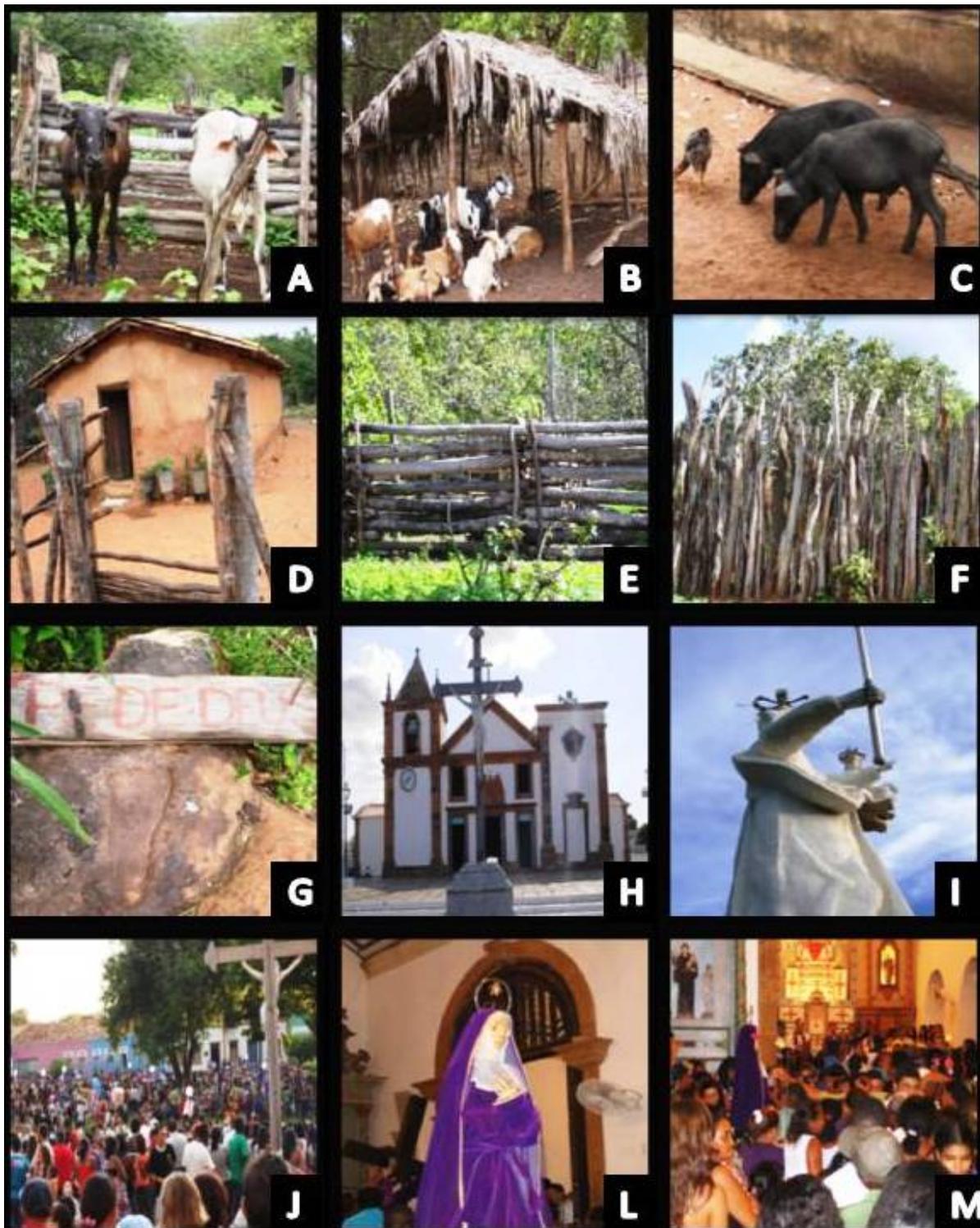
8. APÊNDICES



Apêndice 1: Espécies úteis do semi-árido piauiense: **A.** *Hymenaea eriogyne* Benth. **B.** *Cordia rufescens* A. DC. **C.** *Martiodendron mediterraneum* (Mart. ex Benth.) R.C.Koeppen **D.** *Tocoyena* sp **E.** *Starchytarpheta cayennensis* (Rich) Vahl. **F.** *Piriqueta sidifolia* var. *multiflora* Urb. **G.** *Lantana camara* L. **H.** *Richardia grandiflora* Steud. **I.** *Mimosa verrucosa* Benth. **J.** *Ximena americana* L. **L.** *Cenostigma gardnerianum* Tul. **M.** *Cypella linearis* Baker **N.** *S. rhytidoandrum* Sendtn **O.** *Barbacenia stenophylla* Goethart & Henrard **P.** *Aspilia martii* Backer.



Apêndice 2: Espécies úteis do semi-árido piauiense: **A.** *Jacquemontia gracillima* Hallier f. **B.** *Turnera coerulea* var. *surinamensis* (Urb.) Arbo & Fernández **C.** *Jatropha molissima* Baill. **D.** *Luehea* cf. *candicans* Mart. & Zucc. **E.** *Matelea nigra* (Decne.) Morillo & Fontella **F.** *Centratherum punctatum* Cass. **G.** *Solanum palinacanthum* Dunal **H.** *Bidens pilosa* L. **I.** *Stenandrium pohlii* Nees **J.** *Helicteres muscosa* Mart. **L.** *Caesalpinia ferrea* Mart. **M.** *Cnidoscolus quercifolius* Pohl ex Baill. **N.** *Passiflora cincinnata* Mart. **O.** *Luetzelburgia auriculata* (Allemão) Ducke **P.** *Bromelia laciniosa* Mart. ex Schult. f.



Apêndice 3: Aspectos sócio-econômicos e culturais: **A.** Criação de bois **B.** Criação de bodes **C.** Criação de porcos **D.** Cerca de passagem **E.** Cerca de cama **F.** Cerca de facha **G.** Pé-de-Deus **H.** Igreja de Nossa Senhora da Vitória **I.** Monumento de Nossa Senhora da Vitória **J.** Procissão de Bom Jesus dos Passos **L.** Imagem de Nossa Senhora da Vitória **M.** Celebração de missa.

Especialistas que identificaram e/ou confirmaram o material botânico

Famílias botânicas	Especialistas
Acanthaceae	Cintia Kameyama
Aizoaceae	Maria das Dores Melo
Amaranthaceae	Luisa Ramos Senna
Amaryllidaceae	Andrielle Câmara Amaral
Annonaceae	Renato Melo-Silva
Apocynaceae	Ângela Maria Miranda
Apocynaceae	Sueli Maria Gomes
Aristolochiaceae	Lindolpho Capellari Júnior
Araceae	Ivanilza Moreira de Andrade
Asclepiadaceae	Jorge Fontela Pereira
Asteraceae	Genilson Alves da Silva
Asteraceae	Roseli Farias Melo de Barros
Bignoniaceae	Carolyn Elinore Barnes Proença
Bignoniaceae	Lúcia Garcez Lohmann
Bombacaceae	Massimo Bovini
Boraginaceae	Neusa Taroda Ranga
Boraginaceae	José Iranildo
Bromeliaceae	Gardene Maria da Silva
Capparaceae	Maria Bernadete Costa e Silva
Combretaceae	Maria Iracema Bezerra Loiola
Convolvulaceae	Antoniela Morais Marinho
Cyperaceae	Maria Bernadete Costa e Silva
Cyperaceae	Marcus Alves
Curcubitaceae	Gustavo Heiden
Euphorbiaceae	Francisco Soares Santos Filho

Famílias botânicas	Especialistas
Euphorbiaceae	Maria de Fátima Araújo Lucena
Erythroxylaceae	Maria Iracema Bezerra Loiola
Iridaceae	Lindolpho Capellari Jr.
Iridaceae	Afonso Gil
Lamiaceae	J. F.Pastore
Lamiaceae	Raymond M. Harley
Leguminosae	Ângela Maria Studart da Fonseca Vaz
Leguminosae	Haroldo Cavalcante de Lima
Leguminosae	Luciano Paganucci de Queiroz
Leguminosae	Rubens Teixeira
Leguminosae	Valquíria Ferreira Dutra
Leguminosae	Vidal de Freitas Mansano
Loranthaceae	Claudenir Simões Caires
Malpighiaceae	André M. Amorim
Myrtaceae	Carolyn Elinore Barnes Proença
Malvaceae	Massimo Bovini
Oxalidaceae	Maria Carolina de Abreu
Passifloraceae	Luís Carlos Bernacci
Piperaceae	Daniele Monteiro Ferreira
Piperaceae	Erica Von Sohsten Medeiros
Poaceae	Maria Bernadete Costa e Silva
Polygalaceae	Ana Cristina Aguiar
Poligonaceae	Efigênia de Melo
Portulacaceae	Maria das Dores Melo

Famílias botânicas	Especialistas
Rubiaceae	Zefa Valdivina Pereira
Sapotaceae	Eduardo Almeida
Solanaceae	João Renato Stehmann
Solanaceae	Maria de Fátima Agra
Sterculiaceae	Neusa Taroda Ranga
Tiliaceae	Massimo Bovini
Turneraceae	Josinaldo Alves da Silva
Turneraceae	Maria Mercedes Arbo
Velloziaceae	Renato Melo-Silva
Verbenaceae	Fátima Regina Salimena
Vochysiaceae	Flávio França

NOMECLATURA DA OMS	INDICAÇÃO DE USO PELAS COMUNIDADES
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	diabetes, pedra na vesícula, colesterol alto
Doenças de pele e do tecido sub-cutâneo	coceira, impigem, verruga, erizipela, pano-branco, micose, queimadura, pancada, furúculo, caspa
Doenças do sangue e órgãos homatopoéticos	limpar o sangue do sangue, anti-hemorrágico, anemia, sangramento da gengiva
Doenças do sistema ósteo-muscular e tecido conjuntivo	dor na dor na coluna, dor nos ossos, reumatismo, dor nas costas, torção, torcicolo
Doenças infecciosas intestinais, hepáticas e helmintíases	diarréia, diarréia infantil, prisão de ventre, inchaço na barriga, dor no fígado, hepatite, verme, ameiba, apendicite
Gravidez, parto, puerpério	cicatrizar útero, limpar resto de parto, aumentar a lactação
Afrodisíaco	impotência sexual
Inflamações e dores em geral	inflamações em geral, dor no corpo.
Lesões, envenenamentos e outras conseqüências	ferimento, laxante, purgante, mordida de cobra
Neoplasias e doenças virais	câncer, dengue
Sintomas e sinais gerais	febre, dor no corpo, dor de ouvido, dor de dente, puxar espinho, dentição infantil, criança andar, hérnia, cicatrização de umbigo, doenças de criança
Transtorno do sistema sensorial (visão)	dor nos olhos
Transtornos do sistema cardiovascular	hipertensão, hemorróidas
Transtornos do sistema respiratório	gripe, tosse, garganta inflamada, rouquidão, asma, falta de ar, bronquite, tuberculose, pneumonia, congestão nasal, sinusite, amigdalite
Transtornos do sistema digestório	úlceras, gastrite, azia, vômito, cólicas estomacais, má digestão, e intestinais
Transtornos do sistema genito-urinário	inflamações dos rins, ovários e útero, inflamação da próstata, útero baixo, cólica menstrual, menstruação irregular
Transtornos do sistema nervoso	dor-de-cabeça, derrame, calmante para nervos, epilepsia

Apêndice 3. Correlação entre a classificação sintomatológica proposta pela OMS e a utilizada nas comunidades rurais do semiárido piauiense.

**QUESTIONÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS,
ETNOBOTÂNICOS E CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE OEIRAS, PIAUÍ.**

Número: _____ Data: _____ Sexo: () F () M Idade: _____
Nome do entrevistado: _____
Profissão: _____
Localidade: _____

ESCOLARIDADE

Sem escolaridade

Ensino Fundamental: () completo () incompleto

Ensino Médio: () completo () incompleto

Ensino superior: () completo () incompleto

Pós-graduação: () Lato Sensu () Stricto sensu

RECEBE AUXÍLIO DO GOVERNO

() não () sim. Qual?

Valor: _____

RENDA

() menor que um salário mínimo () dois a menos que três salários

() três a mais que três salários mínimos () um a menos de dois salários mínimos

PARTICIPA DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU COOPERATIVA () não () sim,

HABITAÇÃO : PAREDES

() taipa () tijolos sem reboco () tijolos com reboco

COBERTURA () cobertura de palha () cobertura de telha

PISO () chão batido () cimento () cerâmica

CULTIVO/HORTA () não () sim Variedades _____

DESTINO DA PRODUÇÃO

() Produção para consumo da família () Produção para comercialização

SANEAMENTO : PROVENIÊNCIA DA ÁGUA

() olho d'água () riacho ou rio () poço () açude

PROCESSO DE PURIFICAÇÃO DA ÁGUA

() filtragem () fervura () fossa séptica () encanada () nenhum

() filtragem e fervura () Outro

DESTINO DAS ÁGUAS SERVIDAS

() diretamente no solo () céu aberto () horta () Outro

DESTINO DAS EXCRETAS HUMANA

() céu aberto () fossa negra () fossa séptica () Outro

DESTINO DO LIXO () lançado nas imediações () lançado nas imediações e queimado

() enterrado () Coleta municipal () outro _____

3. PRÁTICAS CULTURAIS : PRÁTICAS RELIGIOSAS

- a) Qual sua religião? _____
- b) Participa com frequência das atividades religiosas? _____
- c) Qual o local de encontro para essas atividades? _____
- d) Que festas ligadas à religião são celebradas? _____
- e) Nas praticas religiosas é costume usar materiais provenientes da vegetação? Quais? _____
Como? _____

ARTESANATO

- f) Há produção artesanal? _____
- g) De que produto? _____
- h) Que tipo e origem da matéria-prima se utilizada? _____

PRÁTICAS AGRÍCOLAS

- i) Onde costuma fazer roças? _____
- j) O terreno é próprio? _____
- k) No caso de arrendamento, qual o tipo de relação? _____
- l) Qual o processo utilizado para o trato da roça? _____
- m) Por quanto tempo se usa a mesma área para o cultivo? _____
- n) A produção é para o consumo familiar para comercialização? _____
- o) Onde se dá a comercialização? _____
- p) Já houve ou há alguma espécie de treinamento ou curso por parte do governo nessa área?

2. ETNOBOTÂNICA

MEDICINAL

Nome popular _____

Indicações: _____

Hábito: () erva () árvore () outro () arbusto

Parte usada: () folha () casca () flor () fruto () látex () toda a planta

Estado para uso: () seca () verde

Tipo de manipulação: () sumo () lambedor () infusão () decocção () suco ()
garrafada () natural () salada () suco () inalação () uso local

Modo de usar: Quantidade: _____

Número de vezes: _____

Quanto tempo: _____

Administração: () Uso tópico () via oral () inalação () uso retal () escalda-pé

Contra-indicação: () homem () mulher () adulto () idoso () gestantes
() medicamentos () lactantes () outro () alimentação

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

ALIMENTAÇÃO HUMANA Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () toda a planta

Modo de consumo: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

MADEIREIRO Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Aplicabilidade: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala () sim () não

MELÍFERA Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () outro () arbusto

Material coletado () néctar () pólen () ambos

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há locais de produção de mel: () sim () não

FORRAGEIRA Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () outro () () arbusto

Parte usada: () toda a planta () folha () fruto () raiz () casca () outro

() Estado para uso: seca () verde

Forma (s) de uso (s): _____

Aplicabilidade: _____

Acesso à planta pelo animal: () é colhida/armazenada/depois servida () no pasto

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

PRODUÇÃO DE ENERGIA Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Parte usada: () madeira () fruto () outro

Utilização: () carvão () lenha

MÁGICO-RELIGIOSA Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () outro

Parte usada: () fruto () madeira () outro

Utilização: _____

ORNAMENTAL Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Parte usada: () madeira () fruto () outro

TÓXICA Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Parte tóxica: () tronco () galhos () outro

Utilização: _____

ARTESANATO Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () outro

Parte usada: () tronco () galhos () folhas () fruto () outro

Utilização: _____

USO VETERINÁRIO Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () toda a planta

Modo de uso: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

HIGIENE E LIMPEZA Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () toda a planta

Modo de consumo: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

UTENSÍLIOS Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () inteiro

Modo de consumo: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

q) A produção é para o consumo familiar para comercialização? _____

r) Onde se dá a comercialização? _____

s) Já houve ou há alguma espécie de treinamento ou curso por parte do governo nessa área?

3. ETNOBOTÂNICA

MEDICINAL Nome popular _____

Indicações: _____

Hábito: () erva () árvore () outro () arbusto

Parte usada: () folha () casca () flor () fruto () látex () toda a planta

Estado para uso: () seca () verde

Tipo de manipulação: () sumo () lambedor () infusão () decocção () suco

() garrafada () natural () salada () suco () inalação () uso local

Modo de usar: Quantidade: _____

Número de vezes: _____

Quanto tempo: _____

Administração: () Uso tópico () via oral () inalação () uso retal () escalda-pé

Contra-indicação: () homem () mulher () adulto () idoso () gestantes
() medicamentos () lactantes () outro () alimentação

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

ALIMENTAÇÃO HUMANA Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () inteiro

Modo de consumo: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

MADEIREIRO Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Aplicabilidade: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala () sim () não

MELÍFERA Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () outro () arbusto

Material coletado () néctar () pólen () ambos

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há locais de produção de mel: () sim () não

FORRAGEIRA Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () outro () () arbusto

Parte usada: () toda a planta () folha () fruto () raiz () casca () outro

() Estado para uso: seca () verde

Forma (s) de uso (s): _____

Aplicabilidade: _____

Acesso à planta pelo animal: () é colhida/armazenada/depois servida () no pasto

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

PRODUÇÃO DE ENERGIA Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Parte usada: () madeira () fruto () outro

Utilização: () carvão lenha ()

MÁGICO-RELIGIOSA Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () outro

Parte usada: () fruto () madeira () outro

Utilização: _____

ORNAMENTAL Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Parte usada: () madeira () fruto () outro

TÓXICA Nome popular _____

Hábito: arbusto () erva () árvore () arbusto () outro

Parte tóxica: () tronco () galhos () outro

Utilização: _____

ARTESANATO Nome popular _____

Hábito: () arbusto () erva () árvore () outro

Parte usada: () tronco () galhos () folhas () fruto () outro

Utilização: _____

USO VETERINÁRIO Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () inteiro

Modo de uso: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

HIGIENE E LIMPEZA Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () toda a planta

Modo de consumo: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

UTENSÍLIOS Nome popular _____

Hábito: () erva () arbusto () árvore () outro

Parte usada: () folha () flor () fruto () raiz () casca () caule () inteiro

Modo de consumo: _____

Há cultivo da planta para esse fim: () sim () não

Há comercialização da planta em média ou grande escala: () sim () não

9 ANEXOS

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Journal of Ethnopharmacology

Guide for Authors

I. Scope of the journal

The Journal of Ethnopharmacology is dedicated to the exchange of information and understandings about people's use of plants, fungi, animals, microorganisms and minerals and their biological and pharmacological effects based on the principles established through international conventions. Early people, confronted with illness and disease, discovered a wealth of useful therapeutic agents in the plant and animal kingdoms. The empirical knowledge of these medicinal substances and their toxic potential was passed on by oral tradition and sometimes recorded in herbals and other texts on materia medica. Many valuable drugs of today (e.g., atropine, ephedrine, tubocurarine, digoxin, reserpine) came into use through the study of indigenous remedies. Chemists continue to use plant-derived drugs (e.g., morphine, taxol, physostigmine, quinidine, emetine) as prototypes in their attempts to develop more effective and less toxic medicinals.

In recent years the preservation of local knowledge, the promotion of indigenous medical systems in primary health care, and the conservation of biodiversity have become even more of a concern to all scientists working at the interface of social and natural sciences but especially to ethnopharmacologists. Recognizing the sovereign rights of States over their natural resources, ethnopharmacologists are particularly concerned with local people's rights to further use and develop their autochthonous resources.

Accordingly, today's Ethnopharmacological research embraces the multidisciplinary effort in the documentation of indigenous medical knowledge, scientific study of indigenous medicines in order to contribute in the long-run to improved health care in the regions of study, as well as search for pharmacologically unique principles from existing indigenous remedies.

The Journal of Ethnopharmacology publishes original articles concerned with the observation and experimental investigation of the biological activities of plant and animal substances used in the traditional medicine of past and present cultures. The journal will particularly welcome interdisciplinary papers with an ethnopharmacological, an ethnobotanical or an ethnochemical approach to the study of indigenous drugs. Reports of anthropological and ethnobotanical field studies fall within the journal's scope. Studies involving pharmacological and toxicological mechanisms of action are especially welcome. Clinical studies on efficacy

will be considered if contributing to the understanding of specific ethnopharmacological problems.

The journal welcomes review articles in the above mentioned fields especially those highlighting the multi-disciplinary nature of ethnopharmacology. Commentaries are by invitation only. All reviews and commentaries are fully peer-reviewed. Potential authors are strongly encouraged to contact the Reviews Editor jethnopharmacol@pharmacy.ac.uk prior to writing a review. A one-page outline and a short C.V. of the (senior) author should also be included.

THE "RULES OF 5"

The Editors and Editorial Board have developed the "Rules of 5" for publishing in JEP. We have produced five clear criteria that each author needs to think about before submitting a manuscript and setting the whole process of editing and reviewing at work. Click [here](#).

II. Preparation of manuscripts

Authors who want to submit a manuscript should consult and peruse carefully recent issues of the journal for format and style. Authors must include the following contact details on the title page of their submitted manuscript: full postal address; fax; e-mail. All manuscripts submitted are subject to peer review. The minimum requirements for a manuscript to qualify for peer review are that it has been prepared by strictly following the format and style of the journal as mentioned, that it is written in good English, and that it is complete. Manuscripts that have not fulfilled these requirements will be returned to the author(s).

Contributions are accepted on the understanding that the authors have obtained the necessary authority for publication. Submission of multi-authored manuscripts implies the consent of each of the authors. The publisher will assume that the senior or corresponding author has specifically obtained the approval of all other co-authors to submit the article to this journal. Submission of an article is understood to imply that it is not being considered for publication elsewhere and that the author(s) permission to publish his/her article in this journal implies the exclusive authorization to the publisher to deal with all issues concerning copyright therein. Further information on copyright can be found on the Elsevier website.

In the covering letter, the author must also declare that the study was performed according to the international, national and institutional rules considering animal experiments, clinical studies and biodiversity rights. See below for further information. The ethnopharmacological importance of the study must also be explained in the cover letter.

Animal and clinical studies - Investigations using experimental animals must state in the Methods section that the research was conducted in accordance with the internationally accepted principles for laboratory animal use and care as found in for example the European Community guidelines (EEC Directive of 1986; 86/609/EEC) or the US guidelines (NIH publication #85-23,

revised in 1985). Investigations with human subjects must state in the Methods section that the research followed guidelines of the Declaration of Helsinki and Tokyo for humans, and was approved by the institutional human experimentation committee or equivalent, and that informed consent was obtained. The Editors will reject papers if there is any doubt about the suitability of the animal or human procedures used.

Biodiversity rights - Each country has its own rights on its biodiversity. Consequently for studying plants one needs to follow the international, national and institutional rules concerning the biodiversity rights.

1. Manuscript types

The Journal of Ethnopharmacology will accept the following contributions:

1. Original research articles - whose length is not limited and should include Title, Abstract, Methods and Materials, Results, Discussion, Conclusions, Acknowledgements and References. As a guideline, a full length paper normally occupies no more than 10 printed pages of the journal, including tables and illustrations
2. Ethnopharmacological communications (formerly Short Communications) - whose average length is not more than 4 pages in print (approx. 2000-2300 words, including abstract and references). A maximum of 2 illustrations (figures or tables) is allowed. See paragraph below for description and format.
3. Letters to the Editors;
4. Reviews - Authors intending to write review articles should consult and send an outline to the Reviews Editor (see inside front cover for contact information) before preparing their manuscripts. The organization and subdivision of review articles can be arranged at the author's discretion. Authors should keep in mind that a good review sets the trend and direction of future research on the subject matter being reviewed. Tables, figures and references are to be arranged in the same way as research articles in the journal. Reviews on topics that address cutting-edge problems are particularly welcome.
5. Book reviews - Books for review should be sent to the Reviews Editor.
6. Commentaries - invited, peer-reviewed, critical discussion about crucial aspects of the field but most importantly methodological and conceptual-theoretical developments in the field and should also provide a standard, for example, for pharmacological methods to be used in papers in the Journal of Ethnopharmacology. The scientific dialogue differs greatly in the social / cultural and natural sciences, the discussions about the common foundations of the field are ongoing and the papers published should contribute to a transdisciplinary and multidisciplinary discussion. The length should be a maximum of 2-3 printed pages or 2500 words. Please contact the Reviews Editorj. ethnopharmacol@pharmacy.ac.uk with an outline.
7. Conference announcements and news.

2. General procedures

The language of the Journal is English. Manuscripts should be neatly typed, double-spaced throughout, including tables, on pages of uniform size with at least 2.5 cm margins on all sides. Use one font type and size throughout the manuscript. Author(s) should not break or hyphenate words. When using an electronic printer, the right-hand margin should not be justified. Footnotes in text are not permitted. The text of the manuscript must be paginated, the first page being the title page. The manuscript, typed with double spacing and ample margins, should be submitted with a cover letter (containing the declaration that the study was performed according to the international, national and institutional rules considering animal experiments, clinical studies and biodiversity rights and a clear explanation of the ethnopharmacological importance of the study) and a completed Author Checklist ([click here](#)).

The following format and order of presentation is suggested.

2.1. Title, author(s), address(es)

The title should be no longer than 100 letters, including spaces. Initials or first and middle names followed by last name of the author or authors must be given (not last name followed by initials). If there are two or more authors with different addresses, use a superscripted letter (a, b, c etc.), not a number, at the end of the last name of each author to indicate his/her corresponding address. The full address of the corresponding author (the way the author wishes to be contacted) should be provided. The corresponding (usually, the senior) author, to whom correspondence and proofs will be sent, must be indicated by an asterisk and footnoted, and in the footnote, his/her telephone and fax numbers, and e-mail address must be indicated. Address(es) should be underlined or italicised.

2.2. Abstract

The abstract should be structured with five sub-headings: Ethnopharmacological relevance; Aim of the Study; Materials and Methods; Results; Conclusions. The text should not exceed 200 words and has to be presented at the beginning of the paper. Unsubstantiated speculation should not be included. Footnotes may not be used. References, if cited, must provide complete publication data.

2.3. Text layout

The text of a research paper should be divided into the following headings: Introduction, Methodology (or Materials and Methods), Results, and Discussion and conclusions. Each heading (and subheading) must be numbered using the convention established in the journal. Acknowledgements should come after Discussion and conclusions and before References; Acknowledgements and References are not to be numbered. Headings must be bold-faced and written in an upper-and-lower case style [not in caps], while

subheadings should be underlined or italicised. Tables and figures are to be placed at the end of the text, after References. Authors are required to include: (i) the chemical structure, formula and proprietary name of novel or ill-defined compounds; (ii) the w/w yield of prepared extracts in terms of starting crude material; (iii) complete formulation details of all crude drug mixtures; (iv) the voucher herbarium specimen number of the plant(s) studied in case of less well known plants, cited using the collector and collection number (e.g., Doe 123), and indicating the name of the herbarium institution where it has been deposited. All plant materials must be fully identified as in the following illustration: *Catharanthus roseus* (L.) G. Don f. *albus* Pich. (Apocynaceae) as authenticated by Dr. John Doe, Department of Botany, University of Connecticut.

2.4. Guidelines for Plant and Animal Names

All scientific names (Latin binomials) must be underlined or italicised throughout the text and in the tables and figures. For plant and animal species, full or complete scientific names, genus-species and the correct authority citation, must be used, when that name appears for the first time in text. The authority citation may be dropped in subsequent mention of that name throughout the text. The family name must follow the scientific name in parentheses when the name appears for the first time in the text. Full scientific names and the family name of the subject plants/animals must be used in the Abstract. Synonyms must be indicated in parentheses and preceded by the word "syn." followed by a colon. Authors are advised to consult the International Plant Name Index (IPNI) (<http://www.ipni.org> and W3Tropicos (<http://www.mobot.org>) web-based databases to determine the correct spelling of full plant scientific names. Generic names may be abbreviated (e.g., *C. roseus* for *Catharanthus roseus*), provided such practice does not lead to confusion; generic names, however, must not be abbreviated when the name appears for the first time in the text. Specific epithets must never be abbreviated; thus, the use of *Catharanthus r.* is not allowed.

2.5. Keywords

Authors are requested to assign 3-6 keywords to the manuscript, preferably taken from Index Medicus or Excerpta Medica Index, for abstracting and indexing purposes. These keywords should be typed at the end of the Abstract. Each keyword should start with a capital letter and be separated from each other by a semi-colon.

2.6. Tables, illustrations and graphs

Tables should be on separate sheets, one table per sheet, and should bear a short descriptive title. Footnotes in tables should be indicated by consecutive superscript letters, not numbers.

Figures should be original ink drawings, photographs or computer drawn figures in the original, and of high quality, ready for direct reproduction. Xerox copies are unacceptable as

they give unsatisfactory results after final printing. Figures should be drawn in such a way that they can be reduced to 8 cm in width (i.e., the column width); in exceptional cases a reduction to a width of 17.5 cm will be allowed. All lettering should be such that height of 1.2-1.5mm (minimum) of numbers and capital letters results after reduction. Numerical scales, scale and curve legends, and all other lettering within the figure itself should be drawn with a lettering guide (stencil) or should be done using stripleters (Letraset, etc). All figures should have captions. Each figure should be identified in the margin or at the back in a corner with the name of the author and the figure number. The figure captions should be on a separate sheet. One set of original drawings is required.

Colour illustrations should be submitted as original photographs, high-quality computer prints or transparencies, close to the size expected in publication, or as 35 mm slides. Polaroid colour prints are not suitable. If, together with your accepted article, you submit usable colour figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in colour on the web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in colour in the printed version. For colour reproduction in print, you will receive information regarding the total cost from Elsevier after receipt of your accepted article. The 2006 price for color figures is EUR 285 for the first page and EUR 191 for subsequent pages.

For further information on the preparation of electronic artwork, please see <http://www.elsevier.com/artworkinstructions>. Please note: Because of technical complications which can arise by converting colour figures to 'grey scale' (for the printed version should you not opt for colour in print) please submit in addition usable black and white prints corresponding to all the colour illustrations.

2.7. References

References should be referred to by name and year (Harvard system) chronologically in the text (e.g.: Brown and Penry, 1973; Stuart, 1979; Ageel et al., 1987) and listed alphabetically at the end of the paper. No ampersand should be used and the words "et al." should not be underlined or italicized. Only papers and books that have been published or in press may be cited. For papers in press, please cite the DOI article identifier. The Digital Object Identifier (DOI) is a persistent identifier which may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The DOI will never change. Therefore, it is an ideal medium for citing Articles in Press, which have not yet received their full bibliographic information. Unpublished manuscripts or manuscripts submitted to a journal but which have not been accepted may not be cited. Journal and book titles should not be underlined or italicised and should be given in full in the reference list, with no underline or italics.

Examples:

Journals:

Britton, E.B., 1984. A pointer to a new hallucinogen of insect origin. *Journal of Ethnopharmacology* 12, 331-333.

Books: Emboden, W., 1972. *Narcotic Plants*. Studio Vista, London, p. 24.

Multiauthor Books:

Farnsworth, N.R., 1988. Screening plants for new medicines. In: E.O. Wilson and F.M. Peter (Eds.), *Biodiversity*, National Academy Press, Washington, D.C., pp. 83-97.

Ethnopharmacological Communications (formerly short communications) are brief contributions on:

- isolation of biological active compound(s) from a traditional medicine,
- screening of a series traditional medicines for biological activity,
- study on a pharmacological activity of a traditional medicine,
- study on the toxicology of a traditional medicine.(click here) for examples of various formats.

Articles in Special Issues: Please ensure that the words 'this issue' are added (in the list and text) to any references to other articles in this Special Issue.

III. Submission:

All manuscripts (except reviews, commentaries and book reviews) must be submitted to (<http://www.elsevier.com/journals>)

Each Submission must include a cover letter (containing the declaration that the study was performed according to the international, national and institutional rules considering animal experiments, clinical studies and biodiversity rights and a clear explanation of the ethnopharmacological importance of the study) and a completed Author Checklist (click here).

If an author cannot submit their manuscript electronically, then please send to: Professor Dr R. Verpoorte

Editor-in-Chief, *Journal of Ethnopharmacology*

Division of Pharmacognosy

Institute of Biology

Leiden University

P.O. Box 9502

2300 RA Leiden

The Netherlands

IV. Copyright regulations for authors

Upon acceptance of an article, authors will be asked to sign a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright see <http://www.elsevier.com/copyright>). Acceptance of the agreement will ensure the widest

possible dissemination of information. An e-mail (or letter) will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult <http://www.elsevier.com/permissions>).

If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult <http://www.elsevier.com/permissions>.

V. Authors' rights

As an author you (or your employer or institution) retain certain rights; for details you are referred to <http://www.elsevier.com/authorsrights>.

VI. Correcting proofs and reprints

Proofs will be sent to the corresponding author. Elsevier is now sending PDF proofs by e-mail for correction. If an author is unable to handle this process, regular print proofs will be sent. Elsevier will do everything possible to get the article corrected and published as quickly and accurately as possible. Therefore, it is important to ensure that all corrections are sent back in ONE communication. Subsequent corrections will not be possible. Only typesetting errors may be corrected; no changes in, or additions to, the accepted manuscript will be allowed. Proofs should be returned to Elsevier within 48 hours. Twenty-five offprints of each paper will be supplied free of charge to the corresponding author. Additional offprints can be ordered at prices shown on the offprint order form that accompanies the copyright form.

VII. Language Services

Authors who require information about language editing and copyediting services pre- and post-submission please visit <http://www.elsevier.com/locate/languagepolishing> or contact authorsupport@elsevier.com for more information. Please note Elsevier neither endorses nor takes responsibility for any products, goods or services offered by outside vendors through our services or in any advertising. For more information please refer to our Terms & Conditions <http://www.elsevier.com/termsandconditions>.

VIII. Funding body agreements and policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors who publish in Elsevier journals to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit <http://www.elsevier.com/fundingbodies>.

IX. Author enquiries

For enquiries relating to the submission of articles (including electronic submission where available) please visit this journal's homepage at <http://www.elsevier.com/locate/jethpharm>. You can track accepted articles at <http://www.elsevier.com/trackarticle> and set up e-mail alerts to inform you of when an article's status has changed. Also accessible from here is information on copyright, frequently asked questions and more.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS MEDICINAIS

A Revista Brasileira de Plantas Mediciniais [RBPM] é uma publicação quadrimestral e destina-se à divulgação de trabalhos científicos originais, revisões bibliográficas, notas prévias e comunicações, que deverão ser inéditos e contemplar as grandes áreas relativas ao estudo de plantas medicinais. Manuscritos que envolvam ensaios clínicos deverão vir acompanhados de autorização de Comissão de Ética constituída, para realização dos experimentos. Os artigos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol, sendo sempre obrigatória a apresentação do resumo em português e em inglês, independente do idioma utilizado. Os artigos devem ser enviados em 3 vias ou através do e-mail: rbpm@ibb.unesp.br, em espaço duplo, com margens de 3cm e os arquivos gravados em disquete de 3 1/2" ou CD (inclusive figuras). A digitação deverá ser feita no "Word for Windows" (em letra Arial 12) e editores gráficos compatíveis, como Excel, Harvard Graphics, etc. Artigos muito extensos, fotografias e gráficos coloridos podem ser publicados, a critério da Comissão Editorial, se o autor se comprometer, mediante entendimentos prévios, a cobrir parte das despesas de publicação. Deverão ser enviadas cinco etiquetas auto-adesivas, contendo nome do autor e endereço completo para envio de correspondência, incluindo número do telefone/fax do autor, para contatos mais urgentes. Assinaturas podem ser feitas no endereço: www.ibb.unesp.br/rbpm.

REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS, NOTAS PRÉVIAS E COMUNICAÇÕES

Revisões, Notas prévias e Comunicações deverão ser organizadas basicamente em: Título, Autores, Resumo, Palavras-chave, Abstract, Key words, Texto, Agradecimento (se houver) e Referência Bibliográfica.

ARTIGO CIENTÍFICO

Os artigos deverão ser organizados em:

TÍTULO: Deverá ser claro e conciso, escrito apenas com a inicial maiúscula, centralizado, na parte superior da página. Se houver subtítulo, deverá ser em seguida ao título, em minúscula, podendo ser precedido de um número de ordem em algarismo romano. Os nomes comuns das plantas medicinais devem ser seguidos pelo nome científico (binômio latino e autor) entre parênteses.

AUTORES: O último sobrenome dos autores deverá ser colocado por extenso (nomes intermediários somente iniciais) em letras maiúsculas, 2 linhas abaixo do título. Após o nome de cada autor deverá ser colocado um número sobrescrito que deverá corresponder ao endereço: instituição, endereço da instituição (cidade, sigla do estado, CEP, e-mail). Indicar o autor que deverá receber a correspondência.

Os autores devem ser separados com ponto e vírgula.

RESUMO: Deverá constar da mesma página onde estão o título e os autores, duas linhas abaixo dos autores. O resumo deverá ser escrito em um único parágrafo, contendo objetivo, resumo do material e método, principais resultados e conclusão. Não deverá apresentar citação Bibliográfica.

Palavras-chave: Deverão ser colocadas uma linha abaixo do resumo, na margem esquerda escrita em negrito, podendo constar até cinco palavras.

ABSTRACT: Apresentar o título e o resumo em inglês, no mesmo formato do redigido em português, com exceção do título, apenas com a inicial em maiúscula, que virá após a palavra ABSTRACT.

Key words: Abaixo do Abstract deverão ser colocadas as palavras-chave em inglês.

INTRODUÇÃO: Na introdução deverá constar breve revisão de literatura e os objetivos do trabalho. As citações de autores no texto deverão ser feitas de

acordo com os seguintes exemplos: Silva (1996);Pereira & Antunes (1985); (Souza & Silva, 1986) ou quando houver mais de dois autores Santos, Barros e Araújo (1996).

MATERIAL E MÉTODO (CASUÍSTICA): Deverá ser feita apresentação completa das técnicas originais empregadas ou com referências de trabalhos anteriores que as descrevam. As análises estatísticas deverão ser igualmente referenciadas. Na metodologia deverão constar os seguintes dados da espécie estudada: Nome popular; Nome científico com autor e indicação da família botânica; Nome do botânico responsável pela identificação taxonômica; Nome do herbário onde a excicata está depositada e o respectivo número (Voucher Number); época e local de coleta, bem como, a parte da planta utilizada.

RESULTADO E DISCUSSÃO: Poderão ser apresentados separados ou como um só capítulo, contendo no final conclusão sumarizada. **AGRADECIMENTO:** deverá ser colocado neste capítulo (quando houver).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA: As referências devem seguir as normas da ABNT 6023. Colocar até três autores, quando mais colocar o primeiro seguido de et al. Exemplos:

Periódicos: AUTOR(ES) separados por ponto e vírgula. Título do artigo. Nome da Revista, por extenso, volume, número, página inicial-página final, ano. KAWAGISHI, H. et al. Fractionation and antitumor activity of the water-insoluble residue of *Agaricus blazei* fruiting bodies. Carbohydrate Research, v.186, n.2, p.267-73, 1989.

Livros :

AUTOR. Título do livro. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Total de páginas.

MURRIA, R.D.H.; MÉNDEZ, J.; BROWN, S.A. The natural coumarins: occurrence, chemistry and biochemistry. 3.ed. Chinchester: John Wiley & Sons, 1982. 702p.

Capítulos de livros:

Oliveira, F.C.S. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido...

AUTOR(ES) DO CAPÍTULO. Título do Capítulo. In: AUTOR (ES) do LIVRO. Título do livro: subtítulo. Edição. Local de Publicação: Editora, ano, Página inicialpágina final.

HUFFAKER, R.C. Protein metabolism. In: STEWARD, F.C. (Ed.). Plant physiology: a treatise. Orlando: Academic Press, 1983. p.267-33.

Tese ou Dissertação:

AUTOR. Título em destaque: subtítulo. Ano. Total de Páginas. Categoria (grau e área de concentração) – Instituição, Universidade, Local.

OLIVEIRA, A.F.M. Caracterização de Acanthaceae medicinais conhecidas como anador no nordeste do Brasil. 1995. 125p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) – Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.